

A Esposa Perfeita

Jo Ann
Ferguson



Julia

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Jo Ann Ferguson

A Esposa Perfeita

Tradução
Sulamita Pen

Querida leitora,

O casamento de Regina com o marquês de Daniston tinha tudo para dar errado... Bonita, inteligente e articulada, Regina foi obrigada pelo pai a se casar por procuração com um homem que não conhecia e a ir para a Inglaterra com a finalidade de cuidar da casa do marido e lhe dar um herdeiro, sem dar palpite em seus negócios. Mas do momento em que se conheceram, as fagulhas de uma atração tão poderosa que nenhum dos dois poderia negar ameaçavam explodir numa paixão arrebatadora que incendiaria seus relutantes corações...

No estilo romântico e cativante de Jo Ann Ferguson, nos brinda com uma história de amor fascinante e inesquecível!



Leonice Pomponio
Editor

Sobre a Autora

“Uma das minhas lembranças mais queridas é de estar deitada na grama num morrinho, no final do verão, contando à minha irmã histórias que eu ia inventando na hora!”, diz **Jo Ann Ferguson**, que também assina suas obras como J.A. Ferguson, Joanna Hampton, Jo Ann Brown e Rebecca North. “Existe algo mágico em poder passar algum tempo com pessoas que você curte na sua imaginação. Como escritora, eu acompanho meus personagens à época e ao lugar deles, para poder compartilhar suas aventuras e me apaixonar pela primeira vez... de novo, de novo e de novo.”

Jo Ann já viveu algumas aventuras na vida real, incluindo o posto de contramestre no Exército, onde era a primeira e única mulher em sua unidade. Ela adora viajar para os locais de suas histórias e aprender tudo o que pode sobre os lugares e as pessoas. Fazer pesquisas para escrever seus livros faz parte da diversão. Seja qual for o tema ou o cenário da história, mesmo que este só exista na imaginação, ela está sempre atenta aos detalhes que encantam as leitoras. Ela chegou até a estudar um pouco de Russo, Árabe, Galês e gíria da época da Regência, para tornar mais verossímeis as tramas de seus livros.

A obra de Jo Ann já lhe rendeu inúmeros prêmios e indicações – da *Pearl*, *ROMY*, *Romantic Times*, *Rom/Com* e *Affaire de Coeur*. A Amazon elegeu os livros de Jo para figurar no mostruário de seu site de livros, e a Associação de Escritores de Romances da América concedeu duas vezes o prêmio *ARTemis* por dois romances de Jo: *The Counterfeit Count* e *A Christmas Bride*.

Jo Ann também gosta de escrever não-ficção; ela colaborou na edição de uma enciclopédia sobre o período da Regência na Inglaterra, publicada pela Garland Press, e participou de seminários para novos escritores. Também criou e ministrou cursos de redação criativa em universidades, tendo encaminhado vários alunos a uma carreira de sucesso como escritores.

Jo Ann mora em Massachusetts, com seu herói predileto – o marido, Bill – os dois filhos do casal e dois gatos. Ela não sabe dizer qual deles é o mais

mimado

Capítulo I

Marcus Aurelius Octavius Whyte, terceiro marquês de Daniston e herdeiro de Sua Alteza, o duque de Attleby, acordou, fitou o ombro macio da amante e blasfemou.

Chegara o dia em que teria de conhecer sua esposa!

Pulou da cama e tocou a sineta para chamar o criado pessoal. Onde estava Andrews? O camarada não poderia esquecer a importância daquele dia.

— Marcus?

Relanceou um olhar para a cama e não pôde deixar de sorrir ao ver o rosto atraente. Querida Jocelyn! Ela fora um achado! Era com orgulho que se lembrava da madrugada em um parque bem ao longe de Mayfair, quando tivera de convencer o último amancebado da jovem a respeito de suas intenções sérias de tomá-la como amante. Ouvira rumores de que ninguém suplantava o capitão Stapleton quando desafiava um amigo. Na verdade, Marcus tinha de aceitar que a humilhação sofrida por Stapleton naquela noite se devia às inúmeras garrafas de vinho que o capitão consumira. Pouco importava. Marcus desejava Jocelyn e conseguira.

Tudo seria perfeito, não fosse pela esposa que lhe impingiam. A família, preocupada com sua insistência em permanecer solteiro e em consequência sem um filho para herdar o título, arranjara aquele casamento.

— Querida, sinto perturbá-la — Marcus murmurou e abaixou-se para beijar o ombro desnudo. A pele de Jocelyn tinha um perfume delicioso dos cremes que ela enfileirava no toucador situado perto da janela.

Encontrara essa pequena casa na cidade, bem perto de Berkeley Square, o que era muito conveniente, e deixara a decoração por conta de Jocelyn. Deplorava o quarto com tantas rendas e frivolidades, mas era o que combinava com ela. Jocelyn era o epítome da feminilidade, ansiosa por adorar e ser adorada, exatamente o que ele desejava em uma mulher.

— Mal amanheceu — ela se queixou. — Por que você vai embora tão cedo?

— Volte a dormir. Retornarei o mais depressa possível.

— Esta noite?

Marcus pegou o calção. Onde estava o maldito Andrews? Precisava de um colarinho limpo antes de voltar para a casa de seu pai em Berkeley Square.

— Talvez eu não possa vir hoje — ele afirmou com estudado pouco-caso, enquanto abotoava o calção.

— Meu amor, você sabe o quanto eu queria ir esta noite à festa de lady St. Giles.

— Querida, não insista. Será impossível.

— Eu planejava usar o meu vestido dourado novo, aquele que você estava ansioso para ver.

Marcus agradeceu estar de costas para ela. Agradava-o a elegância de Jocelyn usando um dos trajes da coleção que lhe custava tão caro, mas não se imaginava *ansioso* para ver nenhuma roupa nova.

— Terei de adiar o prazer para outra ocasião — ele contornou, calçando as botas.

— Mas por quê?

— Tenho um compromisso esta noite, minha querida.

Jocelyn sentou-se, segurando o lençol de encontro aos seios volumosos, mas de maneira a deixar visíveis as curvas voluptuosas. O sono não lhe suavizava o rosto e Marcus imaginou se ela não fingia a sonolência para arrastá-lo de novo para a cama. O jogo que funcionara em outros dias, não teve efeito.

— *Ela vem hoje, não é?* — Jocelyn gritou.

— Meu bem, eu a avisei que este dia se aproximava.

— Você voltará para mim?

Os imensos olhos azuis, encantadores e extravasando promessas, fizeram-no pensar em ficar ali mais uma hora ou duas, e ele acariciou as longas tranças negras.

— Meu amor, não se preocupe em demasia. Ela será apenas uma esposa.

— Uma esposa que não entenderá suas necessidades!

— Mas eu tenho você. — Marcus vestiu a camisa e fez uma careta ao ver a mancha em uma das mangas. Esperava que Andrews fosse capaz de remover a nódoa de vinho que Jocelyn derramara nele na última noite. Seu criado particular se queixaria, mas faria um milagre... como sempre.

— Ah, fico feliz em ouvir essas palavras! — Ela sorriu. — Tenho estado muito ansiosa pela expectativa de ser deixada de lado com a vinda de sua

esposa a Londres.

— Ela é somente minha esposa. E será o que uma esposa deve ser.

Jocelyn endireitou-se, sentou-se sobre as pernas e cruzou os braços diante de si.

— Marcus, o quer dizer isso? — ela sussurrou com um meio sorriso.

— Regina Morrissey...

— Regina Whyte.

Marcus vestiu o colete com um trejeito, sentou-se no banco aos pés da cama de Jocelyn, pôs a mão no joelho dela e a olhou.

— Não precisa lembrar-me desse fato desagradável. Quando meu pai insistiu no casamento, deixei claro que eu só aceitaria uma mulher de ótima linhagem e bem treinada para administrar Attleby Court, enquanto eu permaneceria na capital.

Jocelyn não chegou a responder. Uma batida soou na porta. A jovem cerrou as sobrancelhas e puxou o lençol até o pescoço.

Marcus suspirou. Não havia a menor esperança de afeição entre Andrews e Jocelyn. Quando estava na casa de Jocelyn, Andrews agia como o duque, pensando somente na necessidade de um herdeiro para o título Attleby. Pelo gosto de seu pai e de Andrews, ele teria se casado muito antes de seu aniversário de vinte e nove anos que fora no mês anterior. Seria preferir sofrer no inferno a submeter sua vontade e sua vida a eles. Ele se tornaria tão enfadonho quanto o pai. Não se lembrava da última vez em que o pai estivera no clube em St. James's nem que ele fizera algo mais imprudente do que trapacear em um jogo de uíste.

Andrews entrou no quarto, curvando os ombros estreitos. Sem olhar para a cama, estendeu o colarinho que Marcus pretendia pedir-lhe para encontrar. Sua postura deixava evidente que preferia estar em qualquer lugar, menos no quarto de Jocelyn Simpson.

— Estamos de saída, milorde?

Marcus não podia provar que Andrews escutava atrás das portas, mas de que outra forma imaginar que o serviçal sempre sabia o que ele planejava?

— Traga os cavalos — ele ordenou enquanto abotoava o colete. — Temos de retornar a Berkeley Square com rapidez.

— Sim, milorde. Iremos a toda velocidade.

Marcus fitou-o de revés. Andrews o servia havia muitos anos e não deixaria escapar mais de uma ponta de alívio na voz. O que Andrews

achava tão engraçado? Droga! Marcus fazia a vontade do pai ao se unir a uma mulher que não conhecia. Não deveriam esperar dele nada além do que gerar um herdeiro saudável.

Era apenas uma questão de negócios. Dissera isso a si mesmo quando vira a pilha de papéis, na qual se delineavam suas obrigações de marido, que lhe fora apresentada pelo advogado de seu pai. Uma leitura rápida deixara-o ciente de que o casamento seria vantajoso para Regina Morrissey. O pai dela fora um segundo filho e ganhava o sustento a serviço da Coroa. Essa vida o mantivera longe da costa inglesa logo após o nascimento de sua única filha. Marcus suspeitava de que sua esposa, embora achasse difícil pensar dessa maneira a respeito de qualquer mulher, seria muito agradecida por escapar da vida selvagem de Argel, onde seu pai prestava serviços, para retornar a Londres. Marcus não desejava essa gratidão. Queria, tão-somente, acabar com os olhares desolados da avó nas ocasiões em que outro dos amigos dele se casava.

Andrews saiu, fechou a porta e Marcus procurou a cartola que deixara sobre a mesa redonda ao lado da janela. Não estava ali.

— Lady Daniston corresponderá às suas expectativas? — Jocelyn atraiu a atenção sobre ela.

— Pelo menos foi o que me asseguraram. — Ele ficou em pé, sorriu e beijou-lhe o rosto. — Rezo para ela ser tudo o que espero. Uma esposa bem-nascida e bem-educada, e poderei estar assegurado que terei o herdeiro que tanto preocupa meu pai. Então poderei voltar para seu lado, meu amor, e para nossos momentos deliciosos.

Jocelyn ficou de joelhos e passou um dedo na frente do colete de Marcus.

— Lamentarei cada segundo em que estivermos separados.

— Eu também, mas tenho esperança de que tudo se acerte para nós. Será uma separação temporária e ela poderá aliviar a vovó de seus inúmeros deveres de administrar a casa.

Jocelyn franziu o nariz. Não podia esconder o desagrado pela viúva duquesa de Attleby, pois a idosa senhora a humilhara em público, recusando-se a cumprimentá-la.

— Espero que sim. — Ela viu Marcus virar-se para procurar o chapéu que talvez houvesse deixado no hall inferior. — Também creio poder continuar contando com sua ajuda para manter minha casa.

Marcus vestiu o casaco de veludo azul e ajeitou-o ao redor do colarinho limpo que estava acima da gravata amarrada às pressas.

— Meu bem, as instruções dadas a Bryson para mandar-lhe a pensão semanal não mudarão.

— Obrigada, meu amor — ela murmurou com voz rouca que sempre o inflamava. Aquele dia não foi uma exceção, mas ele resistiu e não a tomou nos braços. — Gosto de Bryson. A maioria dos advogados é ranzinza, mas Bryson sempre tem um sorriso quando aparece.

— Espero que seja sempre a negócios.

Jocelyn estreitou os olhos e fitou-o, coquete.

— Será que percebi traços de ciúmes em sua voz?

— Seria uma possibilidade, se Bryson estivesse nadando em ouro suficiente para satisfazer seus caprichos. — Ele riu e segurou o trinco. — Eu lhe desejo um bom dia, minha querida.

— Como é ela? — Jocelyn perguntou, enquanto Marcus levantava o trinco.

— Por que essa obsessão por Regina? — Ele se virou para vê-la.

Jocelyn vestiu o penhoar de seda azul e saiu da cama para postar-se ao lado dele.

— Não posso deixar de estar interessada em sua esposa, Marcus. Afinal, ela o está tirando de mim.

— Temporariamente, minha querida. — Ele a abraçou pela cintura, enquanto a beijava com ardor. Notou, como acontecera na noite anterior, que ela estava ainda mais magra. Ele preferia formas mais cheias a ossos duros, mas aquela não era a hora certa para discutir isso. Toda sua atenção concentrou-se nos lábios que o beijavam. Em seguida, afastou-se um pouco. — Jocelyn, você está se preocupando em excesso.

— Fale-me a respeito dela e eu me sentirei melhor.

— Não tenho tempo. Tenho de estar em Berkeley Square quando ela chegar de Dover.

— Marcus, por favor!

Marcus olhou o reflexo no vidro e ajeitou a gravata. Jocelyn não costumava ser tão persistente. Ela sempre provocava antes de ceder. Supunha que ela não quisesse falar sobre sua esposa, por isso procurara ali um porto seguro para passar a noite.

— Disseram-me que Regina tem um ótimo caráter.

— E como ela se parece?

— Não a vi. — Ele tirou do bolso interno do casaco um medalhão de ouro e o abriu.

Jocelyn inclinou-se para ver o pequeno retrato. Os cabelos negros bateram no braço de Marcus e o leve perfume exalado trouxe fantasias à sua mente. Ele cerrou os dentes e afastou os pensamentos prazerosos. Não havia tempo para ficar com Jocelyn, sabendo que sua esposa chegaria à tarde.

— Não dá para ver o rosto — Jocelyn queixou-se. — Ela parece muito jovem.

— O pai dela escreveu ao meu que esta é mais recente miniatura que possui. Pelo visto, ela nunca posou para outra. — Ele inclinou o pingente para enxergar melhor o retrato minúsculo.

Era o rosto de uma criança de olhos grandes e de não mais de doze anos. Os cabelos claros estavam puxados para trás, mas o pintor não era um perito. Ou a viagem pelo oceano até a Inglaterra havia estragado a pintura. Mal se distinguiam as feições que tinham de ser imaginadas.

Jocelyn riu com alegria.

— Marcus, você se casou com uma criança. Vai esperar até ela atingir a idade para consumir o enlace? — Ela continuou a dar risadinhas e a bater palmas, antes de se sentar no banco ao lado da cama.

— Disseram-me que a pintura foi feita há vários anos.

— Mesmo assim, ela pode ter acabado de sair do colégio.

Marcus irritou-se. Jocelyn não costumava aborrecê-lo e ele desejou que essa discussão desagradável se desse em outra ocasião. As palavras dela espelhavam seus próprios pensamentos quando o pai lhe dera o medalhão no mesmo dia em que os papéis do casamento por procuração tinham sido assinados e enviados a Argel por um mensageiro.

Ora, essa era boa! Ignorava completamente o dia em que Regina Morrissey se tornara sua esposa. Ela mesma traria a informação naquela tarde. Se seu pai tivesse mais senso de humor, ele poderia acusá-lo de ter orquestrando essa união ridícula por causa da recusa sistemática do filho em escolher uma das mulheres que tinham sido apresentadas a ele ao longo dos anos.

— Ah, perdoe-me, meu amor. — Ela o enlaçou com os braços finos. — Eu o desagradei.

— Não é você que me desagrada. — Marcus foi sincero, mas desvencilhoun-se do abraço. — Jocelyn, preciso ir. Seria um desastre chegar atrasado ao primeiro encontro com minha esposa.

— Volte o mais rápido que puder. — Ela fez um biquinho com os lábios. — Não gosto de ficar sozinha.

— Eu sei. — Marcus deu-lhe um beijo rápido antes de abrir a porta. Entendera o aviso. Se ele não a visitasse com regularidade, ela encontraria outro protetor. Já enfrentara um duelo por causa de Jocelyn; não pretendia meter-se em outro.

Marcus gostou de ver Andrews ao lado do degrau inferior da escada no saguão redondo. Seu criado segurava a cartola perdida.

— Pensei que ela estivesse em cima.

— Foi onde milorde a deixou, mas achei que seria melhor trazê-la para perto da porta.

— Quando você fez isso? Por quê?

— Eu não queria que milorde saísse sem o chapéu, caso a sra. Simpson o dispensasse.

— Você não perde as esperanças, não é?

— Não. — Apesar do semblante sério, Marcus viu o brilho no olhar do rosto enrugado.

Ele pôs a cartola na cabeça e foi até a rua onde dois cavalos esperavam com paciência. Deu um tapinha amigável no cavalo marrom e castrado. Por um segundo, teve inveja do animal que não precisava se preocupar em gerar um herdeiro nem em satisfazer os desejos de duas mulheres.

A brisa de verão roçava seu rosto, enquanto seguia o tráfego ao longo da Bruton Street no sentido da Berkeley Square. Atrás dele, ao contrário do hábito, Andrews mantinha silêncio. Nos outros dias, quando saíam da casa de Jocelyn, o criado tagarelava como um macaco africano.

— Não precisa ficar tão macambúzio — Marcus disse por sobre o ombro.

— A duquesa esperava que milorde permanecesse em casa a noite passada para cuidar dos preparativos finais para a chegada de lady Daniston. — As palavras estavam muito próximas de uma censura jamais expressada pelo criado.

— Nem você nem minha avó deveriam preocupar-se com minha ausência na chegada de lady Daniston. Mesmo com esse tempo excelente,

ela não chegará a Berkeley Square antes do meio da tarde.

Andrews murmurou qualquer coisa ininteligível.

— O que foi que disse? — Marcus diminuiu a marcha do cavalo para ficar lado a lado com Andrews. — Prefiro ouvir suas opiniões a escutá-lo resmungar.

O homem magro hesitou. Por ter começado a trabalhar para a família bem antes do nascimento de Marcus, em geral Andrews se expressava com sinceridade.

— Eu apenas disse ter sido uma lástima milorde não ter podido esperar milady no cais.

— Eu poderia ficar sentado durante dias no porto. Até minha avó finalmente entender que seria mais sensato lady Daniston mandar um mensageiro avisar-nos de sua chegada na Inglaterra e vir para Londres na diligência de posta. É evidente que eu também não gostaria que minha esposa ficasse me esperando em Dover enquanto eu ia a seu encontro. Dessa maneira foi muito mais lógico.

— Tem razão, milorde — Andrews concedeu, sem convicção.

Marcus incitou o cavalo para diante com uma leve batida e deixou o criado para trás. Que homem insensível! Pensara que, no último momento, Andrews teria um pouco de simpatia por ele e por essa situação ridícula.

Ao chegar a Berkeley Square, ele constatou que, felizmente, nenhum de seus vizinhos estava do lado de fora de casa. Lorde Moore dera uma festa a noite anterior para anunciar o noivado de seu sobrinho com a filha do sr. Johnson. Na certa, a maioria dos moradores da quadra, que não era quadrada, estivera presente ao evento e ainda deveria estar dormindo pelo cansaço da festa.

Ouviu o clamor dos vendedores que chegavam àquela hora para oferecer seus produtos aos cozinheiros das mansões. Seu estômago reclamou. Um bom café da manhã o reanimaria e o ajudaria a acalmar a ansiedade pelo dia que teria de enfrentar. Ler o jornal e divertir-se com os boatos das colunas sociais o faria esquecer a esposa que não desejava.

No meio do jardim da praça, uma sombra moveu-se perto da estátua de George III. Marcus odiava a estátua que, além da base deselegante, tinha o rei vestido como Marcus Aurelius da Roma Antiga. Na certa, seu pai olhara pela janela quando o filho e herdeiro nascera, e resolvera dar-lhe aquele nome clássico. Marcus estreitou os olhos por causa do sol e espiou a

estátua, curioso. Estava certo de que o movimento fora mais do que um jogo de luz sob as árvores.

Ele cavalgou em direção da casa de seu pai que ficava a oeste do quarteirão e espiou novamente o centro da praça. A sombra era um homem. Marcus o vira no dia anterior. O homem de cabelos escuros estivera parado no mesmo lugar, fumando um charuto idêntico.

O homem espiou na direção dele e os olhares se cruzaram. Marcus parou em frente da fachada de tijolos da casa dos Attleby e não se surpreendeu ao ver o homem caminhando em sua direção, o que, no entanto, pareceu-lhe peculiar. Poucos estranhos falavam com os residentes da Berkeley Square. Talvez o homem houvesse se mudado para uma das residências vazias do lado oposto da quadra.

— Bom dia, lorde Daniston. — O camarada era de estatura baixa, tinha ombros largos e seu rosto parecia ter sofrido vários ataques de bola no passado. A roupa, ainda em bom estado, embora não fosse feito de tecido excelente, não o rotulavam como um morador daquela quadra.

— Eu o conheço?

— Não fomos apresentados, mas *eu* o conheço, milorde. — Ele cumprimentou Marcus com um toque no chapéu. — Permita que eu me apresente. Allen Pennant.

Marcus entregou as rédeas do cavalo a um rapaz que viera correndo assim que o vira parar em frente da residência e esperou o garoto se afastar.

— Sr. Pennant, existe um motivo para sua aproximação? Hoje não tenho tempo para falatórios inúteis.

— Nenhum motivo além de cumprimentá-lo. — Ele novamente tocou no chapéu. — Milorde, tenha um ótimo dia.

Andrews aproximou-se enquanto Pennant voltava para o jardim no meio da quadra.

— O que ele estava fazendo aqui? — o criado perguntou, engasgado.

— Pennant? — Marcus deu de ombros e caminhou até os degraus que conduziam à porta da residência. Parou ao escutar Andrews correr atrás dele. — Por que essa preocupação com Pennant?

— Não me agrada a ideia de ter um deles por aqui.

— Deles, quem?

— Um desses policiais da equipe dos Bow Street Runners.

Marcus segurou o corrimão de ferro da passagem e fixou em Andrews um de seus olhares mais ferozes.

— Como você sabe que o sujeito faz parte dos Bow Street?

— Ele tem a aparência de um deles — Andrews resmungou.

A testa franzida de Marcus se transformou em um sorriso e ele bateu no ombro do serviçal. Uma suspeita passou por sua mente.

— Essa é uma ideia sua?

— Não, milorde.

— Não quero ouvir seus protestos fingidos de inocência. Mesmo se ele for um dos Bow Street Runners, o que não creio, por hoje tenho problemas suficientes sem ter de procurar por outros onde não existem. Vamos. Terei sorte se meu desjejum estiver à minha espera. — Marcus estranhou Andrews não se mover. — Afinal, o que um Bow Street Runner estaria fazendo por aqui? Nesta região não há criminosos, a menos que esteja pensando que a sra. Trench deveria ser punida por servir um vinho sem gosto em sua última reunião.

— Não sei, milorde. — O rosto tornou-se ainda mais comprido. — Mas tem de haver algo errado.

— Tem razão. Meu café da manhã logo estará frio. — Rindo, Marcus subiu até a porta. Andrews gostava de uma brincadeira. Essa devia ser a maneira de tentar ajudá-lo a esquecer o dia que o aguardava. Mais tarde, quando Andrews confessasse a artimanha, ele agradeceria a seu criado.

Um Bow Street Runner em Berkeley Square? Ainda por cima um que vinha se apresentar espontaneamente? Aquele era, sem dúvida, o melhor gracejo que Andrews inventara e Marcus estava certo, ao espiar por sobre o ombro o homem que se apresentara como Pennant, nome nada convencional, em pé ao lado da estátua, que ele e Andrews ririam muito nos próximos dias.

Ele precisaria de algo para rir, pois suspeitava de que sua esposa complicaria sua vida de todas as maneiras.

Capítulo II

Regina Morrissey Whyte olhava para fora da janela da diligência e desejava ter algum meio de convencer o sr. William Bobbs a calar a boca. Fazia varias horas, desde que haviam saído de Dover, o homem falava sem parar.

Não queria parecer mal-educada, mas o camarada desfiava um rosário interminável de palavras entre uma e outra inspiração de ar. E nenhum comentário se aproveitava. O falastrão valia por dois e, no momento, criticava o alfaiate que lhe cobrara uma pequena fortuna para fazer o casaco.

— A senhorita também padecerá do mesmo sofrimento quando for visitar sua modista. — Ele se inclinou na direção dela, como se fizesse uma confidência rara. — A senhorita achará o preço de um vestido novo muito mais alto aqui em Londres do que na zona rural.

Regina gostaria que um dos outros viajantes do veículo, todos cheirando a suor, poeira e outras coisas que não queria imaginar, interferisse na conversa para poupá-la de ter de responder a esse tagarela inconsequente. Nisso, a diligência sacolejou e ela bateu o ombro na lateral do coche, apertando a pequena bolsa nas mãos. Esfregou o lugar onde logo se formaria uma mancha e teve de falar.

— Sr. Bobbs, agradeço muito seu aviso.

Nem mesmo seu tom frio de voz serviu para emudecer o homem.

— Presumo por tudo que senhorita disse...

Tudo o que eu disse?

Regina não tivera chance de dizer mais de dez palavras durante a viagem em que o sr. Bobbs não fechara a boca.

— ...que nunca estive na capital.

— Estive uma vez, há muitos anos.

— Tenho certeza de que a senhorita encontrará em Londres muitos atrativos para uma jovem. — Ele piscou um olho com lentidão.

Aquilo era demais

— Com certeza, meu marido ficará encantado em me levar para conhecer todas as atrações.

— Marido?

— Sim, lorde Daniston. Talvez o senhor o conheça. — Ela sorriu com condescendência. — O pai dele é o duque de Attleby.

O sr. Bobbs murmurou qualquer coisa e aquietou-se em um silêncio inesperado. Regina refletiu por que não lhe ocorrera mencionar o fato muitos quilômetros atrás. Se o tivesse feito, ficaria livre do tagarelar daquele homem impertinente.

Olhou novamente pela janela e viu que o número de construções se avolumava na beira da estrada. Talvez não devesse ter dito nada. Não gostava de ferir desnecessariamente os sentimentos de uma pessoa, ainda mais os de um beócio como o sr. Bobbs parecia ser. *Havia sempre uma solução para deixar todos satisfeitos.* Quantas vezes seu pai dissera isso? Ele vivia segundo esse axioma e não por acaso era um dos mais respeitados diplomatas da Inglaterra, mesmo nos anos turbulentos em que a paz parecia impalpável, na época em que Napoleão e seus homens apossavam a Europa.

— Papai — ela murmurou em um fio de voz que não se escutava por causa do barulho das rodas da carruagem lotada e da voz do sr. Bobbs que começara a falar com o homem sentado ao lado dele. — Papai, eu gostaria que o senhor estivesse aqui para me ajudar.

Jamais deixe alguém ver que você está nervosa. Se aparentar calma em uma situação desconfortável, ganhará o respeito dos que a rodeiam. A voz de seu pai era tão clara como se estivesse a seu lado.

Na verdade, mal passara uma quinzena desde que se despedira do pai na porta da casa deles em Argel. Ficara chocada quando ele a procurara, alguns dias antes da partida, para informá-la de que deveria casar-se com lorde Daniston em uma cerimônia por procuração naquela mesma tarde. Mais depressa do que pudera acreditar, a cerimônia terminara, seus pertences tinham sido empacotados e a passagem fora comprada.

Naquela altura, ela estava em uma terra estranha. Nunca vira campos ondulantes a perder de vista nem colinas verdes como aquelas. As construções também eram diversas das que estava acostumada a ver em Argel. Nas pequenas aldeias por onde haviam passado, vira igrejas completamente diferentes das mesquitas com os minaretes que se erguiam bem acima da cidade. As casas dali eram de madeira, em vez de feitas de pedras. Até os pássaros das árvores, que voavam com a passagem do coche, não eram parecidos com os de Argel.

Regina nem mesmo estava certa se gostava daquelas novidades, principalmente da ideia de um marido que nunca vira.

A estalagem de posta era um local lúgubre em meio ao denso nevoeiro. Havia muito desaparecera qualquer vestígio da cal que poderia clarear a madeira envelhecida. Os gritos de galinhas, cachorros e crianças saudaram o coche que parou no pátio entre a estalagem e a estrebaria igualmente em mau estado.

Regina agarrou a bolsa com firmeza, quando a porta foi aberta. Sorriu para o cocheiro que a ajudou a descer. Com os joelhos endurecidos pela longa viagem, teria caído, se não fosse o auxílio do camarada.

— Milady, gostei muito de sua companhia — o sr. Bobbs afirmou, pulando como um pássaro. Tocou na aba do chapéu em um cumprimento. — Espero que aproveite sua estadia na capital.

Eu também, ela pensou e deu um leve sorriso. Espiou ao redor da estalagem e estremeceu na tarde abafada pela umidade. O nevoeiro exalava cheiro de fumaça e excrementos animais. Com cuidado, andou entre os passageiros e os baús que eram descarregados.

— Lady Daniston?

Ela se virou e viu um homem magro de libré vermelho que a fitava.

— Sim?

— Lady *Daniston*?

Regina não se surpreendeu com a incerteza na voz do cocheiro. Ela deveria estar com aspecto horrível depois da viagem longa no veículo lotado.

— Sim? — ela repetiu com o restante de dignidade que conseguiu reunir e tornou a dar um sorriso.

— A carruagem está ali, milady. — O homem inclinou ligeiramente a cabeça, aumentando o constrangimento de Regina.

Ela soubera que, ao concordar com o desejo do pai e aceitar aquele matrimônio por procuração, seria chamada de *milady*, mas o título a deixava pouco à vontade. Talvez porque soubesse pouca coisa a respeito de lorde Daniston, exceto o que o pai lhe dissera.

Havia séculos a família Whyte era respeitada entre os pares do reino. A moradia de Attleby Court em Warwickshire era quase tão antiga como o

trono inglês, pois pertencera a anglo-saxões antes da invasão cerca de oitocentos anos atrás. Sua Alteza, o duque de Attleby, levava a sério seus deveres na Câmara dos Lordes e era conhecido como um bom senhorio para seus arrendatários. Homem sério que estudara em Oxford com o pai de Regina, Sua Alteza se correspondera com o amigo durante todos esses anos após a conclusão dos estudos.

Contudo seu pai pouco lhe falara a respeito de Marcus Whyte, o filho do duque. Mesmo assim lhe assegurara que um homem tão distinto só poderia ter um filho excelente, o que aumentara ainda mais a curiosidade de Regina para conhecer o homem a quem jurara amar, cuidar e honrar. Vários ingleses que vinham para a Argel eram da nobreza e ela achava a maioria deles arrogantes e sem nenhum entendimento a respeito dos costumes de outros povos, exceto os deles mesmos.

Rezou para que lorde Daniston não fosse tão devotado aos prazeres, não esquecesse as necessidades de outros, nem pensasse apenas em si mesmo. Certamente, como o duque, ele se interessava mais por política e assuntos correlatos, e não apenas com a escolha da gravata adequada.

Regina seguiu o cocheiro até uma carruagem grande e crestada. Na certa, o próprio Deï invejaria os assentos estofados de veludo cinzento da cor do céu da madrugada antes do amanhecer. Ela se acomodou no veículo luxuoso e o cocheiro assegurou-lhe de que o trajeto seria curto e que começaria assim que sua arca fosse acomodada no compartimento para bagagem sob a boleia.

Esperava mesmo que o percurso fosse pequeno. Todos os músculos doíam. Desacostumada à inatividade, achava exaustiva a longa viagem. Imaginou se haveria um jardim na casa da cidade onde pudesse caminhar, depois de ficar presa na carruagem durante horas sem fim.

Piscou para afastar as lágrimas que afluíam em seus olhos. De nada adiantaria lembrar-se do adorado jardim de sua casa em Argel. Jamais voltaria a sentar-se ali quando a atmosfera ficava mais fria no pôr do sol, enquanto lia para o pai ao som da doce música da água que vertia da fonte de bronze e ladrilhos de cerâmica que ficava na extremidade do gramado.

Tornou a olhar pela janela e tentou esquecer os pensamentos tristes. A carruagem virou em um quarteirão e se deteve diante de uma casa alta de tijolos.

Berkeley Square era ainda maior do que ela fora levada a acreditar. Desceu ajudada pelo cocheiro e admirou os jardins do meio da quadra com as árvores altas e frondosas. Uma estátua era mal visível por causa das contorções do nevoeiro. Um ponto vermelho chamou-lhe a atenção, mas se tratava apenas de um homem no meio da praça, fumando um charuto.

Regina sorriu. Presumiu que as mulheres tinham muito mais poder em uma casa inglesa do que em um lar argelino. Talvez a esposa o houvesse mandado embora da sala de estar para ficar livre do cheiro do charuto.

Subiu devagar os dois degraus até a porta que ficava sob um arco. A porta foi aberta e Regina teve certeza de que alguém espiava sua chegada. Uma pena que não pensara, ainda dentro do coche, em ajeitar os cabelos sob o chapéu de seda de aba e em alisar os amassados do vestido verde-claro de seda. Suspirou ao ver a mancha de água do mar nas sapatilhas de cetim. Não havia maneira de parecer apresentável depois de tão longa jornada.

Um homem de baixa estatura fez uma reverência quando ela entrou no saguão octogonal. Ele afastou os cabelos castanho-claros que lhe caíam nos olhos e apontou a escada dupla que dava acesso aos dois lados do vestíbulo.

— Por favor, lady Daniston, queira seguir-me.

— Sim, obrigada...

— Gardner, milady.

Enquanto ele ia em frente pela escada da esquerda, Regina notou que o libré carmim estava impecável, o que a fez sentir-se ainda mais desarrumada.

No alto da escada, portas duplas estavam fechadas à direita de um corredor longo e estreito. Supôs, pelo que o pai lhe dissera, que elas davam acesso a um salão de baile. Gardner caminhou até uma porta simples do outro lado e, com um floreio, abriu-a e fez uma apresentação formal.

Regina entrou no recinto sem hesitação. Sentiu-se confortada ao comprovar que era recebida em uma sala de estar. Se o duque e a família a houvessem esperado em um salão formal, temeria que eles também estivessem incertos quanto ao casamento. Na outra extremidade da sala havia várias poltronas, um grande número de mesas, estantes e objetos antigos de arte, em um ajuntamento alegre ao redor da lareira de mármore. As duas janelas altas, por onde se avistava a rua, tinham cortinas douradas que combinavam com os estofados. Era um local ideal para uma reunião de

família... e ela esperava que, em breve, fosse considerada como um membro dessa família.

Não seja tonta, ela se repreendeu. Afinal o duque concordara em casar o filho com ela.

Um homem alto levantou-se de um sofá de pau-rosa estofado. O coração de Regina deu um salto e ela deduziu, pelos cabelos grisalhos nas têmporas, que deveria ser o duque de Attleby. O pai lhe dissera que seu marido ainda não completara trinta anos.

Ele esfregou as mãos no casaco preto e estendeu-a.

— Você deve ser Regina.

— Alteza — ela fez uma reverência —, meu pai enviou-lhe saudações e agradecimentos por me receber.

O duque pôs um dedo sob o queixo dela.

— Você é a imagem de sua mãe. O mesmo olhar cor de oliva e os mesmos cabelos vermelho-dourados que chamaram a atenção dos rapazes naquela temporada. Mas os olhos e o coração dela estavam presos aos de seu pai. Foi com muito pesar que eu soube da morte dela.

— Não me lembro de nada.

— E como você poderia? — O duque deu uma risada roufenha. — Você não passava de um bebê quando ela contraiu aquela febre, mas agora já não é mais nenhuma criancinha. Você tem a beleza de sua mãe e o mesmo nariz arrebitado que faz pensar em atrevimento. — O duque olhou por sobre o ombro. — Mamãe, a senhora não vai cumprimentar Regina?

Uma mulher pequenina a observava de uma poltrona de encosto alto, abanando um leque chinês com a mão enrugada. Apesar da idade, os olhos brilhavam com a mesma intensidade do colar de rubis, enquanto analisava a aproximação da jovem. A dama estendeu a mão.

Regina aceitou-a e fez nova cortesia.

— Essa é a duquesa viúva — o duque apresentou a mãe.

— Alteza — Regina disse com voz suave —, agradeço por me receber em sua casa.

— Você é a esposa de meu neto. — Ela pegou uma bengala debaixo da poltrona e bateu-a no chão. — Gardner, onde está você?

— Pois não, Alteza. — O criado espiou para dentro da sala.

— Onde está meu neto? Ele sabia que tinha de estar aqui exatamente às... — O relógio da lareira interrompeu-a e a porta foi escancarada.

— Exatamente às quatro — trovejou uma voz profunda. — Eu lhe disse que não perderia tempo no clube e aqui estou, vovó.

— Meu filho... — o duque não escondeu o orgulho da voz —, seu marido, Regina.

Regina virou-se. Em parte queria encará-lo, para ficar conhecendo melhor o homem com quem se casara, sem ao menos tê-lo visto. Mas o pai a educara muito bem. Era preciso estar sempre preparada para conhecer qualquer pessoa com um sorriso sereno.

Mesmo meu marido, papai?, pensou.

Ela estendeu a mão para o homem alto de cabelos negros que se conservou imóvel como as estátuas que enfeitavam as mesas da sala. Foi impossível deixar de notar como o corte perfeito do casaco e da calça acentuava o vigor do físico másculo. Era um homem bem-apeesoado e elegante.

— Bom dia, milorde.

— Milady. — Ele fez um ligeiro aceno de cabeça e entregou ao criado o chapéu e o chicote.

Com o olhar, ele a examinou da cabeça aos pés. Regina refletiu no que milorde estaria pensando ao ver o chapéu de abas caídas — o ar marinho não fora misericordioso com seu traje — e o vestido amassado. Embora desejasse explicar a ele que, em geral, tinha uma aparência melhor e, ocasionalmente, muito pior, teve a sensatez de esperar as palavras dele.

Ele se aproximou com uma graça que se poderia classificá-lo como excelente cavaleiro. Segurou-lhe a mão e levou-a aos lábios, sem a fitar. Soltou-lhe os dedos rapidamente, como se não quisesse tocá-la mais do que o necessário. Regina engoliu em seco. Aquele não era um começo auspicioso para o casamento deles.

— Marcus, essa é a maneira de cumprimentar sua esposa? — a avó o repreendeu. — Eu já o vi recebendo meus amigos com simpatia maior.

— Receio deixá-la constrangida logo no primeiro encontro — ele respondeu sem a olhar. — Vovó, a senhora precisa conceder-nos algum tempo para nos conhecermos.

— E qual a melhor maneira para isso do que beijá-la?

O coração de Regina bateu em descompasso quando lorde Daniston — quanto tempo levaria para pensar nele como *seu marido*? — a olhou. A irritação que queimava naqueles olhos azuis a fez pensar que ele raramente

era contrariado naquela casa. Sem dúvida, era um péssimo início matrimonial.

— Ela não sossegará enquanto não a satisfizermos — ele sussurrou enquanto segurava Regina pelos ombros. — Perdão, milady.

Regina não chegou a perguntar por que ele se desculpava. Lorde Daniston puxou-a de encontro a si, pressionou os lábios nos dela e soltou-a antes de ela poder reagir ao fogo súbito que a invadia. Ela o encarou e novamente o marido evitou seu olhar.

— Hum — a duquesa deu uma fungadela.

— Mamãe...

Regina fitou o duque que havia corado. A que tipo de família ela passara a pertencer? Novamente não teve tempo de refletir sobre uma questão irrespondível. A duquesa chamou-a para sentar-se a seu lado.

— E você também, Marcus. — Ela olhou por sobre o ombro. — Gardner, gostaríamos de tomar o chá agora. — Voltou a atenção para Regina e bateu no braço do sofá a seu lado. — Aqui, minha querida, entre mim e Marcus.

Regina suspeitou de que as ordens da duquesa viúva sempre fossem obedecidas e sentou-se na beira do sofá. Marcus também acatou a vontade da avó, mas acomodou-se bem perto do lado oposto.

— Ah, que maravilha ver vocês dois juntos! — a idosa senhora alegrou-se. — Você não acha isso, filho?

— É verdade, mamãe — o duque concordou.

Aquelas foram as últimas palavras que ele teve a chance de pronunciar, pois a duquesa começou a fazer perguntas detalhadas sobre a viagem. Nem mesmo a chegada do chá diminuiu a curiosidade da velha senhora para saber de todas as minúcias. Durante a conversa, Regina esteve muito consciente da presença a seu lado de lorde Daniston, que as escutava em silêncio. Ousou dar uma ou duas espiadas de revés na direção dele, mas o lorde não parecia preocupado com a maré de perguntas. Aquilo pareceu até pior do que o tagarelar do sr. Bobbs.

— Por isso pensei — a duquesa afirmou e serviu a segunda xícara de chá para o filho — em fazermos uma reunião aqui antes do final da semana, para que você conheça nossos vizinhos. Nada muito exagerado. Umhas vinte pessoas, se tanto. Deixarei que você se encarregue da organização do evento.

— Organizar? — Regina apertou a asa frágil da xícara.

— O trivial. Planejar o cardápio e o tema da noite. Dessa maneira, você dará um toque particular à reunião.

— Perdão, mas não sei como fazer isso. — Regina largou a xícara na mesa de mármore que tinha diante de si.

A duquesa arregalou os olhos.

— Você não sabe elaborar uma relação de pratos para uma *soirée* simples? Seu pai é um diplomata da Coroa. Na certa vocês recebiam visitas em Argel.

— Sim, mas...

— Não se envergonhe, minha querida. Estou certa de que encontrará a ajuda necessária em nossa casa.

Regina sabia que nada seria simples em uma reunião de vinte pessoas e, apesar de sua relutância, não podia deixar de discutir o assunto diante do marido e do duque. Cruzou as mãos no colo e suspirou antes de responder.

— Alteza, quando eu morava com meu pai, não havia necessidade de preocupar-me com essas coisas. Kamil cuidava de tudo.

— Kamil? Quem é ou o que é isso? — lorde Daniston resolveu interferir nesse momento delicado.

Regina virou-se para o marido que, de olhar semicerrado, não dava indícios do que pensava.

— Kamil al-Din administra a propriedade de meu pai. Ele é um dos *baldis*. — Ao ver a frustração na fisionomia deles, apressou-se em explicar. — Ele é um dos muçulmanos nascidos em liberdade e tem servido meu pai desde que fomos para Argel.

— Vocês confiavam a casa a um homem como esse? — O duque limpou a boca com o guardanapo. Os movimentos bruscos deixavam clara a desaprovação.

— Com certeza. Kamil supervisionava os criados e comprava nossa comida no mercado. — Ela sorriu. — Quando eu era pequena, ele me levava junto. Sempre gostei de ouvi-lo pechinchar com os vendedores. Invariavelmente Kamil poupava para nós alguns *cêntimos*. Papai dizia que se o Deu tivesse metade do poder de negociação de Kamil, todo mediterrâneo pertenceria aos Otomanos.

O duque deu uma tossidela rouca antes de falar:

— Regina, não costumamos falar de política durante o chá.

— Papai, é preciso dar a ela a oportunidade de aprender nossos hábitos
— Marcus argumentou e surpreendeu Regina.

— Sim. — A duquesa elevou o leque e abanou-se diante do rosto, mas não pôde esconder a agitação. — Minha querida Regina, seria melhor não se referir tanto a essa região pagã onde você foi criada. Nossa família é tolerante, mas muitos nobres não aceitam costumes estranhos.

Tolerante? Aquela família? Regina procurou não estremecer ao refletir nas pessoas que conheceria no jantar. De fato, aquele não era uma boa maneira de começar seu casamento. De jeito nenhum.

Capítulo III

Marcus refletiu se aconteceria algo para piorar ainda mais aquela tarde que, afinal, não começara mal. Tivera uma surpresa agradável ao entrar na sala de estar da avó e descobrir que sua esposa não era uma criança, mas sim uma mulher cativante. Regina Morrissey era muito diferente do que imaginara. Mas, afinal, nem saberia dizer o que havia imaginado.

Ficara sentado, escutando a voz doce de Regina e pensando na sorte de ter uma esposa tão bonita. E então ela anunciara que ignorava como planejar um jantar e a duquesa deixara transparecer seu desgosto.

Naquela altura, a situação se complicava. E muito mais para ele. Não queria uma esposa que não soubesse administrar sua casa, enquanto ele se ocupava com outros assuntos importantes, com Jocelyn, por exemplo. Apertou o braço do sofá. Como Jocelyn se divertiria à sua custa! Ainda assim, ela lhe ofereceria grande conforto diante de uma agrura tão penosa.

Levantou-se ao ver a avó engasgada com mais uma das respostas de sua esposa e estendeu a mão para lady Daniston. Não queria a familiaridade de pensar nela pelo prenome, embora tivesse o direito de intimidades muito maiores.

— Milady aceitaria um convite para passearmos no jardim? — ele disse diante da interrogação dos olhos verdes. — Assim poderemos conversar a sós e nos conhecermos melhor.

— Ótima ideia! — a duquesa se animou.

Marcus notou as mãos trêmulas de sua esposa, mas a voz dela continuou serena.

— Claro, milorde, aceitarei com prazer. Para mim seria um grande alívio caminhar um pouco, depois de ficar tantas horas sentada dentro de um coche. — O tecido do vestido sedoso de Regina farfalhou segredos, quando ela se levantou com graça. — Se nos der licença, Alteza.

— Sem dúvida, sem dúvida — o duque concedeu com rapidez.

— Obrigada — ela retrucou e pôs a mão no braço que Marcus estendera.

Meu Deus! Nada a perturbava? Aquele parecia mais um dos gracejos perpetrados por Andrews. Regina Morrissey era tudo o que ele não queria em uma esposa.

Exceto os cabelos vermelho-dourados e as curvas intrigantes que se delineavam sob a seda do vestido. Era belíssima, mas procedera com arrojo e peculiaridade.

Abriu a porta e deu preferência à esposa para sair. O nevoeiro se colava às plantações, manchado as cores. Apontou um banco de pedra e Regina sentou-se sem comentários. Notou que ela cruzava os dedos no colo. Teriam ele e sua família entendido mal as palavras de sua esposa? Ela se comportava como uma lady.

— Preciso dar-lhe um aviso — Marcus foi direto ao assunto. — Minha avó, apesar de ter um raciocínio perfeito, não está muito saudável e ocasionalmente sofre de palpitações. Antes de brincar com ela outra vez, leve isso em consideração.

— Brincar?

— Confie em minha avó — ele continuou, apesar de a esposa fitá-lo com olhar arregalado. — Ela conhece a melhor maneira de apresentá-la à sociedade londrina. Sei que milady pode estar pensando que é muito cedo para encarar uma reunião logo após sua chegada na capital, e peço desculpas por minha avó, mas ela está correta. É imperativo que você tenha um cerimonial de acolhimento.

Regina franziu a testa.

— O que é isso?

— Ora, um cerimonial de acolhimento. — Marcus cruzou as mãos às costas. Essa brincadeira não teve graça antes e se tornava cansativa. — Está querendo me dizer que nunca ouviu falar nisso?

Regina sacudiu a cabeça. Tirou a mecha de cabelos que lhe caíra no rosto e sorriu, aliviada.

— Claro que sim. A sra. Saunders, que conheci no navio, contou-me que estava ansiosa para ter um cerimonial de acolhimento quando chegasse na casa da irmã. No entanto, devo dizer que achei a explicação dela um pouco confusa. Talvez milorde pudesse esclarecer o assunto para mim.

— Esclarecer? — Marcus forçou uma risada. — Talvez fosse mais fácil para milady visitar primeiro nossos vizinhos, mesmo que isso não seja *comme il faut*. Milady sabe como fazer isso, não sabe?

— Claro, sei como fazer uma visita. Minha educação não foi ignorada na Argel. Afinal, meu pai é um diplomata do Regente. As reuniões em nossa

propriedade tinham de transcorrer à perfeição. Por isso mesmo eu deixava tudo nas mãos competentes de Kamil.

— Bolas! — ele não se conteve. — Essa pilhéria já foi longe demais. Não imagino por que milady está tentando esse método para angariar a simpatia de nossa família. Isso não demonstra afetividade.

— Do que milorde está falando?

Marcus praguejou intimamente.

— Eu me refiro à sua falsa postura de ignorar o que todas as esposas devem saber. Cuidar do marido e da casa dele.

— Eu já expliquei...

— Sim, milady já falou o suficiente a respeito de seu estranho mordomo. Regina contou até dez em inglês e em árabe.

— Milorde, eu lhe asseguro de que fui muito bem-educada. Não o envergonharei diante de seus amigos.

— Mas se não sabe administrar uma casa...

— Não duvido de que sua avó ficará encantada em permanecer como castelã da propriedade.

Marcus franziu a testa, o que a fez supor que acertara na dedução.

— A tarefa se tornou muito pesada para ela. Esse foi um dos motivos pelo qual meu pai contratou nosso casamento. Milady terá de assumir as tarefas de minha avó.

— Milorde, estou pouco inclinada a aprender mais sobre o assunto. Meus interesses caminham em outra direção. Por exemplo, desejo aprender mais a respeito dessa cidade. O sr. Bobbs disse que há muitas coisas interessantes em Londres.

— Sr. Bobbs?

— Um cavalheiro que também veio na diligência de Dover.

Marcus revirou os olhos e sentou-se no banco de madeira.

— Mais uma advertência, se me permite. Milady não deve citar estranhos nesta propriedade. Milady acabará entendendo que tanto meu pai como minha avó não se importam com opiniões que destoem das deles.

— Um traço... que milorde parece... ter herdado. — Regina atrapalhou-se com as palavras que não pretendia dizer.

— Milady tem sempre a resposta na ponta da língua?

— E a intenção de milorde é deixar-me furiosa a ponto de perder a paciência?

Marcus deu risada.

— Se milady considera esse fogo interior como *perder a paciência*, deveria aprender quer herdei algo mais de minha avó. O temperamento dos Whyte é tudo, menos encantador.

— Eu lhe agradeço pelo aviso.

Marcus fechou as mãos em punhos. Mais uma vez, ela era a princesa de gelo que escondia os sentimentos atrás de um sorriso imperturbável. O duque deveria estar com a cabeça fora do pescoço para arranjar esse casamento. Quem pretenderia ter uma esposa sem emoções?

Novamente ele se contradisse ao mirar aquele olhar cor de jade que demonstrava desconforto. Interessante, ele não podia deixar de sentir-se curioso acerca dessa mulher diferente de todas as que conhecera. O oposto da querida Jocelyn.

Ao lembrar-se da amante, ficou em pé e foi até a parede úmida pelo nevoeiro.

— Milady agora está em Londres — ele disse por sobre o ombro. — Será necessário viver de acordo com as expectativas daqueles a quem chamará de amigos.

— Certo, entendo isso. — Ele a escutou inspirar fundo. — Dependerei de milorde para apontar os erros que porventura cometerei, para não os repetir.

— Minha avó ficará feliz em instruí-la sobre os cânones das boas maneiras...

— Será maravilhoso.

— E também como se deve administrar uma residência.

Regina se levantou.

— Milorde, imploro novamente para que me escute. Não tenho interesse nesses assuntos, portanto eu os deixarei nas mãos mais do que competentes de Sua Alteza.

Marcus esteve a ponto de retrucar com rispidez, mas desistiu ao ver lágrimas nos olhos dela. Afinal, sua amante e sua esposa não eram tão diferentes. Jocelyn sabia que algumas lágrimas davam a ele a oportunidade de confortá-la. Sorriu ao lembrar-se de como a *consolara* da última vez.

Abraçou a esposa pelos ombros e ela se retesou. Frustrado, retirou a mão e encarou-a. Nenhuma mulher — nenhuma! — desafiara seus desejos como ela fazia.

— Milady tem a minha permissão, se desejar um descanso após sua longa viagem.

— Acho que é uma boa sugestão.

Marcus espantou-se novamente ao escutar o leve tremor na voz dela. Não teve a sensação de vitória e sim de desânimo. Esse desalento foi amenizado ao ver Regina afastar-se e notar de novo as curvas que se insinuavam sob o tecido. Talvez aquele casamento não fosse tão horrível assim.

Providenciar alguém para assumir a administração da residência fora apenas *um* dos motivos da insistência de seu pai para o casamento. Sorriu ao lembrar-se do outro. Não era sempre que um homem aguardava sua noite de núpcias com uma esposa tão atraente.

Convenceu-se então de que seu matrimônio não seria desagradável de maneira nenhuma.

Regina abriu a janela do grande dormitório que lhe fora destinado. Estava sentada ali havia mais de uma hora, cansada do silêncio. No lado oposto do quarto, uma janela dava vista para o minúsculo jardim que não oferecia refrigério para a reclusão.

Ignorou as paredes forradas de seda dourada e a decoração em pau-rosa e mármore. Sentou-se no poial da janela e escutou apenas o som das rodas que chocalhavam na rua. Argel nunca fora tão silenciosa. Lá, as vozes dos criados e a dos vendedores ambulantes ecoavam pelos quartos. A chamada para as orações e as melodias dos músicos ambulantes se misturavam a outros sons, com o perfume de flores tropicais, calor e alimentos que os ingleses considerariam estranhos.

Aquela residência londrina era deslumbrante, mas lhe parecia pálida em comparação com seu amado lar. Mirou o nevoeiro denso e imaginou se o sol chegava a brilhar em Londres. Seria ele tão implacável como os raios que se refletiam nas águas do porto ou dos que tentavam penetrar pelos corredores de azulejos do palácio do Deí?

Imaginou como seria Londres além dos limites de Mayfair. Seu pai falara dos mercados a céu aberto ao redor de Covent Garden, da azáfama ao longo do rio e dos maravilhosos jardins da cidade. Como gostaria de visitar

apenas um desses locais, mas estava aprisionada entre as paredes forradas de seda dessa residência.

Relanceou um olhar ao redor do quarto. A mobília era magnífica, como convinha à casa citadina de um duque. A cama de baldaquino, elevada do piso, era envolvida por um tecido branco que parecia tão etéreo como um sonho. Como na sala de estar, quase todas as mesas de madeira e o consolo da lareira de mármore negro eram enfeitados com objetos artísticos. Em várias portas, uma profusão de cortinas brancas presas na parede. A porta mais próxima estava à direita e dava para o saguão superior.

Levantou-se e foi até a da esquerda. Estava trancada. Aquilo a espantou, porque entendera que aquele era seu quarto.

Escutou o ranger de dobradiças e se virou. Uma mulher, mais velha do que Regina, entrou com as mãos para trás. Apesar da severidade dos cabelos puxados para trás, ela sorria.

— Milady, meu nome é Beatty. Sua Alteza recomendou-me para que eu lhe servisse como criada particular. — Apontou a porta que deixara entreaberta. — Tomei a liberdade de desempacotar a sacola que veio na viagem e arrumar suas coisas no quarto de vestir. Quando chegará o restante da bagagem?

— Não chegarão outras coisas.

— Nada?

Regina hesitou. Duvidava de que Beatty ou qualquer outra pessoa da casa entenderia sua preferência pelas batas soltas, características da região argelina. Somente em reuniões formais, quando servia de *ajudante de ordens* de seu pai, usava um dos poucos vestidos que trouxera. Um guarda-roupa elegante e variado de seda ou tafetá atrairia maior atenção, o que ela nunca desejara.

— Em Argel não se encontram vestidos modernos, sabe como é... — Odiava mentir, mas não sabia o que dizer.

— Milady tem de falar com Sua Alteza o mais depressa possível. Não será conveniente para a nora do duque de Attleby ser vista em trajes que já saíram de moda há um ano.

— Prometo fazer isso.

— Milady gostaria de se trocar?

Regina fitou o traje amassado e concordou. Ela desejava um banho e uma boa noite de sono. Sentiu calor ao lembrar que uma noiva não deveria

pensar em dormir na primeira noite com o marido.

Em silêncio, agradeceu à criada o auxílio para desabotoar a parte de trás do vestido. Pegou o penhoar verde-esmeralda, seu favorito, enquanto Beatty procurava decidir qual, entre os poucos vestidos, seria o mais adequado para uma noite com a nova família.

Beatty voltou do quarto de vestir com semblante apreensivo.

— Milady, perdoe-me, mas preciso ser sincera.

— Prefiro a sinceridade, Beatty. Entre nós não deve haver mentiras. — *Exceto quando tenho de fingir que estou animada por estar aqui.*

— O que é isso? — A moça segurava uma calça larga de gaze de seda. — Não imagino onde milady deseja que eu guarde esse pano.

— Elas são...

— Totalmente inadequadas para o uso nesta casa — uma voz profunda as interrompeu.

Regina encarou o olhar furioso do marido e ergueu o queixo. Pegou a peça diáfana, dobrou-a e devolveu-a a Beatty.

— Milorde está coberto de razão. Esse traje destoaria no ambiente londrino.

— Ainda bem que, finalmente, concordamos em alguma coisa.

— Papai costuma dizer que sempre há uma primeira vez para tudo.

— E uma última?

— Espero que não. — Regina não pôde deixar de sorrir.

— Eu também. — Marcus fechou a porta do corredor e fitou Beatty de esguelha. A moça curvou a cabeça, foi para o quarto de vestir, onde se trancou.

Regina, consciente da vestimenta imprópria para receber um estranho, advertiu a si mesma que não devia esquecer, nem por um minuto, que aquele *estranho* era seu marido.

— Tenho de agradecer a seu pai por permitir-me usar aposentos tão luxuosos. Adoro paisagem com flores.

— Verdade? — Marcus riu sem humor. — Papai não gostará de saber disso. A maioria delas o faz espirrar. Ele sempre discutiu com minha avó por causa de seu propósito de arrancá-las. Ela se recusa e o lembra, invariavelmente, de que é de bom-tom uma casa da cidade ter um jardim.

— Nada direi a ele para não o aborrecer.

— Muita bondade sua.

Regina procurou não se encolerizar diante do sarcasmo nem perguntou o que ele procurava, ao vê-lo andar pelo quarto. Observou de relance o perfil e imaginou como ele pareceria sorrindo de verdade. Embora o tivesse visto rir várias vezes, não o vira sorrir. Um sorriso verdadeiro, oriundo do coração.

— Vovó sugeriu que eu permitisse a milady alguns dias de recuperação por causa da viagem — Marcus afirmou de costas, da mesma maneira como fora na conversa do jardim um pouco antes.

— Minha viagem foi bastante agradável.

— Ela receia que milady esteja exausta.

— Sou mais forte do que aparento.

— Verdade? — Marcus a encarou e Regina deu um passo atrás ao ver a fúria dos olhos dele.

Regina lembrou-se do aviso a respeito do temperamento dos Whyte, confiante de que nada fizera para irritá-lo.

— Milorde, talvez seja melhor falar com franqueza a respeito do que deseja dizer.

— Franqueza? Pensei que o mundo da diplomacia fosse preenchido com meias-verdades e gentilezas falsas.

— Não quando existe respeito — ela hesitou, antes de continuar: — Como espero que seja entre nós.

Marcus virou-se, segurou-a pela mão e puxou-a até a parede sólida do próprio peito.

— Você é minha esposa, portanto nada deve interpor-se entre nós.

Ofegante, Regina foi invadida por diversas emoções contraditórias. Calor e frio, antecipação e receio, encantamento e apreensão giravam em um mosaico de perplexidade... e prazer.

As mãos de Marcus roçaram as dela, quando ele a abraçou, puxando-a mais para perto. Regina não podia libertar-se do brilho hipnótico do olhar de Marcus, enquanto ele lhe acariciava as costas. Ele tocou-lhe os lábios com a ponta do dedo e sorriu diante da reação da esposa. Lentamente, embora sua pulsação lembrasse ondas de tempestade na costa, Regina passou as mãos nas mangas do casaco preto do marido e chegou até os ombros de Marcus. Se não fosse seu coração, diria para o marido não a segurar daquela maneira.

Marcus entrelaçou as mãos nos cabelos de Regina, enquanto inclinava a boca sob a sua. A respiração dele recendia levemente a vinho, fragrância que a fazia aproximar-se ainda mais.

— Minha querida esposa — ele sussurrou —, não há necessidade de nos agredirmos como duas crianças que desejam o mesmo brinquedo.

— Não — ela respondeu tão suavemente como fitava os lábios que se aproximavam dos seus.

— Nós provaríamos estar equivocados, se não pudermos tirar proveito dessa situação desagradável.

Regina sufocou um grito e virou-se. Fechou as mãos em punho nos quadris para tentar livrar-se do cativo agradável.

— *Tirar proveito de uma situação desagradável?* É isso que milorde pensa de nosso casamento?

— Eu não deveria ter me expressado nesses termos, mas... — Marcus pôs o pé no banco que se encontrava sob a janela e apoiou o cotovelo no joelho. Depois fechou a janela. — Milady interpretou mal minhas palavras, pois estou tão ansioso como a senhora para que nosso casamento dê certo.

— Por quê?

Marcus arqueou as sobrancelhas e franziu o cenho.

— Pensei que milady tivesse o mínimo de inteligência para entender o que desejo deste matrimônio.

— Milorde, eu preferia que me dissesse. Milorde explicou os motivos de seu pai e mais uma vez, eu lhe imploro para ser sincero.

Ele se endireitou, deu a volta no banco e parou atrás de Regina. Ela se virou e ele segurou-a pelo ombro. O roçar dos dedos largos na pele nua despertou em Regina um instante de calor e doçura. Ela lutou contra a própria reação, pois não podia permitir ao marido descobrir o quanto ele a perturbava.

Supôs que ele nada sentisse, pela voz calma com que deu a resposta.

— Nosso casamento não é muito diverso dos demais que acontecem na alta nobreza. Nós nos casamos porque preciso de um herdeiro e sua família deseja alinhar-se com outra de boa posição entre os nobres.

— Minha família tem muito do que se orgulhar. — A voz continuou serena, apesar da tensão. — Milorde tem de lembrar-se da sutileza de meu pai e de como o Regente depende dele nas situações mais instáveis.

— Bem, o que seu pai faz não é relevante para mim, pois milady é minha esposa.

— Milorde está se repetindo.

Marcus praguejou em voz baixa.

— Milady é impertinente. Prefiro uma mulher mais gentil em minha cama.

— E eu prefiro um homem que não pense que as mulheres foram feitas apenas para gerar filhos.

Marcus puxou-a pela cintura.

— Para nossa primeira noite juntos — ele murmurou —, posso refletir em coisas bem mais interessantes do que um herdeiro. Milady tem muito a aprender sobre os prazeres conjugais.

— Marcus, solte-a imediatamente! Saia daqui agora mesmo

Regina olhou por sobre o ombro e viu a duquesa na porta. A carranca era visível na face longa da senhora idosa que entrou no quarto bamboleando, apoiada em uma bengala ricamente entalhada.

— Vovó — Marcus disse com maior constrangimento do que pretendia demonstrar —, essa é uma ordem estranha para quem, há pouco tempo, desejava que eu beijasse a noiva.

— Ela não é sua noiva.

O coração de Regina disparava e doía ao mesmo tempo, e ela se afastou do marido, odiando a curiosa ambivalência interior.

— Alteza, como deve se recordar, lorde Daniston e eu estamos casados por procuração.

— Não me trate como se eu fosse desprovida de qualquer raciocínio! — A duquesa bateu a bengala no chão. — Essa idiotice não será reconhecida pela elite londrina. Ora, Marcus, eu nem mesmo estive presente quando você assinou os papéis que foram mandados para a África. Sem uma recepção digna do próximo duque de Attleby e de sua esposa, não poderá haver casamento.

— Vovó, a cerimônia foi legal. Ela...

— Não discuta comigo! Seu pai também concorda que a melhor maneira de lidar com essa situação inconveniente será fazer um matrimônio grandioso em Londres. — Um sorriso matreiro iluminou o rosto enrugado. — É evidente que, até lá, vocês não devem viver maritalmente. Não seria

correto, Marcus, que seu herdeiro chegasse antes do tempo. Portanto, eu torno a pedir que saia daqui imediatamente.

Regina pensou que seu marido continuaria a discutir, mas não foi o que aconteceu.

— Creio que eu deveria conversar com meu pai.

— Ele está decidido.

— A senhora é quem decidiu — Marcus insinuou.

— Digamos que seu pai e eu estejamos de acordo sobre o assunto.

— Apesar disso, posso tentar a modificação desse ponto de vista.

— O que provavelmente levaria a noite inteira. — A duquesa deu um sorriso perverso.

— Então será melhor começar agora. — Ele segurou a mão de Regina e levou-a aos lábios.

Os joelhos de Regina amoleceram ao sentir os lábios do marido em sua pele e desejou ser novamente beijada por ele. Não de maneira descuidada, mas sim com o desejo que acendia chamas em seus olhos. Marcus cumprimentou-a com um gesto de cabeça e Regina teve de lutar contra as mãos que pretendiam abraçá-lo. E um vazio estranho envolveu-a, quando ele saiu do quarto sem olhar para trás.

A duquesa acariciou o rosto de Regina com um sorriso mais simpático.

— Mandarei trazer seu jantar. Descanse, minha filha. Amanhã começarão suas aulas.

— Aulas?

— Para aprender a se comportar como a esposa que Marcus precisa. — A duquesa caminhou em direção da porta. — Nunca se esqueça de que pretendo conseguir esse intento. *A esposa de que ele precisa.*

— Eu não posso...

— Ah, eu acho que você se sairá muito bem. — Ela piscou. — Até agora, estou satisfeita.

Regina fitou-a, espantada. Imaginou quanto tempo levaria até entender um só membro daquela família singular. Sentou-se no banco e refletiu que teria a vida inteira para descobrir.

Capítulo IV

Regina estava acordada quando Beatty entrou no quarto na manhã seguinte. Na verdade, não pregara os olhos a noite inteira. Sentara-se em uma cadeira junto à janela e tentara pensar em uma maneira de escapar daquele casamento intolerável. Contudo, não encontrara soluções.

Supôs que a duquesa tivesse razões secretas para insistir em uma segunda cerimônia de casamento, mesmo isso sendo obviamente desnecessário. Perante a lei, era a esposa de lorde Daniston. Apesar da curiosidade, não pretendia fazer uma investigação profunda. O adiamento lhe permitiria ver os melhores atributos de Marcus, se era que haveria algum.

Devia haver. Em Argel, seu pai se mostrara ansioso para demonstrar que esse casamento traria a felicidade para ela.

Beatty trouxe a roupa e ajudou-a se trocar. Regina conteve as lágrimas. Amado pai! Queria que ele estivesse a seu lado para aconselhá-la a respeito do desastre que seria esse matrimônio. Como pudera seu pai, em geral tão astuto, enganar-se tanto?

— Você gostará da família Whyte — o pai lhe dissera enquanto Kamil supervisionava os serviçais arrumarem sua mala. — O duque de Attleby conquistou o respeito de pessoas que eu considero muito. Ele é muito culto e versado em política. Você gostará de conversar com ele.

— E o filho?

— Não duvido de que ele seja semelhante ao pai. Os Whyte compartilharam de muitos interesses em comum com nossa família, embora as obrigações do título deles os impedissem de fazer as viagens que fizemos.

Sem conseguir uma resposta mais conclusiva a respeito de Marcus Whyte, ela se perguntava se o pai usara suas habilidades diplomáticas para evitar que ela enxergasse a verdade. No entanto, não podia acreditar que seu pai teria insistido nessa união, se imaginasse que ela seria infeliz. E era o que estava acontecendo.

Pior ainda, ela se sentia miserável.

— Sua Alteza me disse que milady deveria descer até a sala do café o mais cedo que lhe conviesse — Beatty afirmou com um sorriso forçado. — A família gosta de reunir seus membros para a refeição matinal.

— Descerei agora mesmo. — Regina estava certa de que qualquer coisa seria melhor do que ficar ali sob o olhar piedoso da criada. Se dissesse a verdade — que estava satisfeita por não ter passado a noite com o marido —, arriscar-se-ia a insultar a família inteira. Seria preciso ter muita tática.

— Milady...

Regina virou-se.

— Sim, Beatty?

— Creio que devo contar-lhe sobre os boatos a respeito da longa reunião que houve ontem à noite entre o duque, a duquesa e lorde Daniston. — Beatty torceu o avental entre as mãos. — É verdade, milady? Seu casamento será anulado?

— Não. — Regina deu uma palmadinha no braço de Beatty. — Não que eu saiba. Acho que lorde Daniston faria a gentileza de me avisar, se estivesse pensando em tal coisa.

— Então... é estranho que lorde Daniston não... — Beatty enrubesceu.

— Sim, é estranho — Regina concordou e foi para o saguão para não afirmar que tudo a respeito da família Whyte era peculiar.

Ela desceu a escada iluminada pelos raios solares. No piso inferior, escutou os murmúrios entre os criados. A saudade de casa por pouco não a sufocou. Lembrou-se das manhãs em Argel onde ouvia as vozes leves dos serviçais. Quando ela se sentava no pátio, Kamil lhe trazia café forte e aromático para despertá-la.

Espiou os fundos da residência e do jardim, mas não encontrou consolo. O melhor seria tentar pôr um remendo nos buracos que criara na véspera.

A sala do café da manhã era de bom tamanho e pintada de azul um pouco mais escuro de que seu vestido. As peças da mobília pesada estavam agrupadas de modo a aproveitar o sol que penetrava pelas janelas. No centro do ambiente, uma mesa oval era rodeada por doze cadeiras. Supôs que a maioria delas nunca houvesse sido usada.

Os três Whyte estavam escondidos atrás de jornais e de criados. Reconheceu Marcus pelo brilho dos cabelos negros, mas nada mais viu dele, exceto a manga castanho-clara do paletó. A duquesa estava sentada diante do neto e segurava, com os dedos cheios de anéis, o jornal tão em

cima que nem sua cabeça aparecia. Por dedução, a terceira pessoa deveria ser o duque.

— Bom dia — cumprimentou-os com voz meiga.

Os três jornais foram abaixados em uníssono. O duque e a duquesa sorriram, mas Regina não pôde afastar os olhos do marido. Nenhum sorriso iluminava seu rosto nem diminuía a intensidade de seu olhar. Resistiu à vontade de brincar com o vestido, por saber que sua aparência estava muito melhor do que na sua chegada. Ainda assim, ficava perturbada pelo olhar dele.

— Bom dia, Regina — a duquesa respondeu pelos outros, fazendo um gesto largo com as mãos, o que obrigou o afastamento do serviçal que se postava atrás dela. — Venha sentar-se conosco.

Marcus ficou em pé e se aproximou. Regina cruzou os dedos, dividida entre recear que ele a beijasse e esperar que ele o fizesse. Forçou um sorriso quando o marido beijou-a na face e desejou-lhe um bom-dia. Ele deixava claro de que pretendia continuar a farsa de um casamento. Ela também deveria fingir que estava contente.

O duque ergueu o rosto. Regina não soube o que fazer e Marcus empurrou-a pelas costas, sem muita gentileza, em direção ao pai. Obediente, ela beijou a face flexível do duque.

— Você é uma menina encantadora. — O duque ergueu-se e puxou uma cadeira para ela, entre ele e o filho. — Parece bem-disposta. Fico feliz que tenha desfrutado de um sono reparador.

— Eu estava muito cansada da viagem — Regina garantiu, sem querer mentir. Evitou um bocejo diante da visão atraente de um bom repouso. Mas se fosse dormir naquele momento, estava certa de que também não conseguiria.

— Você precisa estar bem animada para o trabalho que nos espera — a duquesa lembrou, depois de o neto se sentar. — Estamos todos satisfeitos com a resolução tomada.

Regina fitou o marido. A expressão dele não se modificara, conservando o olhar intenso. Imaginou, e não pela primeira vez, qual teria sido a conversa entre os Whyte a noite anterior. Ouvira vozes, mas não distinguira palavras. As paredes grossas da propriedade eram uma armadura protetora.

Serviram-lhe muito mais comida do que ela poderia comer. Cada copeira, sob as ordens da duquesa, adicionava mais uma porção de comida

no prato de Regina. Olhou desanimada para a quantidade de alimentos que teria de ingerir e surpreendeu-se ao sentir a mão de Marcus sobre a sua, no colo.

Ela o olhou e ele sussurrou, enquanto a avó conversava com a cozinheira sobre os bolinhos.

— Fazer a vontade da vovó é a primeira coisa que milady deve aprender a fazer. Ela tem opiniões próprias e ninguém a contesta.

— Nem mesmo milorde?

— Em pouquíssimas ocasiões. — Os olhos de Marcus brilharam como quem se lembrasse de travessuras passadas.

A voz da duquesa impediu Regina de responder.

— Esta manhã providenciarei para que os proclamas sejam lidos na igreja.

— Isso é necessário? — o duque indagou, para surpresa de Regina que imaginava o interesse do sogro concentrado nos ovos do próprio prato. — Mamãe, eles são legalmente casados.

— Qual o propósito de se fazer uma coisa, se não a fizermos direito? — A duquesa passou manteiga em um dos bolinhos. — Não haverá nenhuma dúvida quanto à legalidade desse matrimônio, enquanto eu estiver por trás disso. Bem, como eu estava dizendo, falarei com o reverendo Cavanaugh para afixar os proclamas que deverão ser lidos no sábado. — Seu sorriso transformou-se em cenho carregado ao ver o neto retomar a leitura do jornal. — Marcus, as notícias podem esperar. Há muitas coisas para serem discutidas.

— Vovó, deixarei todos os detalhes do enlace ao encargo de sua indiscutível competência. — Marcus sorriu para a avó. — Parece-me que seus planos já estão delineados.

A duquesa repreendeu-o com o dedo erguido.

— Minha energia já não é a mesma, meu jovem. Não posso deixar tudo nos ombros de Regina. Portanto trate de esquecer seus momentos proveitosos com...

Regina retesou-se ao ouvir o suspiro de Marcus depois de a duquesa interromper a frase. O duque ficou pálido, a duquesa franziu a testa e Marcus voltou a ler o jornal. O que a duquesa teria para dizer?

Momentos proveitosos com...? Com quem? A resposta era evidente. Seu marido deveria ter estar mantendo uma mulher em algum lugar de Londres.

Ela rapidamente abaixou os olhos. Não havia por que se surpreender. Uma lealdade como a de seu pai à memória da falecida esposa por quase duas décadas não era costume na alta roda londrina. Teria sido por isso que seu pai recomendara cuidado com o coração nesse matrimônio?

— Farei minha parte para deixar a cerimônia do casamento à altura de sua vontade, vovó — Marcus garantiu. — Mesmo a senhora, que tem tanto apreço por cerimônias pomposas, devia saber que há muito pouco para o noivo fazer, além de não se atrasar na hora do enlace.

— Marcus, é seu dever apresentar Regina ao *Beau Monde*. Você deve ser o anfitrião de uma *soirée* junto com Regina, o mais depressa possível.

Regina fitou-o de viés. Ele fechou as mãos em punhos sobre a mesa, mas aos poucos seus dedos se relaxaram.

— Isso me parece uma ideia excelente, vovó. — Ele tornou a sorrir e pegou a mão de Regina. — Tenho certeza de que Regina está ansiosa para auxiliar no que puder.

— O ócio é um péssimo companheiro — a duquesa anunciou e apontou os bolinhos. — Um serviçal, que estava sempre atrás dela, apressou-se em levantar o cesto da mesa para a duquesa escolher o que quisesse. Ela pegou um dos recheados com morangos e passou manteiga nele.

— Estou de acordo — Regina interveio.

A duquesa ofereceu a Regina com um sorriso largo.

— Eu sabia, minha querida. Marcus, tenho certeza de que agradecerá a seu pai, por ele ter encontrado essa joia de esposa para você.

Regina fitou o prato intocado e ouviu a resposta de Marcus.

— Claro, vovó, a Regina é uma pessoa incomparável.

— A beleza está nos olhos de quem a vê — Regina retrucou, incapaz de permanecer em silêncio diante do insulto velado.

O duque bateu na mesa e deu uma risadinha.

— Muito bem respondido, minha jovem. Tenha cautela, Marcus. Uma mulher inteligente o manterá na linha.

— Na linha não é exatamente onde um homem pretende estar quando pensa em sua mulher.

— Marcus! — A duquesa franziu ainda mais o sobrolho. — Você está se comportando com excepcional brutalidade hoje. Peça desculpas à Regina, imediatamente!

Marcus segurou a mão de Regina entre as dele.

— Milady, se eu lhe causei algum embaraço, aceite minhas desculpas.

— Aceito seus protestos de arrependimento pelo que eles são — ela respondeu.

A duquesa deu risada e Marcus apertou a mão de Regina. Novamente ela se lembrou do aviso sobre o temperamento dele. Estava certa de que ele lhe aconselhava prudência, mas ela se recusava a ser intimidada por um marido que estava em má situação.

O duque passou a ler alto uma das colunas do *Morning Chronicle*. Ao entender que o assunto se referia à Câmara dos Comuns, Regina inclinou-se para a frente e prestou atenção. Ignorou a insistência para ela comer, enquanto escutava o debate sobre os recentes distúrbios em Norfolk.

— Filho, esse não é um assunto apropriado para a mesa do café — a duquesa o censurou. — Acabará aborrecendo Regina.

— Ela parece muito interessada no que estou dizendo. — O duque abaixou o jornal.

— Ela ainda não tocou na comida.

— Minha querida, será que você não pode comer e ouvir ao mesmo tempo? — o duque sorriu, esperançoso.

— Filho — a condessa antecipou-se à resposta de Regina —, você certamente acabará perturbando minha digestão delicada, se continuar com a leitura.

O duque dobrou o jornal e deixou-o ao lado do prato.

— Mamãe, eu me absterei de ler as novidades para a senhora. Regina, se quiser terminar o artigo mais tarde, sinta-se à vontade.

— Obrigada. — Ela desvencilhou-se da mão do marido, pegou um garfo e começou a comer. Mesmo sem fome, fazia um esforço para escalar aquela montanha de comida.

A duquesa entreteve a plateia com os mexericos sobre a sociedade que ficara sabendo pelo jornal. Regina procurou gravar os nomes e esperou que pudesse conectá-los aos lordes e damas, quando os conhecesse. Sorriu. O pai lhe ensinara algumas artimanhas para não esquecer nomes, mas achou prudente não revelar o segredo. Muitas das associações que empregava não eram nada lisonjeiras, embora pudessem ajudá-la quando conhecesse um quarteirão de estranhos.

Meia hora mais tarde, Marcus ficou em pé e Regina deu-se conta de que apenas a duquesa falara nesse meio tempo. Espantou-se também, ao ver o

que havia comido. Talvez estivesse mais faminta do que imaginara.

Pediu licença para se retirar, assim que Marcus saiu da sala. Se tivesse oportunidade de falar com ele a sós, tentaria descobrir alguma coisa do que fora discutido a noite anterior. Não poderia fazer perguntas diante do duque e da duquesa.

— Milorde? — ela o chamou.

Marcus parou no meio do corredor ao lado de uma mesa estreita. Luz e sombra brincavam na face dele, ressaltando os traços bem delineados. Nenhum sorriso diminuía a severidade, mas ela ficou aliviada por notar que ele não estava mais carrancudo.

— Sim?

— Pensei que poderíamos conversar por alguns momentos.

— Sobre o quê?

— Sobre o que houve a noite passada.

Ele riu.

— Como deve se lembrar, nada aconteceu ontem à noite.

Regina aproximou-se, sem dar atenção ao sarcasmo.

— Milorde, eu queria saber o que foi discutido depois que o senhor saiu de meu quarto.

— Apenas que a porta deveria permanecer fechada.

— Porta? Qual porta?

Marcus segurou-lhe a mão e passou-a por seu braço. Chegou à escadaria e parou.

— Por sua curiosidade, suponho que tenha pesquisado cada canto de seu quarto. Certamente notou que uma das portas estava trancada.

— Sim, mas... — Regina arregalou os olhos e enrubesceu.

Marcus acariciou-lhe o rosto antes de afastar uma mecha de cabelos do rosto bonito.

— Uma conexão entre nossos aposentos, colocada ali para a conveniência do lorde casado e herdeiro ao título de duque de Attleby. Acho que não deve ser tão diferente de um harém em Argel.

Regina tirou, com um gesto brusco, a mão do braço do marido.

— Se milorde espera que eu seja parecida com aquelas pobres mulheres que vivem aprisionadas atrás das muralhas, tenho de informá-lo que está muito enganado.

— Eu lhe asseguro de que não tenho a menor intenção de ter mais de uma esposa.

— Nem eu tenho qualquer interesse em viver apenas para o prazer de meu amo e senhor.

— Isso é uma vergonha. — O olhar dele lançava faíscas escuras, enquanto passava novamente a ponta de um dedo no rosto de Regina. — Tenho a impressão de que poderemos encontrar muito prazer juntos. — Ele beijou-lhe a mão.

Regina receou que os joelhos a traíssem, ao sentir nos dedos a ponta da língua do marido. Em seu interior, um rio aquecido lhe percorria as veias, deixando-a em fogo. Deu meio passo adiante, mas recuou ao ver o olhar de satisfação do marido.

Você está parecendo uma sonhadora, ela se repreendeu. Marcus devia estar feliz ao deixá-la cumprir o dever de esposa, mas podia ao mesmo tempo estar pensando em sua amante.

— Tenha um bom dia, milady — ele disse ao segurar o corrimão da escada que terminava ao vestíbulo.

— Milorde vai embora? — Ela não esperava uma interrupção brusca da conversa. Refletiu então se isso não seria uma maneira de não revelar o que fora discutido entre ele, o pai e a avó.

— Será que escutei um traço de devoção na pergunta?

Como antes, ela ignorou o sarcasmo.

— Pensei que pudéssemos dar um passeio para ver alguns pontos da cidade. Há muitos anos não venho a Londres.

— Milady encontrará pouco tempo para passear nas três semanas que antecedem o casamento. Vovó a manterá ocupada com provas, planejamentos e outras coisas que uma esposa perfeita deve fazer.

— Esposa perfeita? — Ela riu e sacudiu a cabeça. — Permita adverti-lo de que jamais me aproximarei do que milorde chama de *esposa perfeita*.

— Se quiser tentar...

— E para quê? Como milorde, não tive a menor vontade de me casar. E se prefere que eu seja franca, um herdeiro não tem a menor importância para mim. — Ao ver as rugas na testa de Marcus, ela resistiu à tentação de tirar os cabelos negros, tão teimosos quanto o dono, dos olhos dele. — Serei sua esposa, milorde, e gerarei seus filhos, mas não me modificarei para satisfazer suas expectativas. — Ela ergueu a mão e contou nos dedos. —

Falarei de política e lerei as notícias no jornal. Levarei em conta a opinião dos outros. Terei entre meus amigos, pessoas que não pertencem à nobreza. Farei...

— Chega! Por hoje já escutei muitas de suas ideias extravagantes. — Ele desceu a escada, gritando por sobre o ombro. — Tenha um bom dia, milady.

Regina reprimiu as lágrimas que lhe comprimiam a garganta. Devia ficar feliz ao vê-lo partir, mas não podia esquecer o calor delicioso dos lábios dele em sua pele.

— E também, lorde Daniston — ela disse em voz baixa com pouca coragem, ao ouvir a porta da rua se fechar —, tentarei nunca deixar meu coração ser ferido pelo senhor e por sua amante, seja ela quem for.

Capítulo V

— Você deve tê-la entendido mal.

Marcus parou de andar de um lado a outro e fitou a amante com raiva. Imaginara que Jocelyn fosse a última pessoa a defender sua esposa. Por isso fora até a casa dela tão cedo a ponto de interromper-lhe a *toalete*. Ela não gostava de recebê-lo antes da hora do almoço e o deixara esperando na sala de estar, enquanto terminava de arrumar os cabelos. Embora ela estivesse muito atraente no penhoar rosa-claro, ele não conseguia pensar em nada além de sua frustração.

— Eu a entendi muito bem, quando ela afirmou que não apenas não tem as habilidades para ser uma esposa perfeita, como não faz questão de aprendê-las.

— Meu pobre Marcus. — Jocelyn abraçou-o e a fragrância almiscarada envolveu-o. Encostou a cabeça no ombro dele e murmurou. — Nada tema. Eu sempre lhe prestarei socorro quando sua esposa o mandar embora da cama.

— Suponho que ela me receberá bem.

Ela recuou, com o cenho franzido.

— Pensei que ela não tivesse habilidades femininas.

— Para administrar a casa e os criados. — Marcus cruzou as mãos nas costas. — Não tive tempo de pensar em mais nada.

— Ainda bem — ela ronronou ao sentar-se no sofá sobre as pernas.

Marcus refletiu se haveria uma epidemia em Londres que deixava as mulheres com a mente adormecida.

— Jocelyn, você sabe como papai está desesperado para eu ter um herdeiro. Herdeiro legítimo — ele acrescentou ao vê-la abrir a boca, embora não pudesse imaginar sua amante permitindo si mesma entrar em uma condição tão inconveniente.

— Venha sentar-se comigo. — Ela bateu na almofada a seu lado. — Tenho certeza de que acabarei com dor de cabeça de tanto ver você andar de um lado a outro.

— O que não se compara com a *minha* dor de cabeça.

— Sente-se, Marcus. Massagearei suas têmporas com água perfumada, o que vai melhorar seu desconforto.

Ele anuiu. Sentou-se, pôs a cabeça no colo de Jocelyn, escutou-a cantarolar e gostou de sentir o resvalar de seus dedos macios. Apreciava a simpatia dela, mas nada aliviaria aquele mal-estar, pois não conseguia tirar a imagem de Regina da cabeça.

Sabia que ter uma esposa era uma situação difícil. Naquele momento, começava a entender o tamanho do problema.

Regina tornou-se o centro das atenções dos convidados que chegavam à residência de Berkeley Square. No alto da escada que dava acesso ao salão de baile, entre o duque e o filho, sob o brilho do lustre de cristal e ouro, ela mantinha o sorriso sereno. Mais uma vez agradecia ao pai o treinamento que recebera. De outra maneira não teria suportado as perguntas mordazes dirigidas a ela e ao marido.

Estava consciente de que, apesar de estar usando seu melhor vestido, o de musselina branca de algodão da Índia, ainda parecia estar fora de moda. O corpete não era tão alto como o das outras mulheres. A barra simples estava longa demais e não tinha nenhum babado. Apenas seus cabelos, que estavam cacheados ao redor do rosto e o leque de renda pendurado no pulso com uma fita púrpura, pareciam elegantes e atuais.

— Agradeço seu interesse por meu pai, lady Auburn — Jocelyn manifestou gratidão a uma matrona corpulenta que tentava deixá-la mais à vontade com as reminiscências sobre o amigo. — Ele falava com afeto de milady e de sua família. Sempre me contava a respeito das visitas que fazia em sua juventude à casa de campo de seus pais.

— Ele pretende voltar logo para a Inglaterra?

— Papai depende da vontade do Regente, milady, embora o agradasse muito retornar à terra natal para uma visita.

Lady Auburn virou-se para conversar com Marcus e Regina deu um suspiro profundo. Não era versada em conversas bobas e tagarelices, e notava que seu marido prestava atenção a todas as palavras que ela dizia.

Procurou não pensar onde Marcus passara a tarde. Ele viera até a porta dos aposentos dela para levá-la ao salão de baile onde saudariam os convidados para a *soirée*, como se nada houvesse acontecido. Notou que

não havia o menor defeito no paletó preto e na calça cinza do marido, mas gostaria de que ele fosse honesto com ela. Talvez se Marcus lhe contasse a verdade sobre a amante, ela poderia suportar a situação com maior facilidade.

Os últimos dois dias poderiam ser considerados entre os piores de sua vida. O marido a evitava e ela se aborrecia. Nunca sentira tédio em Argel. Lá ela cavalgava diariamente com Kamil ou com o pai para conversar com os vizires do Dei. Naquela altura dos acontecimentos, estava aprisionada na residência dos Whyte como se fosse uma mulher de harém.

Marcus lhe oferecera o braço e ela aceitara. Eles passaram pelo salão de baile rumo a um salão menor onde os convidados bebiam vinho e conversavam. As vozes ecoavam em um ribombar surdo pela sala rumo ao teto alto do saguão, antes de passar pelas mesas situadas sob uma fileira de espelhos.

— Milady precisa pedir à minha avó para comprar-lhe trajes novos — Marcus argumentou em voz baixa.

— Não o envergonharei por falta de um guarda-roupa apropriado.

— E por nenhum outro motivo?

Regina não pôde deixar de sorrir, diante do tom impiedoso.

— Milorde, sei muito bem a importância de manter uma aparência adequada.

Antes que Marcus pudesse responder, a duquesa apareceu imprimindo no mármore o toque de sua bengala. Seu vestido era verde brilhante e combinava com as fitas amarradas na bengala. A cor pareceria ridícula em outra mulher, mas ela usava a vestimenta com porções iguais de dignidade e deleite.

— Por que vocês estão demorando? Marcus, a sra. Fielding está ansiosa para falar com você esta noite.

— A sra. Fielding? — Ele sacudiu a cabeça, resignado. — Nem agora ela vai parar de ser casamenteira?

— Ela não quer aceitar — a duquesa deu um sorriso vitorioso — que eu fui bem-sucedida onde ela falhou. Veja vocês dois! Qualquer um pode afirmar que esse casamento será bem-sucedido.

Marcus arqueou uma sobrancelha e fitou Regina. Viu-a pressionar os lábios para esconder o riso e curvou-se para beijar a duquesa no rosto.

— Vovó, a senhora sempre tem sucesso naquilo em que se empenha.

— Ainda bem que você não esquece disso. — A duquesa bateu-lhe carinhosamente no braço e apontou a sala. — Não se demorem, ou nossos convidados se empenharão em boatos ainda maiores a seu respeito.

— Droga!

— Veja como fala, meu rapaz. Ainda mais na presença de damas.

Regina não teve mais como segurar a risada, quando a duquesa se afastou.

— Ela sempre costuma lhe dar ordens?

— Desde que eu me lembro como gente.

— Na certa, milorde deve ter sido um menino travesso.

Marcus levantou a mão dela de cima da manga de seu paletó e passou-lhe o polegar na palma. Regina, mesmo sem querer, saboreou o tremor de prazer por aquele toque.

— E o que a faz pensar que mudei? — ele murmurou.

— Milady, não sou mais um menino. — Ele a segurou pelo queixo e beijou-lhe a boca.

Regina prendeu o fôlego e as batidas do coração ecoaram em seus ouvidos. Deveria afastar-se e dizer-lhe que não seria sua esposa de fato, enquanto ele tivesse outra na cama. Também teria de lembrá-lo de que não poderia consumir o casamento antes da cerimônia. Nada disse. Desejava descobrir se os beijos de Marcus seriam tão maravilhosos como imaginava que fossem.

— Eles estão aqui! — a voz do duque afastou dela a empolgação.

Regina recuou e fez um esforço para sorrir quando o duque apresentou-a a um amigo. O cavalheiro — a mente de Regina, tomada pela paixão que por pouco não a fez perder a cabeça, esqueceu imediatamente o nome que o duque pronunciara — saudou-a com carinho e bateu no ombro de Marcus para congratular os noivos.

O duque conduziu-os ao salão que era imenso. Regina olhou ao redor, encantada, pois ainda não vira aquele recinto. Devia ter a metade do tamanho do salão de baile e o teto muito alto exibia desenhos de flores e videiras no reboco. Três das paredes apresentavam um mural onde fora pintado um cenário bucólico e Regina supôs que se fosse uma paisagem dos arredores de Attleby Court, porque, do outro lado, via-se o traçado de uma construção semelhante à grande residência de pedra que ela vira em outra

pintura. Cavalos pastavam nos campos e os jardins eram uma cacofonia de cores.

Não teve oportunidade de apreciar melhor a pintura, porque ela e sua nova família foram imediatamente rodeadas pelos convidados. As questões educadas às quais respondera antes foram perdidas em função das perguntas que se tornavam mais sarcásticas.

O quer ela pensava de Londres? Por quanto tempo ela e lorde Daniston permaneceriam em Londres antes de aproveitarem uma lua de mel longe da sociedade? Na certa seu pai retornaria à capital antes da cerimônia de casamento, não era verdade? E...

Regina procurou responder a cada um sem revelar nenhuma faceta dos sentimentos constrangedores que envolviam ela e o marido. Se ela deixasse escapar uma palavra indevida, a família inteira seria o centro de boatos daqueles que nada tinham para fazer.

As portas de outro salão foram abertas e ela sorriu quando Marcus se aproximou para conduzi-la à mesa do jantar.

— Milady parece estar se divertindo — ele comentou enquanto andavam atrás do duque e da duquesa.

— Tanto como eu me divertiria se fosse levada para uma prisão do Dei.

— Tanto assim?

Mais uma vez, Regina esforçou-se para não rir. Apesar de irritá-la, Marcus ainda podia fazê-la rir com um simples comentário.

— Os vizinhos de meu pai — ele continuou, com os olhos brilhantes de quem se divertia também — são todos do mesmo estilo. Falam de assuntos maçantes, a menos que apareça um tema picante para comentar. Peço desculpas se eles a importunaram durante sua primeira semana em Londres.

Regina não respondeu e olhou ao redor da sala.

— Pensei ter visto o cavalheiro que fica perto da estátua no centro da quadra.

— Qual cavalheiro?

Ela diminuiu o passo diante da súbita tensão na voz dele. Com um puxão, Marcus a fez retomar o ritmo.

— Não falei com ele, milorde, mas eu o vejo sempre da minha janela. Tenho a impressão de que ele prefere fumar seu charuto no jardim.

Marcus murmurou algumas palavras ininteligíveis.

— O que foi que milorde disse? — ela fez a pergunta quando chegaram perto da mesa posta com prataria e cristais que refulgiam sob a luz das luminárias das paredes.

— Andrews...

— Seu criado particular?

— ...tem um bizarro senso de humor. Ele tentou me convencer que o homem que fica fumando na praça é um Bow Street Runner.

— O que um Bow Street Runner estaria fazendo aqui?

— Concordamos novamente, milady — ele sorriu —, pois também fiz essa pergunta. Suspeito de que esse homem trabalha em uma das casas da quadra e deve ter se afastado de seus deveres para fumar. Andrews aproveitou a oportunidade para criar uma piada.

Regina descontraiu-se quando o marido puxou para ela a cadeira à direita da cabeceira da mesa. Aquele cenário ela conhecia bem. Quantas vezes ela se sentara com o pai e os ministros do Deí? Comera os alimentos condimentados, observara as dançarinas, escutara as músicas e tomara parte nas conversas. De início os líderes argelinos não queriam aceitá-la como ajudante de ordens do pai, mas depois haviam aprendido a não subestimar nem ela nem seu pai.

Deu um sorriso confiante para indicar que o marido não se preocupasse com ela e virou-se para o homem à sua esquerda. Ficou encantada ao descobrir que o sr. Clay, se é que se lembrava da apresentação dos convidados, trabalhava no Ministério dos Negócios Interiores.

Ao entender que ela e o homem grisalho tinham conhecimentos em comum, a conversa fluiu com um bem-estar que nem imaginara encontrar naquela noite. Descobriu também que o sr. Clay tinha senso de humor. Não demorou em rir com ele das histórias de seu trabalho ao lado de lorde Sidmouth e de outros no Ministério.

— Milady deve achar a vida aqui muito monótona, depois das aventuras que enfrentou no norte da África — o sr. Clay deduziu, enrugando ainda mais o rosto com um sorriso.

— Papai sempre me dizia para ver a vida como uma aventura.

— Mas Londres nem de longe se parece com a Argel.

— Não — Regina concordou com uma risada e deixou o garfo no prato de bolo —, mas cada cidade em que vivi tinha um encanto especial.

— E o que milady achou mais encantador em Londres?

Regina vacilou. Não poderia contar a ele que ainda nada vira além de Berkeley Square, exceto as ruas cobertas pelo nevoeiro por onde passara no trajeto para a cidade. Então imaginou se na Inglaterra seria estranho uma mulher recém-casada ir além de seu próprio jardim. Tinha muitas coisas para conhecer e não queria cometer um erro grave antes de ver tudo.

— Peço-lhe perdão, sr. Clay — ela retrucou com um sorriso que não alcançava os olhos —, mas não posso responder à sua pergunta. Ainda tenho muito para visitar nesta cidade e prefiro deixar meu julgamento para o final. Claro, isso deve ser a fonte do encanto da cidade. Há muitos lugares que ainda pretendo apreciar.

O sr. Clay olhou para além dela.

— Lorde Daniston, congratulações por ter encontrado uma esposa tão inteligente e diplomática, além de ser tão linda como uma manhã de primavera.

— Obrigado. — Marcus levantou-se. Regina fitou-o e imaginou o que fizera de inoportuno. Mas ele pôs as mãos nas costas da cadeira. — Milady?

Com dezenas de dúvidas, ela se levantou. Em seguida desconfiou ter cometido um deslize, ao ver as outras mulheres também se levantarem. Observou-as sair da sala como felpas de dente-de-leão flutuando ao vento.

— Milady? — Marcus chamou-a novamente.

— Milorde quer que eu saia?

— Filho — o duque interveio com suavidade —, creio que você deveria escoltar Regina até onde as outras mulheres se encontram.

Regina conteve a curiosidade, quando Marcus tornou a oferecer-lhe o braço. Foi com ele até o vestíbulo e notou que todos os homens a miravam na passagem. Gostaria de ter ficado quando as outras se retiraram, mas nada entendia do assunto.

— As damas se reunirão na sala de estar da vovó — Marcus explicou.

O hall estava deserto. Ouviam-se sons de conversa na sala de jantar e da sala de estar da duquesa que ficava nos fundos do mesmo pavimento.

— Não entendo por que devo me afastar.

— Porque é isso o que as mulheres fazem.

— Ou é porque elas não têm interesse na conversa dos cavalheiros. — Ela bateu o leque fechado na palma da mão. — Mas eu estava interessada. O sr. Clay fazia comentários intrigantes a respeito da situação atual do Mediterrâneo. Eu gostaria de falar com ele mais tarde.

— Milady está desculpada.

Regina apertou o braço dele e Marcus teve de engolir uma imprecisão. Será que todos os homens casados deviam aguentar uma mulher tão importuna como essa? Ergueu cuidadosamente de seu braço os dedos de Regina e virou-se rumo ao salão de jantar.

— Eu não deveria ser ignorada como se não valesse mais do que uma mesa — ela afirmou com uma serenidade que aumentou a exasperação dele.

Se Jocelyn fosse contrariada, ela estaria gritando e atirando coisas, de preferência friáveis, a quem mais a ofendesse. Há não mais de uma semana, assim fora com ele. Ele deu um sorriso vagaroso, ao lembrar-se de como haviam passado as horas depois que ela se acalmara.

Analizou a esposa e ponderou quais seriam as chamas adormecidas de sua existência. Algumas ele já descobrira, mas ele tivera apenas uma amostra. E uma amostra que o fazia desejar mais.

— É notório — Marcus lembrou a si mesmo que deveria concentrar-se no problema imediato — que milady está prestando mais atenção a um convidado do que a seu marido.

— Achei que deixar convidados à vontade fosse o dever de uma anfitriã.

— Não quando parece que milady faz isso com o propósito de ignorar o marido.

— Milorde, não foi essa a minha intenção. Estava convencida de que, pelo fato de entreter os convidados, deixaria sua família orgulhosa. Embora eu não pudesse fazer nada para ajudar na organização do jantar, pelo menos conversei com o sr. Clay.

Marcus cruzou as mãos nas costas. Porcaria de dedos ansiosos para tocar no rosto corado de Regina e descobrir se era tão deliciosamente suave como pareciam ser! Afinal, ela *era* sua esposa. Se desejava acariciá-la, não havia ninguém que pudesse negar-lhe esse prazer. Lembrou-se novamente de que era melhor que Regina não fosse feia. Quando chegasse a hora de levar a termo o casamento para conseguir o tão esperado herdeiro, a atração por sua mulher seria mais suportável.

— Se milady desejar minha ajuda, eu a orientarei a respeito da maneira como deve se conduzir esta noite — ele declarou em voz baixa.

— Milorde vai me ensinar como agir? — Os olhos dela emitiram um aviso.

— Sua educação quanto ao papel de uma mulher foi totalmente inadequada.

— Papel de uma esposa, milorde quis dizer.

— Por certo.

Marcus espantou-se quando Regina apontou o dedo no botão superior do colete dele.

— Milorde não tem ideia do que uma mulher perfeita poderia fazer pelo senhor.

— Não? Tenho uma excelente noção.

Marcus não pôde se controlar e segurou-lhe os braços. Puxou-a de encontro a si e inclinou a boca sobre a de Regina. As curvas generosas da esposa pressionaram-se contra seu peito largo e quando Regina deslizou as mãos sobre os braços do marido e chegou aos ombros, ele aprofundou o beijo. O gemido de prazer roçou a língua de Marcus e deixou-o em chamas pelo desejo que o consumira desde a primeira vez em que a vira no saguão. Regina era linda, sedutora e lhe *pertencia*.

Regina agarrou-se nas costas do casaco do marido, enquanto ele experimentava a suavidade do pescoço delicado. Ela deixou escapar um gemido de prazer quando ele provocou-lhe a orelha com a língua. Ele estava certo de nunca haver sentido nada mais delicioso do que a pele da esposa.

Regina tentou falar, mas ele tornou a beijar-lhe a boca. As palavras dela o enraiveciam. Os lábios, o inflamavam.

Ele espalmou as mãos nas costas de Regina, pressionando-a ainda mais de encontro ao peito. Faminto pelos prazeres que o agradavam, tateou os ganchos que fechavam o corpete. Ela era sua mulher e ele a desejava.

Marcus ficou estático, com os dedos nos ganchos, ao escutar uma risada da sala de jantar. Ora, mas aquele não era o momento de dar rédea livre às fantasias que o atormentavam todas as noites, desde que a conhecera.

Regina encarou-o, quando ele a soltou com relutância evidente. Teve de se encostar à parede, pois seus ossos pareciam ter perdido a consistência. Os olhos de Marcus queimavam de paixão, forte e profunda. Ele abria e fechava os punhos, como se estivesse lutando contra o mesmo desejo que a inundava. A pele de Regina brilhava com as faíscas intrigantes deixadas pelos lábios de Marcos. Um passo poderia trazê-la de volta a seus braços. Um simples passo...

— Perdoe-me, milorde — ela disse. — Creio que devo fazer companhia às outras damas.

Regina não deu a ele a chance de responder. Virou-se e saiu apressada pelo saguão. Era a primeira vez em que ela fugia de uma confrontação.

E temia que não fosse a última.

Capítulo VI

A carruagem parou diante de uma loja que não tinha nenhuma aparência de ser frequentada pela cúpula da nobreza. Uma pequena placa, quase polida pelo vento que soprava do rio, balançava sobre a porta. Havia apenas uma pequena janela, sem letreiro.

— Madame LaPorte estava ansiosa para conhecê-la, Regina — a duquesa repetiu pela terceira vez desde a saída de Berkeley Square. — Você deveria sentir-se honrada por madame querer tê-la como cliente em cima da hora, em plena temporada. Ela é muito metódica quanto a esses detalhes. Ela concordou com esse pedido pouco ortodoxo, por eu ser cliente dela há muitos anos.

— Eu lhe agradeço muito pelo que tem feito por mim. — Regina não encontrou nada mais para dizer. Embora soubesse que precisava de vestidos novos para não se sentir deslocada com suas roupas fora de moda entre as damas da sociedade, não acreditava que o trabalho de madame LaPorte fosse inigualável. A modista não podia ser responsável por todos os trajes esplêndidos que vira a noite anterior.

O cocheiro apressou-se em abrir a porta. Ele pôs um estribo na calçada e ajudou a duquesa, que usava um vestido branco imaculado, a descer da carruagem cristada. Depois de acomodar a idosa senhora, virou-se para Regina. Ele ficou chocada ao vê-lo resmungar depois de olhar a rua.

— Aconteceu alguma coisa, Webster? — ela indagou.

— Não, milady. Não houve nada.

Regina não acreditou. Ele respondera muito depressa e com muita ansiedade. Disfarçou uma espiada para os dois lados da rua, enquanto o cocheiro a ajudava a descer e nada observou de anormal. Duas carruagens esperavam os passageiros e alguns pedestres espiavam pelas janelas das lojas da rua estreita.

Olhou para Webster e ficou espantada ao ver que o cocheiro alto não a fitava. Ele se limitou a inclinar a cabeça e a voltar para seu lugar.

— Vamos logo, Regina — a duquesa reclamou. — Esperamos muito tempo para começar os preparativos para seu enxoval.

— Pois não, Alteza. — Ela guardou para si as incertezas e encontrou na loja com a dama.

Ao entrar, imediatamente as fragrâncias perfumadas a tomaram de assalto. Surpresa, olhou a confusão de tecidos e rendas que cobriam todas as superfícies. Teve a impressão de que um vento descontrolado passara por dentro da loja, desarrumando os rolos de pano. De algum local atrás das pilhas de tecido, ouviu vozes de duas mulheres conversando.

— Por aqui — a duquesa tomou a frente. — A nora do duque de Attleby não precisa esperar como uma cliente comum.

Regina sorriu. Todos se intimidavam com a presunção da duquesa. Imaginara algumas vezes uma discussão entre a avó de Marcus e o Dei. Era possível que o Dei se achasse perdedor.

— Madame LaPorte! — a duquesa falou quando elas entraram em uma pequena sala um pouco mais organizada do que o recinto da frente. — Eu...

A duquesa interrompeu-se e Regina olhou ao redor. Teve certeza de que seu coração parara de bater ao ver seu marido com uma mulher estranha pelo braço. Uma mulher magra que usava os cabelos presos em um coque segurava uma peça de tecido. Devia ser a modista e Regina não deu atenção a ela.

A duquesa fez um estalo com a língua, consternada. Regina limitou-se a endireitar os ombros, voltando à atitude aprendida com o pai. Não deveria demonstrar suas emoções. Não naquela hora, quando precisava de toda sua astúcia para agir como se o encontro com o marido e a amante dele fosse uma ocorrência comum.

Analizou rapidamente a outra mulher que, com descaso, continuava de braço dado com Marcus. A mulher era bem mais alta do que ela e seu vestido fora feito para salientar as curvas generosas que, a despeito da silhueta esguia, Regina pensou com um rompante de despeito, acabariam ficando exageradas como as da duquesa. Os cachos bem arrumados, quase do mesmo tom dos de Marcus, ornavam seu rosto sob o chapéu de renda e seda.

Eles formam um belo par, ela não teve como reprimir o pensamento. E Marcus tem, pelo menos, a decência de parecer pouco à vontade.

Controlou-se para não gritar. Era a maior das farsas ela pensar pela primeira vez no marido com o nome de batismo no exato momento em que o encontrara com sua amante.

Não deveria deixar que essa exibição singela pelas ruas da cidade a transtornasse. O pouco tempo passado em Londres lhe ensinara que não era incomum para um homem ter ao mesmo tempo uma esposa e uma amante. *Assim como o Dei.*

Apertou as mãos em punhos por dentro das dobras do vestido. Era uma ironia ter lutado durante anos para não ser confinada em um serralho e, na Inglaterra, acabara por fazer parte do harém do marido! Por certo, esse termo não era empregado na Grã-Bretanha e Marcus também não ousaria trazer a concubina para a casa do pai, mas as circunstâncias eram semelhantes.

— Boa tarde — Regina adiantou-se e quebrou o silêncio do ambiente tenso. — Nem acredito que nós nos encontramos. Sou Regina Whyte, lady Daniston.

A outra chegou a estender a mão, mas recolheu os dedos enluvados.

— Boa tarde. — Ela reparou que as sobrancelhas de Regina estavam arqueadas em um questionamento.

— Sou Jocelyn Simpson.

— Senhorita ... ou senhora... Simpson?

— Sra. Simpson.

— Sra. Simpson — Regina cumprimentou a mulher com um aceno régio de cabeça, em um gesto imitado do principal vizir do Dei. Duvidava de que a moça houvesse sido casada alguma vez, mas aceitou o cumprimento como natural. — Percebo que a senhora mostrava preferência pela seda rosa. Acha que essa será a moda do ano?

Marcus evitou dar de ombros quando Jocelyn o fitou de viés. Conhecia pouco a esposa, mas duvidava de que ela tivesse o comportamento submisso das outras mulheres. Não o surpreendia ela não se debulhar em lágrimas nem ter uma crise histérica. No entanto, não podia supor o que Regina pretendia fazer em seguida.

A incerteza era uma sensação incomum para ele. Se as circunstâncias fossem inversas, Jocelyn teria um ataque de nervos e sairia correndo da loja. Quem a ouvisse deduziria o tamanho de sua fúria e ele teria de comprar um presente caro para acalmá-la.

— Escolhi o rosa — Jocelyn respondeu, constrangida — por achar que é uma cor que me favorece... milady.

Marcus fez uma careta ao sentir, através das luvas finas de Jocelyn, as longas unhas lhe pressionarem o braço no momento em que ela pronunciou a última palavra. Mesmo que Jocelyn não houvesse aceitado sua proposta de casamento — feito em um show de devoção que, felizmente, não surtira efeito, pois seria um escândalo o filho de um duque desposar a amante —, ela estava obviamente aborrecida por ter de dividi-lo com outra.

— Tem razão — Regina concordou, serena, como se o encontro fosse normal. — Permite que eu a cumprimente pelo lindo chapéu? Se não for inoportuno, eu gostaria de saber o nome da chapeleira que o desenhou.

— Eu o comprei na loja da sra. Pollock.

— Vossa Alteza sabe onde fica? — Regina virou-se para a sogra.

A duquesa sorria.

— Sei, sim, Regina, mas pensei em sugerir outro local onde se encontram sempre os últimos lançamentos que combinariam mais com os figurinos que vimos aqui.

— Muita bondade sua. Sei como é importante para lorde Daniston eu não parecer antiquada.

Marcus não sabia o que pensar. O que Regina tencionava com aquela simpatia fingida? Será que tinha como objetivo conquistá-lo?

Teve de reconhecer que ela mostrava-se adorável naquele vestido simples, mesmo sendo fora de moda em comparação com o traje de Jocelyn. O verde-claro ressaltava os laivos verde-esmeralda dos olhos e atenuava o tom acobreado dos cabelos. Ora, ora! Seria muito mais fácil se a esposa fosse feia como um ogro! Em vez disso, Regina era bela e envolvida por uma melancolia rara que ocultava sua força de vontade.

— Regina, esta é madame LaPorte, que estava ansiosa para conhecê-la — a duquesa desconversou.

Regina ficou satisfeita com a desculpa de poder afastar os olhos da cena brutal que era *aquela mulher* de braço dado com Marcus.

— *Bonjour, madame. Comment allez-vous?*

A modista alegrou-se ao escutar a linguagem materna e respondeu no mesmo idioma.

— Estou muito bem. Milady fala a minha língua como se houvesse nascido às sombras de Notre Dame. Disseram-me que milady era inglesa.

— Sou, mas meu pai é diplomata a serviço do Regente. O francês é a linguagem da diplomacia. — Regina retornou ao idioma inglês e à duquesa

— Alteza, perdoe-me por ter falado em francês. Sinto falta das conversas com meu pai quando viajavamos a trabalho.

— Entendo — a duquesa concedeu. — Falarei com meu filho. Não há por que não nos dedicarmos à língua francesa uma vez por semana.

Regina notou a expressão desgostosa de Marcus. Até onde sua avó o alfinetaria antes de ele perder a compostura, conforme a prevenira?

— Não se incomode por minha causa, Alteza.

— Queremos que se sinta em casa, não é mesmo, Marcus? — A dama sorriu para o neto, mas não lhe deu tempo de resposta. — Diga-me, Regina, você fala outros idiomas?

— Sim. — Apreensiva, fitou Marcus e a sra. Simpson. Aquela interlocução tinha de terminar, mas não havia como conter a duquesa.

— Quais, minha querida?

— Tenho fluência em espanhol, italiano e alemão. Arrisco um pouco em russo e é, claro, falo árabe.

— Mas que tesouro! — A duquesa voltou-se para madame LaPorte que dava a impressão de desejar que todos saíssem. — Não é uma sorte meu neto ter encontrado uma joia dessas como esposa?

A francesa respirou mais aliviada com a intervenção de Marcus.

— Madame, acredito que já resolvemos nossos assuntos por hoje. Nós lhe desejamos um bom dia.

Regina procurou não fitar o marido, mas não conseguiu. Os olhos estreitados dele não escondiam a fúria. Contra ela, a avó, a sra. Simpson, ele mesmo ou contra todos? Nada perguntou para não aumentar a tensão, mas sustentou o olhar do marido.

Notou no semblante dele uma expressão fugaz e indecifrável. Surpresa, viu-o desvencilhar-se da sra. Simpson e levar a mão para trás das costas dela.

— Espero que nos vejamos no jantar, Marcus — a duquesa falou enquanto ele empurrava a amante em direção à porta.

— Imaginei que fosse dizer isso, vovó.

— Vai embora sem dar um beijo em sua avó?

Regina prendeu a respiração quando a duquesa ergueu a face. Por um longo momento, Marcus não se moveu. Depois deu um passo adiante e beijou rapidamente a avó. Ao se endireitar, sua manga tocou no braço de Regina.

O movimento poderia ter passado despercebido por eles, mas Regina sentiu a respiração profunda de Marcus que a atingiu como um raio. As pontas de seus dedos formigavam pelo desejo de tocá-lo, para que ele a tomasse nos braços e tornasse a beijá-la. Devia estar louca em pensar nos beijos do marido na presença da amante dele!

Marcus ergueu o braço e Regina inclinou-se na direção dele. Nisso, ele blasfemou em voz baixa, virou-se e levou Jocelyn para fora da loja, sem olhar para trás.

— Vamos ver, minha querida — a duquesa convocou Regina como se nada estivesse errado —, os figurinos que madame LaPorte separou para você. Madame, por favor, traga os tecidos mais finos para Lady Daniston. E têm de ser os melhores.

— *Mais oui* — a modista disse com alívio e apressou-se para dentro da oficina.

Regina foi para a sala da frente, seguida pela duquesa, e se deteve diante da janela para olhar a rua. Uma carruagem se afastou e sumiu.

— Regina?

A custo, ela se virou para encarar a duquesa. E, atônita, viu-a sorrir. Não imaginava que seu desalento agradasse à nobre dama.

— Pois não?

— Venha tirar as medidas para a confecção de trajes dignos de uma esposa conveniente para Marcus.

Aceitar a amante do marido fazia dela uma esposa conveniente? Não queria saber, mas temia que fosse descobrir nas próximas semanas.

Regina percebeu a entrada de Marcus na sala quando as dobradiças rangeram e a porta foi fechada. Deixou a seu lado no sofá o livro que estivera lendo, mas não sorriu. Durante a refeição em família, houvera fingimentos em demasia. Não seria desonesta nem com ele nem com ela mesma.

Para ser franca, Marcus nunca lhe parecera mais bem-apegoado. Ele usava paletó marrom-escuro, colete dourado e o laço moderno da gravata realçava os babados da camisa. A calça de nanquim claro delineava as pernas musculosas e terminava sob as botas recém-polidas. Nem em sonhos poderia imaginar um marido mais bonito.

Mas ela vivia um pesadelo.

— Papai ficou intrigado com a ideia de falar apenas francês no jantar de hoje à noite — ele disse, à guisa de saudação.

— Você não jantará conosco?

Marcus atravessou a sala com passos tão macios como as ondulações dos músculos que ela sentira, quando ele a segurara na noite anterior.

— Fui obrigado a aturar demais o idioma francês durante os anos escolares. Eu a deixarei deslumbrar papai e vovó.

— Pelo visto, não posso fazer o mesmo por você.

— Pelo contrário. — Marcus tirou do casaco uma caixinha de veludo azul real. Milady me deslumbrou muito mais do que se possa imaginar e espero que aceite isso como uma prova. — Ele deixou a caixinha no colo da esposa.

Regina fitou o objeto e o rosto sorridente do marido. Sem dizer nada, ela se levantou, devolveu para ele o pacote e caminhou até a porta.

Marcus não acreditou e chamou-a. Por um instante, pensou que ela fosse ignorá-lo, mas Regina parou, endireitou os ombros e encarou-o. Ele entendeu que a conversa não seria fácil.

Ora, bolas!

— Sim? — A calma discordava da fúria do olhar de Regina.

— Pensei que você ao menos tivesse curiosidade de saber o que eu trouxe.

Regina sacudiu a cabeça.

— Sei o que há aí dentro.

— Como assim? — Marcus levantou a caixa.

— Não sou tão idiota como você me julga. Talvez eu ignorasse muitas coisas quando vim para Londres, mas você já deve ter visto que sou uma boa aluna.

Marcus adiantou-se e parou a alguns centímetros da esposa. Segurou-lhe a mão e tornou a entregar-lhe a caixa.

— Quero que aceite isso.

Regina deixou o objeto no aparador ao lado da porta.

— Não, obrigada.

— Você não pode recusar um presente.

— Presente? — A riso de Regina foi tão cortante como vidro lascado. — É assim que se chama alívio de culpa? Você não pode comprar meu perdão

com mimos.

— Não preciso de seu perdão — ele respondeu à altura.

— Não? Então por que tenta dar-me um regalo depois de voltar da cama de sua amante? Pedi-lhe apenas que fosse honesto comigo, como tentei ser com você. Contudo a sinceridade é algo que você não pode me conceder. Sinto muito, Marcus. Você tem mais riqueza e prestígio do que a maioria dos homens pode sequer aspirar, mas não pode comprar meu coração.

Ela acariciou-lhe o rosto com as mãos macias e ficou na ponta dos pés para roçar os lábios com os dela. Marcus sentiu os músculos do corpo tensos pelo desejo, mas antes que pudesse abraçá-la, Regina abriu a porta e subiu correndo a escada.

Ele escutou a porta do quarto se fechar. Nem precisou ouvir a tranca ser passada para saber que ela o bania completamente de sua vida. Abriu a caixinha, observou o colar de pérolas e fechou-a com uma imprecisão.

Droga!

Capítulo VII

Regina deu graças por finalmente sair da loja da modista. Estava cansada das provas sem-fim e das decisões que tinha de tomar a respeito do guarda-roupa que a duquesa insistia que ela deveria usar. Nem mesmo suas roupas íntimas agradavam a poderosa dama. Tudo precisava ser novo.

Suspirou diante da insistência de Beatty em apressar-se, porque ainda tinham de ir à chapelaria. Não devia demonstrar o menor sinal de cansaço diante de todas as dificuldades de um casamento que estava fadado a ser o assunto mais comentado da elite. Nos últimos dias, começara a entender a hesitação de Marcus em concordar com essa farsa.

Não que ele sofresse por isso. Supunha que ele passasse todas as tardes no clube, enquanto ela enfrentava provas e alfinetadas. Ou, pelo menos, esperava que ele estivesse no clube e não com aquela mulher.

Aquela mulher... era mais fácil do que dar à sra. Simpson a cortesia de um nome. Não podia imaginar dirigir-lhe a palavra outra vez. Nem deveria permitir-se estar novamente em situação tão desagradável. Se esse casamento não fosse apenas um jogo para agradar a duquesa, despediria Marcus sem hesitar.

O que era não correspondia à verdade. Ele a fascinava com o toque gentil e os beijos intensos como os da noite da *soirée*. Somente daquela vez... Depois ele passara agir como se ela não fosse mais do que uma hóspede em sua casa.

— Depressa, Regina — a duquesa chamou, da carruagem. — Seremos desconsideradas se nos atrasarmos para nosso encontro com a sra. Pollock.

Regina fechou os olhos ao escutar o nome da chapeleira. Compartilhar da mesma loja frequentada pela sra. Simpson lhe parecia um insulto contínuo. A outra antes sugerida pela duquesa adoecera, sem condições de trabalhar.

— Alteza — ela procurou ser o mais serena possível —, eu preferia não ir à chapelaria hoje.

— Regina...

— Por favor.

O desalento deve ter transparecido na voz de Regina, pois a nobre senhora acedeu. As plumas de cor safira de seu chapéu balançaram quando ela acenou para o cocheiro ajudar Regina a subir na carruagem.

Na volta para Berkeley Square, a duquesa ficou em silêncio, ao contrário de seu costume. Regina esperava não tê-la melindrado, mas não encontrou nada para dizer. Mais tarde perguntaria a Beatty se não havia mais uma boa chapeleira em Londres.

Ela esperou enquanto o cocheiro ajudava a duquesa a descer diante da residência. Olhou pela janela e tornou a ver o mesmo homem que observara tantas vezes no centro da quadra. Como sempre, ele fumava encostado no pedestal.

— O homem parece ter muito tempo livre para perambular — Regina cismou ao descer, olhando por sobre o ombro a estátua de George III.

— Que homem? — a duquesa levantou o rosto e fechou os olhos por causa do sol.

— Alteza! — Regina segurou a duquesa pelo braço e levou-a até os degraus da frente da casa. — Ele não deve saber que o espiamos. Pode pensar que falamos a respeito dele.

— E é o que estamos fazendo.

Regina suspirou quando a duquesa recusou-se a dar mais um passo. Por que não mantivera a boca fechada?

— É esse o homem que vem se escondendo por aqui? — a duquesa perguntou.

— Não sei se ele está se escondendo...

— É o mesmo homem?

— Acho que sim.

A nobre idosa arqueou as sobrancelhas como Marcus fazia.

— Creio que está na hora de solucionarmos o mistério.

Regina não teve alternativa a não se seguir a avó de Marcus até o centro da praça. Impossível saber o que o estranho pretendia. Batendo com a bengala nas pedras da rua, a duquesa chegou rapidamente ao gramado sob as árvores.

— Quem é o senhor? — a idosa dama perguntou ao se aproximar do homem que se endireitava.

Regina notou que o camarada estava bem-vestido, mas não de maneira tão elegante como os nobres. Se fosse um serviçal, devia ser de grau

elevado. Então por que não usava libré? Em vez disso, envergava uma cartola e um paletó simples por cima da calça.

— Meu nome é Pennant, Alteza. — O homem fez uma reverência profunda digna dos salões do Regente.

— Sr. Pennant?

— Sim, Alteza.

— Muito bem, sr. Pennant, tenho de fazer-lhe uma pergunta.

— Fique à vontade, Alteza.

Regina agarrou com força o cabo de osso do guarda-sol. A voz do homem era afável demais. Preocupava-a que ele estivesse fazendo troça com a duquesa, embora a avó de Marcus parecesse indiferente ou desatenta ao aspecto dele.

— Por que o senhor anda circulando por aí, sendo que a mais idiota das criaturas pode perceber que existe algo mais importante para fazer do que farejar Berkeley Square?

O sr. Pennant continuou a sorrir, mas seus olhos se estreitaram quando fitou Regina. Ela girou a sombrinha no ombro e, indiferente, suportou o escrutínio. Nenhum dos vizires do Dei conseguira assustá-la e muito menos o faria esse homem que deveria ter bons motivos para perder tanto tempo naquela praça.

— Vossa Alteza é muito perspicaz — ele argumentou, sempre amável.

— Talvez eu encontre *algo mais importante* para fazer em breve.

— Então sugiro que o faça imediatamente.

Ele tocou na aba da cartola despedindo-se da duquesa e em seguida, de Regina. Por um momento, Regina notou nele a mesma frustração tão comum no olhar de Marcus. Desviou depressa a vista. Tinha problemas suficientes e não queria saber o que perturbava aquele homem.

Satisfeita, a duquesa aceitou a ajuda de Regina para cruzar o gramado e voltar à rua. A dama grisalha dava risinhos enquanto as duas subiam os degraus de acesso à porta de frente.

— Venha comigo, Regina — ela ordenou quando entraram no saguão onde o criado esperava para receber os chapéus.

— Alteza, eu pretendia escrever uma carta para meu pai.

— Isso pode esperar.

— Mas...

— Regina, não entendo sua relutância em aceitar minha ajuda para tornar sua vida mais confortável nessa casa.

Regina suspirou e anuiu. Esperara evitar o que a duquesa rotulava como lições. As sessões diárias eram inúteis, pois ela não via necessidade de aprender a miríade de fatos que seriam bem melhor administradas pela cozinheira e por qualquer um dos criados.

— O dia está muito agradável para ser desperdiçado com essas coisas.
— Regina sorriu. — Por que não vamos dar um passeio, Alteza?

— Acabamos voltar de um.

— Estou sugerindo um passeio no parque. A senhora não afirmou várias vezes que a nobreza gosta de percorrer o Hyde Park em dias de tempo agradável?

A duquesa tamborilou com um dedo nos dentes.

— Você está tentando torcer minhas palavras para usá-las contra mim. Sabe muito bem o que Marcus espera, quando você assumir a administração de Attleby Court.

Por isso mesmo não tenho interesse em aprender, seria uma resposta tentadora, mas Regina não podia demonstrar essa infantilidade. A duquesa vinha sendo uma boa aliada. Suspeitava de que o duque tivesse pavor do caráter impositivo da mãe e que à duquesa agradava aquela situação.

Marcus era a peça do quebra-cabeça que Regina não conseguia tirar da confusão que se tornara sua vida em meio àquela sociedade que desconhecia. Novamente a voz de seu pai ecoou em seus ouvidos.

Até saber se uma pessoa é sua amiga ou inimiga, deve-se tratá-la com uma camaradagem cautelosa. Se for uma amiga, apreciará a confiança depositada nela. Se for uma inimiga, passará a respeitá-la.

E se for um marido?, ela gostaria de perguntar. Mas não podia escrever ao pai, pois duvidava de que uma carta saísse daquela residência sem ser lida. Até confirmar ou não a suspeita, evitaria pedir os conselhos dele.

— Vossa Alteza poderá ministrar-me ensinamentos durante nosso passeio.

— Está bem — a duquesa replicou com um sorriso. — Vejo que você herdou a habilidade de seu pai para fazer com que todas as pessoas aceitem suas opiniões.

— Quase todas — as palavras foram ditas sem querer.

Regina espantou-se quando a duquesa não respondeu. Esperava que essa surpresa fosse a única daquele dia.

Hyde Park era uma tapeçaria com cavaleiros e flores, além do pano de fundo de árvores frondosas e do Serpentine. Uma brisa agradável fazia com que os ramos acariciassem uns aos outros. Era um dia feito para conversar e namorar.

Regina não escondeu a alegria de ver as cores gloriosas que apareciam sob cada arvoredor. As poucas flores de seu jardim em Argel não se comparavam à riqueza daquelas cores. Manter a duquesa ocupada em nomear as espécies floríferas era muito mais interessante do que escutar qual vinho deveria ser servido com que pratos durante um jantar. E logo descobriu que a duquesa estava mais empenhada em apontar as pessoas que passavam e contar os boatos que as envolviam.

— Que vergonha! — a dama olhou para um cavalheiro vistoso que tagarelava com uma mulher elegante, dentro de uma carruagem pequena. — Será que ele não sabe que ela está interessada em conquistar lorde Roth? Ele está perdendo tempo em tentar seduzir essa cabeça de vento. Ele faria melhor se pensasse na esposa que lhe dará um filho antes do final do mês.

Sem saber o que dizer, pois a concordância condenaria Marcus junto com esse homem, Regina apelou para uma resposta não comprometedoras.

— Alteza, eu penso...

— Regina! É você?

Um homem loiro apeou de seu cavalo. Apressou-se até a carruagem, segurou a mão de Regina e levou-a aos lábios. Deu um sorriso largo, lembrando-a das travessuras que haviam compartilhado nos corredores dos pátios que rodeavam o palácio do Deu. Mesmo com um traje de montaria marrom em vez do uniforme que sempre usava em Argel, ele pouco mudara. Naquela altura, Regina entendeu que o bigode grosso que cobria quase todo o lábio superior não era moderno, mas não conseguia imaginar Benjamin Sheldon sem ele.

— Eu não sabia que você foi destacado para Londres — lembrou-se da boa educação e acrescentou: — Benjamin, esta é a duquesa viúva de Attleby... — Deu-se conta de que não conhecia o nome de batismo da dama tão altiva.

— Alteza. — Ele fez uma reverência perfeita.

— Ele é Benjamin Sheldon, major Sheldon...

— Eu me aposentei. — Ele riu. — Agora é apenas sr. Sheldon.

— Aposentado? — Regina espantou-se. — Mas por quê?

— Descobri que estava cansado de receber ordens de homens que eu não podia respeitar. Agora escolho a quem obedecer.

— Como tem passado, sr. Sheldon? — A duquesa foi calorosa. — Presumo, pela conversa entre o senhor e minha neta por afinidade, que os dois são conhecidos de longa data.

Sheldon fitou Regina.

— Neta por afinidade? Você se casou? Por que não fiquei sabendo de nada disso?

Regina enrubesceu.

— Meu casamento foi por procuração e a família de meu marido pediu a lorde Daniston e a mim para nós nos casarmos novamente em Londres dentro de duas semanas. Até então...

— Ficamos desconcertados — a duquesa interrompeu-a com delicadeza. — Não houve anúncio do matrimônio nos jornais. É evidente de que os rumores correm agora de boca em boca na alta sociedade e estamos empenhados em acalmar as dúvidas agindo da maneira correta.

Regina fitou a duquesa de esguelha, imaginando quais seriam os falatórios. Quantas vezes o pai lhe dissera para observar todos e tudo a seu redor? Estava deixando que o desespero a cegasse perante os acontecimentos.

— Como um velho amigo, eu gostaria de ser bem recebido para fazer-lhe uma visita. — Ao contrário de Regina, ele se recuperou mais facilmente do choque do que ela.

— Claro que sim.

— Claro que sim — ecoou uma voz que a fazia estremecer de antecipação.

Ela se agarrou na porta da carruagem e virou-se. Marcus estava atrás deles. O sol trazia reflexos azuis aos cabelos negros e iluminava o colete dourado sob o paletó sóbrio, o que o deixava com uma imagem de refinamento superior. As botas de montaria acentuavam a musculatura das pernas. Um faetonte leve aguardava ao lado da rua e Regina reconheceu o

veículo como o que se afastara da loja de madame LaPorte após o encontro infeliz da semana anterior.

Voltando ao hábito, ela deixou-se absorver pelo autodomínio que lhe servira em tantas ocasiões em Argel. Foi capaz até de sorrir.

— Lorde Daniston, permita-me apresentar-lhe o sr. Benjamin Sheldon. Benjamin, esse é meu... marido.

Ela prendeu a respiração ao hesitar diante da palavra, mas Benjamin veio em seu auxílio e estendeu a mão para Marcus.

— Lorde Daniston, o senhor é um homem de sorte.

— É o que todos me dizem.

Benjamin fitou-a de soslaio, mas Regina esforçou-se para afastar qualquer emoção da face.

— Irei vê-la em breve, Regina — Benjamin disse com um sorriso forçado.

— Está bem, eu o aguardarei.

Benjamin montou e afastou-se pela alameda. A duquesa bateu palmas com as mãos enluvadas.

— Marcus, que bom ver você. Meu querido, eu não o impedirei de dar uma volta no parque com sua esposa. — Ela sorriu, mas o queixo elevado era um aviso de que não aceitaria negativas.

— Vovó...

— Você não vai querer que esta velha sacola de ossos atue como uma dama de companhia para vocês. — Ela fez um gesto indicativo para o neto abrir a porta e ajudar Regina a descer. — Afinal, não se preocupar com indiscrições é um dos benefícios de poder cortejar Regina por estar casado com ela.

— Milady? — Ele ergueu a mão.

Regina apoiou nela os dedos e procurou dominar o fluxo de prazer quando Marcus englobou a mão pequenina na dele. Estava se deixando levar pelo inegável charme masculino de Marcus. Teria de ser mais cautelosa e sensível durante o passeio.

Os assentos do faetonte eram bem confortáveis para um veículo tão veloz. Embora o forro de veludo fosse um convite para se recostar e aproveitar mais as paisagens do parque, ela sentou-se na beira do assento e Marcus segurou as rédeas.

Ele conservava os lábios estreitados e os ombros imóveis como se fossem feitos de mármore. Nada disse enquanto adentravam para o meio do parque.

Regina não suportou mais o silêncio.

— Se quer saber, Benjamin é amigo de meu pai.

— E não é seu também? — ele perguntou com raiva contida.

— Claro que é, embora eu tenha perdido o contato com Benjamim há muitos anos. — Regina procurou se descontraír, à espera de uma explosão de temperamento. Devia ser nervosismo, nada mais. E, por certo, não se tratava de ciúmes.

— Você não tem amigas?

Talvez fosse um pouco de ciúmes, o que a agradou sobremaneira. No entanto, teria de ser honesta.

— Como eu poderia ter oportunidade de encontrar outras mulheres? Todas ficavam presas nos serralhos.

— Não as inglesas.

— Algumas sim. — Regina observou a beleza do parque e a testa franzida de Marcus. — A maioria das inglesas ia embora logo depois de chegar a Argel. Agora entendo o motivo de tanta saudade da Inglaterra. Este é um local esplêndido.

— E bem diferente de Argel.

Regina resolveu ser objetiva.

— Quer que eu cancele o convite para Benjamin nos visitar?

— Eu preferia que você adiasse todas as visitas para depois do casamento.

Regina fechou as mãos em punhos no colo e ergueu o queixo.

— Eu não esperava que meu marido escolhesse minhas amizades, a menos que eu pudesse escolher as dele.

— Não quero falar de Jocelyn.

Regina estremeceu. Ele não chamava a esposa pelo nome e ousava pronunciar o nome da amante.

— Também não tenho vontade de falar a respeito da sra. Simpson. Eu estava falando de *amigos*. — Ela arregalou os olhos. — Se pretende insinuar que eu e Benjamim éramos amantes, posso lhe assegurar... — Ela engoliu em seco quando a carruagem parou de repente à sombra de um grupo de árvores.

Marcus segurou-lhe os ombros e abraçou-a para que ela não se afastasse.

— Não precisa me assegurar nada, pois tenho certeza de que ele não teve a satisfação de participar de sua intimidade.

— Será mesmo?

— Sim. — A voz dele, rouca e calorosa, deixou-a surpresa. Em um minuto, estava furioso com ela; no seguinte, o desejo que transparecera no beijo esgueirava-se em suas palavras.

— O que o faz pensar isso?

Marcus beijou-lhe a face direita e depois a esquerda, antes de provocar-lhe a ponta do nariz com um beijo leve.

— Sheldon parece um homem ajuizado e jamais se envolveria com uma mulher insuportável como você.

— Ora, você está casado comigo.

— A escolha não foi minha — ele retrucou enquanto espalhava beijos úmidos, que pareciam centelhas, ao longo do pescoço de Regina.

Ela fechou os olhos e deixou-se abraçar com força a ponto de moldar seu corpo de encontro ao peito rijo. Ela acariciou-lhe as costas e passou os dedos nos cabelos grossos, permitindo que cada madeixa a acariciasse, enquanto ele procurava delícias que ela não podia negar, no interior de sua boca. Com a língua impetuosa ensinou-lhe uma dança que lançava fagulhas no interior de Regina. Com a respiração presa na boca de Marcus, ela desejava estar ainda mais próxima dele para explorar plenamente o reino daquele arroubo.

— Ora, bolas — ele murmurou ao afastar os lábios dos dela. — Por que concordei com essas três semanas intermináveis antes de consumarmos o casamento?

— Não sei — ela respondeu, traçando um caminho ondulado entre os botões centrais do colete. — Por que você fez isso?

— Quando eu descobrir, você será a primeira a saber. — O sorriso dele desapareceu quando tornou a beijá-la.

Mesmo sabendo que se odiaria mais tarde por se render a ele, Regina entregou-se totalmente ao beijo. Naquele momento, envolta pelos braços do marido, estava certa de que todos os seus sonhos poderiam se tornar verdadeiros... ou serem destruídos.

Capítulo VIII

— As coisas estão indo por um bom caminho, não é? — a duquesa perguntou e tomou um gole de café.

Por pouco, Marcus não engasgou. Bom caminho? Essa imitação grotesca de um casamento?

— Vovó, seu otimismo inabalável é surpreendente.

— Ora, ora, meu querido Marcus — ela o admoestou e bateu no jornal que o duque lia para chamar-lhe a atenção e incluí-lo na conversa —, não vai afirmar que sua visita ao parque há dias não foi um sucesso, não é? Ouvi falar que você e Regina se entenderam muito bem naquele dia.

— Ela fica espantada com as coisas mais simples. — Ele tinha esperança de que sua resposta ocultasse o golpe de desejo que o atingia quando se lembrava do sabor dos lábios tentadores de Regina.

— É verdade. — A duquesa tocou o sino de prata que estava ao seu lado e fez um sinal para que as xícaras de café fossem reabastecidas. — Ela ficou perplexa quando falei com o sr. Pennant. Eu o informei de que não via motivos para ele circular pelo centro da quadra. Afirmando que falei com cortesia, embora saiba que você não duvidaria disso. O sr. Pennant parece ter aceitado minhas palavras.

Marcus endireitou-se ao ouvir o nome que nunca pensaria ouvir no café da manhã.

— Quem é o sr. Pennant? — o duque perguntou.

— Vovó — Marcus falou quando ela apenas sorriu —, a senhora não deveria aproximar-se de um estranho e repreendê-lo.

— Ele foi embora.

— Era de se esperar que o homem não encontrasse motivos para ficar e ser repreendido pela senhora, mãe. — O duque deu uma risadinha.

— Mãos ociosas são...

— Problemáticas — Marcus resmungou o comentário que ouvira muitas vezes em sua vida.

— O que você disse? — a duquesa perguntou. — Fale alto, meu rapaz. Resmungar é um hábito desagradável.

Marcus forçou um sorriso.

— Eu disse estar satisfeito pelo homem ter-se afastado. Não precisamos de mais problemas.

— Com certeza o camarada encontrou afazeres mais adequados em outro local. Não precisamos nos preocupar mais com ele.

— Preocupar-se com quem? — Regina perguntou ao entrar na sala da refeição matinal.

Marcus levantou-se para conduzi-la até a cadeira, mas sentiu como se os pés estivessem pregados no chão e não evitou um olhar embasbacado. Desde o começo, admirara a beleza da esposa, mas ela parecia extraordinária em um vestido de listras cor de jade como seus olhos. Os traços no sentido longitudinal do vestido atraíram seu olhar para a cintura alta acentuada por franzidos sobre o busto. Regina parecia fresca e encantadora como uma manhã de primavera.

— Bom dia, Marcus — ela o cumprimentou com voz rouca que o fascinou.

Ele teve o pensamento inebriante de que poderia ouvi-la dizer essas palavras todos os dias, até o fim de sua vida. Segurou a mão estendida da esposa, afastou a cadeira para ela sentar-se e deslizou os dedos sobre os ombros delicados. Pronunciou o nome dela e ela o fitou com o olhar verde e luminoso. Ele segurou-lhe o queixo e levantou-lhe o rosto. Faminto, banqueteceu-se com os lábios suaves. Ela o abraçou pelo pescoço e ele aprofundou o beijo, exigindo todos os prazeres que poderiam ser compartilhados.

— Bom dia, Regina — ele murmurou, sem a soltar. Imaginou o que brilhava mais. Se os olhos ou o sorriso dela.

— Fale alto, meu rapaz — a duquesa repreendeu-o. — Como alguém poderá ouvi-lo?

Regina arqueou as sobrancelhas finas. Marcus evitou demonstrar que se divertia e sentou-se antes de responder.

— Vovó, existem certas coisas que devem ser ocultadas até mesmo da senhora.

— Bobagem!

— Mamãe — o duque abriu novamente o jornal — pare de provocá-los. O rosa é uma bela cor, mas a senhora não deve fazer Regina corar, só por que deseja alfinetar seu neto.

Marcus deu uma risadinha e apertou a mão de Regina sob a mesa. O sorriso suave da esposa era um convite para tomá-la novamente nos braços. Alguma coisa teria de ser feita para aliviar esse desejo ou ele acabaria maluco e cometeria a insanidade de se apaixonar pela esposa. O que provaria sua imbecilidade e que precisava ser evitado a qualquer preço.

— Nunca ouvi falar de um noivo que presenciasse a prova do vestido da noiva. — A duquesa torceu os lábios para demonstrar a contrariedade.

— Se tenho de sofrer com essas provas intermináveis, meu marido não deveria ser poupado — Regina retrucou, de queixo erguido. Se tivesse sorte, a duquesa cederia. Nesse caso, ela poderia escapar de mais uma ida à loja de madame LaPorte. Desde sua chegada a Londres, era o destino diário das duas. E a cada dia, as horas se tornavam mais tediosas.

— Eu não tenho de provar nada. — Marcus sorriu. — Usarei meu melhor traje de noite para esperá-la no altar, diante do sacerdote.

Regina cruzou os braços na altura do peito.

— Então também vestirei meu melhor vestido. Não preciso de vestido de noiva. Afinal, tudo não passa de uma farsa.

A duquesa abanou-se com a mão.

— Oh, céus! Que desordem!

— Alteza, eu... — Regina interrompeu-se quando Marcus apertou-lhe o braço.

— Com sua licença, vovó — ele falou com uma frieza não habitual.

Regina pensou em resistir quando Marcus a levou em direção à sala de estar do primeiro pavimento. Mas a expressão determinada do marido a fez desistir da ideia e esperou até ele fechar a porta.

— Espero que esta seja a última vez que você me arrasta pela casa!

— Então aprenda a você segurar a língua diante de minha avó! — ele falou com raiva. — Pensei tê-la avisado que minha avó, apesar de seu caráter dominador, deve ser tratada com cuidado.

— Discordar dela não lhe fará mal nenhum. Já percebi que ela gosta de uma boa discussão.

— Concordo, mas você está tentando contrariá-la no que é muito importante para ela.

Regina torceu o nariz.

— Por que ela deveria se importar com uma futilidade dessas?

— Sou seu único neto e herdeiro ao título que foi do marido dela.

— Então devo ser agradecida pela oportunidade de ser empurrada, alfinetada e torturada para que sua família possa ter a pompa que anseia a cada geração?

Marcus apertou a mão no encosto do sofá.

— Você sempre tem de ser tão desagradável?

— Não sou desagradável.

— Não? Então por que está sempre reclamando de tudo o que não gosta desse casamento?

— Talvez — Regina suspirou — porque não há nada nele que me agrade. Ah, Marcus, será que não enxerga? Tudo não passa de uma combinação de erros. Estou muito aborrecida.

— Como pode estar aborrecida se minha avó tem planejado reuniões para você duas vezes por semana?

Ela brincou com o entalhe intrincado da mesa.

— Você já compareceu a alguma das reuniões organizadas pela duquesa?

— A uma. — Marcus torceu o nariz ao lembrar-se do episódio. — Achei as amigas dela interessadas apenas em assuntos irrelevantes.

— Exatamente.

— Eu pensei que todas as mulheres gostassem de conversas frívolas envolvendo a sociedade, a moda e a temporada.

— Estou começando a perceber que não sou como as outras mulheres. Por isso, Marcus, peço-lhe que reconsidere essa futilidade. Uma cerimônia de casamento, por já sermos casados, é um absurdo.

— O fato de ser ou não um absurdo não muda o fato de minha avó desejar que você experimente a roupa hoje.

— Você entende que isso é inútil, mas ainda assim quer que eu tome parte nessa situação ridícula? Você não tem vontade própria?

Furioso, Marcus estreitou os olhos.

— Chega! De agora em diante, espero que você colabore com minha avó!

— Então você ficará desapontado.

— Regina, não há escolha.

— Vamos ver.

Marcus franziu o cenho ao ver Regina cruzar os braços na altura do busto. Ora essa! Ela estava disposta a contrariá-lo em tudo. E havia poucos minutos, ele admirara os encantos da esposa. Mas o fato de ela ser atraente não impedia que o deixasse furioso.

Uma esposa deveria obedecer ao marido. Devia honrar-lhe os pedidos, cuidar dele e gerar seus filhos. Regina não fazia nenhuma das coisas que prometera ao se casar.

Ele concentrou a atenção nos lábios suaves que haviam pronunciado aquelas palavras. E não teve como se conter. Agarrou Regina novamente, puxou-a de encontro ao peito e beijou-a antes que ela pensasse em se afastar. Ela entreabriu os lábios e correspondeu ao beijo. Marcus envolveu-a em um abraço e procurou os mistérios do interior da boca de Regina, sentindo seu arfar. Ele estremeceu e, com os músculos tensos, curvou-se para roçar com a língua a pele nua sobre o pequeno decote. Regina agarrou-se nas mangas dele e gemeu.

O som da bengala da duquesa batendo na porta teve uma resposta no suspiro pesaroso de Regina quando Marcus a soltou.

— O que eu não daria para ficar sozinho com você agora! — ele se lamentou.

— Você vem ou não? — a duquesa impacientou-se.

— Você vai? — Marcus insistiu.

— Sim. — Regina não o olhou e ele suspeitou de que teria concordado com qualquer razão para sair por achar que seria muito difícil governar a paixão entre eles. E ficou atônito ao ouvi-la dizer: — Mas só se você for conosco, Marcus.

— Não tenho o menor interesse em acompanhá-las até a loja de uma modista.

— Nem eu. — Regina ergueu o rosto com um sorriso desafiador. — Marcus, se você está determinado a ter uma cerimônia de casamento, então também deve se sacrificar por isso.

Marcus deu risada.

— Como se estar casado com você já não me oferecesse razões suficientes para sacrifícios.

— Ótimo — Regina disse, sorridente, e olhou a porta sendo aberta. — Então deveria alegrar-se em visitar a loja de madame LaPorte a nosso lado.

— Você virá conosco? — A duquesa riu. — Mas que encanto, Marcus! Não é mesmo, Regina?

— Claro, Alteza. Quem haveria de dizer que ele nos acompanharia?

A duquesa passou o braço no de Marcus, sem lhe dar chance de responder ao sarcasmo de Regina.

— Eu não disse que tudo está correndo às mil maravilhas?

Marcus e Regina se entreolharam. Ele imaginou como uma mulher tão frágil podia modificar sua vida tão profundamente.

— Sim, vovó, às mil maravilhas.

Marcus pôs o chapéu no joelho e mirou a pilha de tecidos. Que situação mais ridícula! Ele estava sentado na sala da frente da loja de madame LaPorte, enquanto Regina experimentava um vestido que não desejava. Mesmo sem querer admitir a verdade, era obrigado a concordar. Essa cerimônia exigida por sua avó resultava em um adiamento fora de propósito.

O passeio no parque confirmara o que ele já sabia. Regina era uma fruta doce pronta para ser saboreada. Como seria delicioso descascar as sedas macias que ela vestia, enquanto se envolvia no prazer de ensiná-la a ser a esposa que ele desejava!

Deu um sorriso torto. Aquela descoberta poderia ser-lhe negada em Berkeley Square até o casamento, mas desconfiava de que Jocelyn concordaria em ausentar-se da casa da cidade, se ele resolvesse levar Regina para lá. Jocelyn estava ansiosa para que a vida deles voltasse aos parâmetros anteriores à chegada de Regina. Qual maneira melhor de satisfazer seu apetite por essa guloseima apetitosa que, afinal, era sua esposa?

Aquela era, sem dúvida, a melhor ideia que tivera nos últimos tempos.

Aquela era, sem dúvida, a pior ideia que a duquesa tivera nos últimos tempos, Regina pensou. Nenhum vestido, de casamento ou não, precisava ser tão trabalhoso. Certamente uma hora já havia passado e a mulher ainda ajustava a cintura de Regina com alfinetes.

— *C'est magnifique!* — a modista anunciou quando Regina se virou devagar, permitindo uma observação do traje por todos os ângulos. —

Quem poderia supor que um vestido desse porte pudesse ser desenhado e costurado em tão pouco tempo? *Très magnifique!*

A duquesa concordou.

— Devo reconhecer que a senhora superou suas obras-primas passadas. Você também gostou, não é, Regina?

— É lindo. — Regina imaginou como elas teriam reagido se ela discordasse. E nem poderia. Nunca vira um vestido tão bonito como aquele de renda e tule que era usado sobre uma veste do mais puro cetim branco.

O decote profundo desnudava a curva dos seios e dos ombros, mas o franzido de seda das bordas emprestava ao vestido um ar de inocência. Regina olhou no espelho ao se virar e viu a barra rendada flutuar, revelando suas meias. A duquesa encomendara um par de luvas longas que chegavam aos cotovelos e sugerira que Regina deveria vestir os diamantes da família Whyte no dia do casamento.

Embora nada houvesse respondido, Regina pretendia discordar do oferecimento. Quando completara dezesseis anos, o pai lhe dera a caixa de joias da esposa. Ela usaria as pérolas da mãe que representariam uma conexão com sua família que não estaria presente à cerimônia.

A duquesa bateu a bengala no chão e riu.

— Madame conservou sua reputação de modista milagrosa. Difícil de acreditar que a senhora aprontaria o vestido de noiva de lady Daniston uma semana antes do dia previsto.

— Espero — a francesa falou com a boca cheia de alfinetes para completar a prova final — que eu nunca mais tente fazer um vestido em dez dias. — Sorriu. — Somente para uma cliente maravilhosa como Vossa Alteza.

— Madame me lisonjeia — a duquesa disse, mas Regina notou que a idosa estava encantada.

— Além disso, uma cliente como lady Daniston faz o trabalho valer a pena — madame LaPorte continuou.

Regina evitou responder. A francesa só fizera o vestido pela influência da duquesa que tinha... uma bolsa recheada de dinheiro.

Ela trocou de roupa apressadamente e refletiu se Marcus se conservaria tão silencioso na volta a Berkeley Square como estivera na vinda. Agradeceu à assistente de madame, uma garota miúda e dentuça que a

ajudara a se vestir. Pôs o chapéu, amarrou-o sob o queixo e seguiu a duquesa para fora da sala de provas.

Marcus estava sentado com o chapéu sobre os olhos.

— Acorde — a duquesa chamou-o e cutucou-lhe a perna com a ponta da bengala.

Ele empurrou para trás o chapéu e sorriu.

— Não estou dormindo, vovó. Apenas pensando.

O sorriso alargou-se quando ele olhou para Regina e ela perguntou-se no que ele estaria pensando. Fosse o que fosse, a ideia o agradava. As únicas vezes em que o vira com um sorriso satisfeito, fora quando a segurara nos braços.

Regina sentiu uma onda de desalento. Ele trouxera a amante até essa mesma loja para enchê-la de presentes. Durante a discussão acalorada que haviam tido, evitara lembrar que ele acompanhara a sra. Simpson de bom grado até ali. Pestanejou para disfarçar as lágrimas. Sabia que falar da concubina na certa traria problemas e desejava que alguém a ensinasse em como não pensar naquela morena alta e bela.

A duquesa apressou-os para fora da loja e para entrar na carruagem. Uma chuva enevoada colava-se em tudo. Assim que se sentaram no veículo fechado, a idosa fechou os olhos e seu ressonar fez eco com o chocalhar das rodas nas pedras.

Marcus pôs os dedos sob o queixo de Regina e virou-lhe o rosto para fitá-la.

— Sinto muito, mas tenho de lhe dizer que eu estava certo...

— Não estava!

— Mas eu lhe disse que a vovó precisava ser tratada com cuidados. Vê como ela ficou exausta por causa da visita à modista?

Regina suspirou.

— É por isso que ela nunca sai de casa?

— Será — ele aproveitou a deixa e estendeu o braço por cima do encosto — que você não está cansada das reuniões que ela oferece em casa?

— Não posso negar. Estou em Londres há mais de uma semana e vi pouca coisa da cidade.

— Que tal mudarmos isso?

— Como?

Ele apontou o interior da carruagem.

— Podemos passear por Londres a qualquer hora.

— Hoje, por exemplo?

— Se for de seu agrado.

O rosto de Regina iluminou-se com um sorriso.

— Ah, Marcus, seria maravilhoso! Há tanta coisa que desejo ver antes de partirmos para o campo ao final da temporada.

— Eu também.

Marcus apertou entre as suas as pequenas mãos enluvadas. Era verdade. Nunca desejara tanto alguém como essa fada adorável que se enfezava à menor provocação. E, se tudo saísse a contento, e certamente sairia, hoje ela seria dele.

Capítulo IX

Regina teve a impressão de que a duquesa não dormira, pois a velha senhora anunciou, assim que chegaram em Berkeley Square, que Marcus deveria acompanhá-la ao escritório do advogado.

— Esta tarde? — ele reclamou. — Regina e eu planejamos andar pelos arredores.

— Em um dia tão inclemente? Não seria melhor adiar o passeio pela cidade quando o sol estiver brilhando?

Regina evitou sorrir. A questão provava que a duquesa estivera apenas fingindo dormir. Era preciso mesmo ficar atenta à astúcia da velha dama.

— Talvez sua avó esteja certa — ela disse, mesmo sem vontade de ficar em casa sozinha. O duque ficaria lendo a correspondência como sempre fazia e ela não teria com quem conversar. Já fizera uma tentativa de falar com ele de assuntos que não envolvessem sua propriedade em Warwickshire e fora um desastre.

— Marcus, essa reunião está marcada há semanas e você sabe como o sr. Bryson é ocupado — a duquesa explicou. — Seria uma falta de consideração mudar o encontro na última hora.

— Nós já fizemos isso antes.

— Sim, mas é preciso não esquecer a importância desse encontro.

Regina ficou curiosa. Marcus consentiu e nada mais disse, embora não costumasse aquiescer tão facilmente à vontade dos outros. A carruagem diminuiu a velocidade e Marcus apertou a mão de Regina com gentileza. Ela esperava que o gesto significasse apenas um adiamento do passeio.

A garoa se transformara em uma pancada de chuva e Regina atravessou correndo a calçada, enquanto a carruagem se afastava. Viu um homem esperando na porta da casa do duque de Attleby e outro coche estacionado. O homem, alto e de cabelos grisalhos, desceu os degraus e fitou Regina. Fez um cumprimento com um gesto de cabeça, mas nada disse.

Foi então que Regina notou a porta aberta da casa. Gardner estava ladeado por duas moças que fitavam o estranho com olhar arregalado.

— O que houve? — Regina perguntou.

— Esse maldito criado... — o homem alto respondeu com irritação — ...recusou-se a deixar-me entrar.

— Por quê? — ela indagou. — Gardner, é uma atitude comum nesta casa deixar os visitantes em pé do lado de fora?

— Claro que não. — Seu pomo de Adão desceu e subiu. — Milady, eu ia perguntar ao cavalheiro o motivo de sua visita.

— Milady? — O homem alto sorriu. — Tenho a honra de falar com lady Daniston?

Regina fez uma careta ao sentir uma gota de água fria escorrer por suas costas.

— Está, mas acho que deveríamos fazer as apresentações lá dentro.

— Claro. — Ele levantou um dedo. — Um momento.

Ele se afastou com uma velocidade não condizente com um homem de sua idade e Regina trocou um olhar com Gardner. Não o culpava por ter suspeitado de um estranho. Ela ficou surpresa ao ver o homem abrir a porta da carruagem e estender a mão para uma mulher esguia que parecia dez anos mais velha do que Regina.

Gardner pareceu inquieto quando o homem aproximou-se com a mulher que tinha os cabelos um pouco mais escuros que os de Regina e os dois entraram no vestíbulo. Inseguro, só se recuperou quando Regina pediu-lhe para aceitar as capas molhadas dos visitantes.

— O senhor sabe que sou lady Daniston — Regina interrompeu o silêncio —, mas ainda não sei o nome dos senhores.

O homem alto sorriu e seu rosto enrugou-se ainda mais.

— Perdoe-me, milady. Sou Jeremy Fisher e esta é Elayne Morrissey, irmã de seu pai.

— Irmã de meu pai?

— Irmã mais nova. — Os olhos azuis da mulher cintilaram. — Minha querida menina, eu a teria reconhecido em qualquer lugar. Você tem o colorido dos Morrissey, embora também se pareça muito com sua mãe.

Regina pediu a Gardner para trazer chá. Seria preciso esquentar os pobres visitantes que haviam tomado chuva.

— Queira desculpar-me, mas papai nunca falou de sua família. Sr. Fisher, o senhor também faz parte da família?

— Deixe-me explicar. — Elayne riu e sentou-se no centro do sofá. — Eu soube que você planejava casar-se com lorde Daniston e decidi que seria

impróprio um enlace sem a presença de um membro de nossa família. O sr. Fisher, amigo de longa data de seu pai, teve a bondade de viajar comigo. — Ela tirou uma poeira invisível das luvas. — Quais os preparativos que vem sendo feitos até agora?

Na hora seguinte, Regina foi submetida a um interrogatório intenso, porém gentil, e logo entendeu que sua tia — que assim diziam ser — não ficou satisfeita com o conjunto de providências. Ela pediu um auxílio mudo para o sr. Fisher, mas o amigo de seu pai parecia apenas se divertir.

— Absurdo — tia Elayne disse pela enésima vez, quando Regina contou que mandara fazer o vestido com madame LaPorte. — As mulheres de nossa família sempre se casaram com os vestidos das mães.

— O traje ficaria fora de moda.

— Absurdo! — Ela repetiu e deu um tapinha maternal no braço de Regina. — Minha querida menina, não pretendo dizer que você deve desfilar pela nave da igreja com algo ultrapassado. O vestido de sua mãe pode ser remodelado e ficar moderno. — Ela se virou para o sr. Fisher. — Lembra-se do casamento de Victoria e Rudolph? Ela parecia uma noiva adorável.

O sr. Fisher manifestou-se pela primeira vez desde que haviam entrado na sala de estar.

— Lembro-me muito bem daquele dia. Cheguei a imaginar se Rudolph não se casaria depois de sair de Oxford. Aliás, foi lá que nos conhecemos. — Ele sorriu para Regina. — Ele não falava sobre essa época?

— Raramente. Papai é muito interessado no que ocorre a seu redor e não pensa no passado.

— Vejo que ele não mudou.

— Espero que nunca mude.

Elayne inclinou-se para frente e acariciou a mão da sobrinha.

— Como você deve tê-lo amado! Não é lindo, Jeremy, ver tanta afeição entre pai e filha?

— Nunca duvidei que isso existisse... — Ele se interrompeu e ficou em pé ao ouvir as batidas da bengala da duquesa que se aproximava.

Regina também se ergueu e pediu à velha senhora que lhes fizesse companhia, mas evitou perguntar por Marcus. Talvez um negócio importante o houvesse retido no escritório do advogado.

— Essa é a duquesa viúva de Attleby — ela anunciou. — Esta é minha tia Elayne que veio ficar comigo durante os preparativos para o casamento.

— Alteza, estou encantada por conhecê-la. — Elayne se levantou, mas em seguida sacudiu a cabeça com desalento. — Estive falando com Regina sobre a confusão horrível que ela está fazendo nesse enlace. — Pressionou a mão no peito e suspirou. — Receio que meu irmão a tenha educado para ser o filho que ele gostaria de ter tido. Sei que Vossa Alteza deve ter achado muitas falhas na educação de Regina.

O espanto da duquesa diante da torrente de palavras transformou-se em um sorriso de triunfo e Regina teve vontade de gemer. Agora teria a pressão das duas para assumir o papel de esposa devotada que Marcus tanto queria.

— Este é o sr. Fisher — Regina tratou de afastar a conversa do tópico que não a agradava.

— Jeremy Fisher, Alteza. — Ele se curvou sobre a mão da duquesa. — Espero que Vossa Alteza possa estender a honraria de sua hospitalidade para mim também.

— E quem é o senhor? — A duquesa estreitou os olhos para vê-lo melhor.

— Rudolph Morrissey e eu estivemos muitos anos a serviço do rei.

— Ah, *aquele* sr. Fisher.

— Vossa Alteza o conhece? — Regina indagou, espantada.

A duquesa concedeu a ela um sorriso maternal, condescendente.

— Seu pai o mencionava com frequência nas cartas que mandava para nós antes de seu casamento.

Regina calou-se enquanto os mais velhos falavam a seu respeito como se ela estivesse ausente. Seria algum sonho distorcido? Apertou as mãos no colo enquanto as duas mulheres lamentavam a falta de uma educação adequada para meninas. E saiu da sala durante a discussão em que as senhoras se empenharam sobre o vestido de noiva. Elas não notaram a saída de Regina, o que foi o aspecto menos surpreendente daquela tarde.

Ela se encaminhou para os fundos da casa e sentou-se em uma poltrona sob uma janela com vista para o jardim encharcado pela chuva. As folhas se dobravam com o peso da água. Ela mesma encolheu os ombros ao olhar a chuvarada transformar-se em garoa. Sentiu as pálpebras pesadas, recostou-se na poltrona e sentiu o cheiro de couro rodeá-la.

Assustou-se quando lábios cálidos roçaram os dela. Marcus achou graça e acendeu uma lamparina de uma mesa próxima. Regina entendeu que deveria ter adormecido.

— Por que está se escondendo aqui? — Marcus sentou-se a seu lado.

— Eu precisava de um pouco de solidão ou ficaria asfixiada.

— Conheci sua tia. — Marcus sorriu.

— Agora sei por que papai sempre adorava ser mandado para longe da Inglaterra.

Marcus descansou as botas na mesa antes de responder. Por que diabos ele vestira traje de montaria?

— Ela e a vovó já se tornaram amigas íntimas.

— Era o que eu temia — Regina gemeu.

— Você devia esperar que sua tia fosse incapaz de perder nosso casamento.

— Eu nem imaginava que tivesse uma tia.

Marcus beijou-lhe a mão.

— Por acaso você tem outros parentes para que eu me previna?

Ela deu risada.

— É bem possível. Papai falava muito pouco acerca de sua família e nada sobre mamãe. Tia Elayne disse alguma coisa que o chocasse?

Marcus abraçou-a pelos ombros e ela encostou a cabeça nele.

— Ela me abraçou com força até eu me sentir sufocado, depois me beijou como se eu tivesse sete anos e disse que eu era um bom garoto.

— Ela é bastante efusiva. — Regina hesitou antes de fazer a pergunta que a atormentava. — Qual era o negócio tão importante que o fez cancelar nosso passeio?

Marcus afastou-se dela.

— Não seja uma esposa inoportuna.

— Estou apenas fazendo uma pergunta. Você poderia ter a cortesia de me responder?

Marcus levantou-se e foi para outra janela. Regina teve de morder o lábio, pois lágrimas lhe vieram aos olhos. Toda vez que pensava em construir uma amizade com o marido, Marcus a expulsava de sua vida, dizendo que ela teria de contentar-se com as migalhas que ele lhe atirava.

— Esse é um assunto — ele a surpreendeu, pois ela não esperava resposta — de menor importância, apesar do que minha avó disse. Era

preciso assinar alguns papéis para. Só isso.

— Você pareceu preocupado.

Ele a fitou, inexpressivo.

— Engano seu, você é quem se preocupou.

Regina não resistiu.

— A única coisa que me preocupa é você não me contar a verdade.

— A verdade é que não consigo pensar em outra coisa a não ser no desejo que tenho de beijá-la.

Regina ficou em pé e sacudiu a cabeça.

— Não tente distrair-me com seus estratagemas.

— Mas você me distrai, doçura. — Ele cruzou a distância que os separava.

Doçura? Ela pensou que tivesse esquecido de como se respirava e piscou para afastar novas lágrimas. Aquilo só podia ser outra maneira de levá-la a concordar com ele.

— Marcus, se prefere não ser honesto comigo, creio que devemos encerrar essa conversa.

Marcus segurou-a pela cintura e acariciou-lhe a face com os lábios. Regina tentou se afastar, mas ele roçou-lhe o busto com os dedos. Um frêmito inacreditável a atingiu, repercutindo nos dedos das mãos e dos pés. Com o coração pulsando nos ouvidos, ela fechou os olhos para saborear as carícias que o marido passara a fazer na ponta dos seios.

— Nós já tivemos muitas conversas — ele sussurrou junto à sua orelha. — Posso pensar em outras maneiras de me expressar com você que sejam mais satisfatórias. Venha comigo e eu lhe mostrarei.

Regina empurrou-o com a pouca energia que lhe restava, ignorando o desejo que a fazia tremer.

— É isso o que você deseja de mim, Marcus? Algumas reviravoltas em nosso leito matrimonial para que eu possa dar-lhe um herdeiro?

— Você é minha esposa.

— Escuto isso com frequência. Sou sua esposa e companheira, mas você ainda tem de aprender o que uma esposa pode fazer por você.

Marcus deslizou um dedo pelo braço de Regina e puxou-a pelo pulso mais para perto .

— Eu já lhe disse que sei exatamente o que uma esposa pode fazer por mim. Doçura, você conhece muito pouco do prazer que nos espera. Venha e

deixe-me ensinar.

Regina fechou as mãos em punhos.

— Por que você foi embora e deixou-me sozinha esta tarde?

— É por isso que você está com raiva? Tive apenas um encontro entediante com meu advogado.

Regina escutou um pigarrear e virou-se para trás. Era Andrews, o criado pessoal de Marcus. O homem magro fitou-a com simpatia e Regina perguntou-se o que ele teria escutado.

— A duquesa deseja falar imediatamente com milorde e com lady Daniston — ele avisou em tom formal.

Marcus olhou Regina com paixão.

— Há pessoas demais nessa casa — ele resmungou. — Pelo meu gosto, eu ficaria sozinho com você até nos cansarmos um do outro.

— Kamil costumava dizer que é preciso cuidado com o que se deseja — Regina disse. — Um *jinn* pode escutar.

— E tornar o desejo uma verdade? — Ele riu, puxou-a de novo para perto dele e beijou-lhe a nuca antes de murmurar. — Então eu gritarei essa frase do alto de Whitehall.

Regina sorriu. Marcus era exasperador, mas era impossível não se sentir envaidecida pelo desejo do marido em possuí-la. Se ele pudesse dedicar-lhe um espaço maior de sua vida, tudo seria perfeito.

Marcus terminou de tomar o vinho e sorriu para Jocelyn que manteve a seriedade.

— Algo errado, minha querida? — ele perguntou e deixou o cálice em uma mesa próxima de onde estava sentado, na pequena sala de estar decorada com excesso de rendas como o restante da casa.

— Hoje você não me trouxe um presente. — Ela fez um biquinho.

Marcus deu risada.

— Essa não foi a primeira vez e nem por isso você deixou de sorrir para mim.

— Mas antes você não tinha uma esposa. — Ela se levantou e deu uma volta na sala. A barra do penhoar fez ruge-ruge no tapete persa. — Seria diferente se ela fosse uma campesina rechonchuda, mas eu a vi ontem, e

todos os homens da rua a olhavam. Quem poderia supor que o tom rosa lhe cairia tão bem?

— Você concordou que essa era a cor da moda.

— Eu não podia adivinhar que ela fosse escutar os conselhos da amante do marido.

Marcus levantou-se, rodeou a poltrona e apoiou as mãos nos ombros de Jocelyn. O aroma de sândalo era inebriante. Ele se curvou para beijar-lhe a nuca e parou ao lembrar-se que, havia poucas horas, fizera o mesmo com Regina.

Ora, bolas. A maioria de seus amigos casados tinha esposa e amante. Sempre achara a situação normal, mas por razão indefinível, nada transcorria como previra. As imagens de Regina não deveriam atormentá-lo, quando ele estava ao lado de sua querida Jocelyn.

— Regina é diferente — ele disse ao ouvir a amante bater o pé com impaciência. — Não pense que ela reagirá como as outras.

— E você a ama?

— Amar? De onde você tirou essa ideia?

— Você não me trouxe um presente.

Marcus suspirou. Talvez seus amigos pudessem ter esposa e amante por não estarem atrelados às duas mulheres mais exasperantes da Inglaterra.

— Da próxima vez, eu lhe trarei dois presentes.

Ela o abraçou e beijou-lhe o pescoço... exatamente como ele desejava que Regina fizesse. Então poderia saborear o calor da respiração ansiosa da esposa enquanto lhe explorava o corpo sensível até fazê-la contorcer-se de prazer.

Marcus blasfemou. Soltou-se do abraço de Jocelyn, foi até o aparador e serviu-se de uma generosa dose de uísque. Engoliu tudo de uma vez. Por que não tirava Regina do pensamento? Afinal, a esposa lhe recusava tudo e ele estava ao lado de Jocelyn, que não lhe negaria nada.

Tornou a abastecer o copo, mas deixou-o no aparador. Precisava estar com a cabeça fria para o que tinha a dizer.

— Tenho de lhe pedir um favor. Um grande favor, que poderá resolver todos os nossos problemas.

— Do que se trata?

— Escute...

Regina espantou-se com a rapidez com que o sr. Fisher e o duque de Attleby fizeram amizade. Sentados em um dos cantos da sala de estar, falavam em voz baixa de assuntos com certeza mais interessantes dos que permeavam a conversa de tia Elayne e da duquesa.

— É claro que você deve vir conosco — a duquesa dizia — à festa de lorde e lady Neal para comemorar as próximas núpcias de Marcus e Regina. Eles ficarão felizes em conhecer a tia de Regina.

— É muita bondade de Vossa Alteza fazer esse convite para nós.

A duquesa riu.

— Você não está em idade de esconder-se dos outros. Depois que sua sobrinha estiver legalmente casada com meu neto, muitos cavalheiros ficarão ansiosos para fazer-lhe a corte.

— Vossa Alteza é uma excelente casamenteira — Elayne disse com uma risada —, mas os meus pensamentos agora estão concentrados em Regina. Minha querida — ela virou-se para a sobrinha —, mal posso esperar para vê-la dançar a valsa com lorde Daniston.

Regina espetou o dedo com a agulha que ela costurava, sem prestar atenção, um pedaço de pano. A duquesa insistira para que ela aprendesse uma tarefa feminina antes do casamento. Como uma tola, aceitara bordar. Não imaginara que o trabalho manual que vira tantas vezes ser feito nos mercados de Argel seria tão difícil para ela aprender.

— Tia Elayne, acho que a senhora terá de esperar muito tempo.

— Bobagem! — A duquesa foi enérgica. — Você e Marcus terão de liderar a dança, antes do jantar.

— Não sei dançar valsa.

— Não sabe? — a tia se apavorou.

Regina pôs o tecido sobre a mesa. Pelo menos essa conversa dava a ela uma desculpa para deixar aquele treinamento idiota de criar um desenho com a linha. Não entendia por que deveria aborrecer-se com bordados, sendo que a modista sempre encontrava uma pessoa especializada em bordar com resultados muitos mais eficientes.

— Nunca tive necessidade de aprender. — Regina levantou-se e foi até a janela apreciar as flores do jardim. Devagar se virou de costas, porque as flores a lembravam de como estava longe de seu jardim de Argel. — Uma mulher dançar nos braços de um homem representa um grande escândalo em Argel, ainda mais quando não é casada com ele.

— Só existe uma alternativa. — Elayne meneou a cabeça com desânimo.
— Teremos de pedir a lorde Daniston para contratar um professor de dança.

— Mesmo se eu quisesse perder horas com aulas de dança, não haveria tempo suficiente para aprender nada.

— Mas ontem mesmo você se lamentava que seus dias eram vazios — a duquesa a lembrou.

Mais uma vez Regina fitou o jardim. Como explicar a elas que não desejava ocupar seus dias com frivolidades que faziam a felicidade das mulheres da sociedade? Ela gostaria de reunir-se com amigos para discutir mudanças políticas. Desejava argumentar sobre leis com o pai. Ela só podia pensar em voltar para Argel e para a vida que adorava.

Mas isso significava deixar Marcus.

Em vão procurou apagar essa preocupação. Pela primeira vez, sentia-se dividida e isso a apavorava. Não queria trocar a vida maravilhosa de Argel por uma existência tola, de conversas sem utilidade e sempre à espera do marido que estava na cama da amante. Porém sair de Londres a deixaria de coração partido. Nunca pensara que apaixonar-se se traduziria em trair seus sonhos de uma vez.

Capítulo X

— Durma bem. — Regina beijou a face da duquesa.

— Obrigada, querida menina. Sonhe com a noite de amanhã que será muito importante. Sei que fará esta família orgulhar-se de você.

Regina sorriu, reconhecendo as palavras de comando.

— Tudo correrá bem, contanto que ninguém me peça para valsar.

— Ora, você melhorou muito hoje.

— O sr. Fisher é muito paciente comigo. — Ela riu. — Eu vou bem quando olho para meus pés e conto o ritmo.

A duquesa fechou-lhe os lábios com um dedo e franziu a testa antes de falar com Elayne que escutava com um sorriso.

— Lembre-me de falar com nosso anfitrião para não tocar valsas amanhã à noite.

— Uma sugestão excelente — Elayne concordou.

Regina não demonstrou o próprio desânimo. Nos últimos três dias, as duas mulheres se mostravam afinadíssimas em uma conspiração para tentar transformá-la em uma esposa perfeita que seria apresentada na festa, de braço dado com Marcus. Elas poderiam ter sucesso se Marcus não fosse tão teimoso como Regina. Escondido no seu clube de St. James, ele se recusava a tomar parte nos planos delas. Deveria ter dito a Marcus que estava agradecida por isso, mas não tivera oportunidade de trocar com o marido mais do que duas palavras.

Regina subiu a escada rumo a seu quarto e mandou Beatty dormir. Queria ficar sozinha. Experimentou a porta de comunicação com os aposentos de Marcos que, felizmente, estava trancada. Abriu a janela para arejar o recinto naquela noite quente e trocou o vestido por um dos trajes confortáveis que se usavam em Argel. Acendeu uma pequena lamparina e enrodilhou-se em uma cadeira. Apoiou a mesinha portátil no braço esquerdo e começou a compor uma carta para o pai.

Era a primeira que escrevia desde a rápida mensagem que enviara para avisar que chegara bem. As palavras se embaralhavam em sua mente. Havia tantas coisas que desejava explicar, mas não sabia como começar... ou o que

dizer. Seu pai ficara muito contente com esse casamento e não queria desiludi-lo.

Deveria contar que estava começando a se apaixonar pelo marido? Precisava mencionar as atitudes da duquesa, da tia Elayne... ou a existência da sra. Simpson? Como descrever em palavras o que de maravilhoso lhe acontecia quando Marcus a tomava nos braços?

Seu pai talvez nem se interessasse por isso. Na certa ele haveria de preferir uma missiva contando o clima político de Londres e as opiniões sobre o governo atual.

Ficou sentada com a pena na mão e nada escreveu até a chama da lamparina se extinguir. Permaneceu no escuro, olhando o quadrado negro pontilhado de estrelas.

Um barulho leve e um rangido fraco cortaram o silêncio. Regina espantou-se ao ver um raio de luz no piso. Olhou a porta. Não estava mais fechada e a silhueta de Marcus, alto e forte, apareceu na entrada.

O que fez o coração de Regina bater em descompasso, apesar de ela afirmar a si mesma que não havia motivo para tanto.

A imagem fundiu-se com as sombras e Regina soube que Marcus entrara no quarto. Escutou os passos furtivos, mas confiantes, que cruzavam o piso. Por que ele entrava pé ante pé?

Regina levantou-se e acendeu uma vela. Marcos virou-se, assustado e arregalou os olhos quando a viu.

— O que representa esse traje bizarro?

Ela sentiu-se enrubescer. Como pudera esquecer o que estava vestindo? Deixou a vela sobre o consolo da lareira, vestiu o penhoar bordado de veludo vermelho e fechou-o, lembrando-se das pernas à mostra sob a transparência do tecido.

— Estava muito quente e pensei em ficar mais à vontade. O que você está fazendo aqui?

— Pensei que você já tivesse jogado isso fora. Alguém sabe que esses trajes pagãos ainda estão guardados nesta casa? — Marcus ignorou a pergunta dela.

— Outros além de você e eu? — Regina supôs que ele, pela expressão, estava muito mais irritado. — Vestimentas desse tipo são consideradas *de rigueur* na privacidade de um lar em Argel.

— Mesmo entre as inglesas?

Ela hesitou, mas devia falar a verdade. Esse era único dos aspectos do serralho que ela havia aceitado. Era um traje perfeito para o calor dos verões sem vento e intermináveis de Argel.

— Não todas.

— A maioria?

— Não.

— Apenas você? — Ele franziu o cenho. — É isso?

— Não apenas eu, porque papai jamais me deixaria aparecer em trajes impróprios. Algumas outras senhoras vestiam-se dessa maneira quando estavam à vontade. — Ela cruzou os braços na altura do peito, para que o penhoar não se abrisse. — Marcus, já respondi às suas questões, agora responda às minhas. O que você está fazendo aqui?

Ele imitou a pose de Regina, revelando os músculos dos braços desnudos sob as mangas enroladas para cima.

— Não é crime visitar os aposentos privativos da esposa.

— Você prometeu à duquesa que não entraria aqui até a cerimônia de casamento.

— Como sabe disso?

— Sua avó me disse — ela replicou, sorridente.

— Essa é boa! — Marcus sentou-se nos pés da cama da esposa e sorriu quando ela prendeu a respiração diante da intimidade. — Eu não podia imaginar que as três semanas necessárias para os proclamas fossem tão longas. Vê-la todos os dias e, todas as noites, dormir separado de você apenas por uma parede é suficiente para deixar um homem desesperado.

— Acho que você está mesmo meio maluco, se pensou que eu quebraria a promessa que, da mesma forma, fiz à duquesa.

Marcus puxou uma das mãos de Regina e segurou-lhe os dedos entre as palmas largas.

— E se você não tivesse prometido nada?

Marcus puxou-a até ela parar entre os joelhos dele. Apesar do penhoar grosso, Regina estava consciente da largura do peito tão próximo a ela. Um calor inequívoco transudava em seu interior por todos os poros. Marcus a beijaria se ela se inclinasse para a frente e também poderia fazê-la deitar na cama a seu lado e...

Ela desvencilhou a mão com um gemido e voltou a sentar-se na poltrona perto da janela.

— Você ainda não respondeu à minha pergunta. Por que entrou em meu quarto?

— Eu esperava que você estivesse acordada para conversarmos.

— Sobre?

Marcus deu uma risadinha e pôs a mão no joelho.

— Doçura, você hoje está me parecendo muito ingênua.

O coração de Regina deu mais um pulo ao escutar a expressão de carinho, mas procurou manter a voz calma.

— Estou apenas curiosa.

— Eu queria saber se você tem dúvidas a respeito da reunião de amanhã à noite. Será um evento bem maior do que a *soirée* que vovó fez para comemorar sua chegada.

— Não se preocupe. Estou acostumada à complexidade de tais acontecimentos.

— Não quero que você cometa nenhuma gafe que possa envergonhá-la — ele afirmou com seriedade.

— Ou envergonhar a você? — Regina deu um leve sorriso. — Marcus, você está se preocupando sem necessidade.

— Será? Basta olhar para esse traje.

— Eu não me visto dessa maneira fora de meus aposentos!

— Não quero que use essas roupas nem dentro de seu quarto.

Regina levantou-se e tornou a cruzar os braços.

— Vestirei o que me agrada, quando eu quiser. Se você quer alguém que dê um pulo e obedeça às suas ordens, procure um cachorro.

— Aí está! — Marcus ficou em pé e sacudiu a cabeça. — É isso que nos causará problemas. Você precisa ter cuidado com as palavras.

— É o que sempre faço.

— Mesmo quando profere insultos?

— Mesmo quando falo a verdade!

Marcus murmurou uma blasfêmia enquanto se dirigia para a interligação entre os quartos. A porta bateu com tanta força que estremeceu a parede.

— Eu não o envergonharei — ela disse para a porta fechada. Ergueu o queixo para que as lágrimas não deslizassem e repetiu a frase várias vezes, mesmo sabendo que se ele a ouvisse, não acreditaria.

Regina nunca vira ambiente tão lindo. O teto era adornado com frisos que realçavam a seda e o dourado das paredes. Apesar do falatório excessivo das pessoas, ouvia-se uma música leve que não deixava de ser um convite para dançar. Era uma reunião belíssima, mas ela estava péssima.

Apertou as mãos enluvadas para evitar esfregá-las no vestido de gaze branca que fora entregue naquela tarde pelo mensageiro da loja de madame LaPorte. Era o vestido mais assombroso que já tivera ocasião de ver. Ela havia se maravilhado com as fileiras de rufos que se iniciavam na altura dos joelhos e terminavam na barra. Eram listras rosa-pálidas que formavam uma sombra brilhante de encontro ao branco. Faria um esforço para completar o conjunto elegante com um sorriso.

— Posso ao menos cumprimentar a noiva? — uma voz profunda perguntou.

— Benjamin! — O sorriso foi sincero. — Que prazer em vê-lo!

Ele ajeitou o casaco preto que usava sobre o colete e calção brancos.

— Essa é uma saudação entusiástica de quem deveria ser o centro das atenções. O que você está fazendo escondida aqui em um canto?

— Observando os outros dançarem. — Essa era apenas uma parte da verdade. Não podia deixar ninguém perceber que tentava evitar Marcus, pois ele não lhe dirigia a palavra desde a discussão da noite anterior. Não pretendia despertar boatos.

— Você não deveria estar olhando, mas sim dançando — Benjamin falou em tom de cumprimento.

— Não sei dançar valsa.

— Veja, Regina, os pares estão se alinhando para uma dança campestre.

— Ele sorriu e ofereceu-lhe o braço. — Sei que você dança bem esse ritmo, porque fui eu que lhe ensinei.

— Foi na noite da despedida da sra. Elspeth, não foi?

— Acho que você não tinha mais de dez anos. — Benjamin segurou-lhe a mão apoiada em seu braço e levou-a até o centro da sala.

— Eu tinha doze!

Ele deu uma risada.

— Você me importunou por uma semana antes da festa. Eu cedi, sem saber que você não tinha noção de como se dançava. Portanto não tive escolha. Bondoso como sou, tive de ensiná-la a dançar.

— Fui uma boa aluna.

— Excelente. — Ele deu uma risada e o bigode se mexeu. — Assim como em tudo o que lhe ensinei.

Regina deu risada, ficou diante do amigo e esperou a música começar. Deus que o abençoasse. A noite não seria um desastre completo, se tivesse bons amigos como ele.

— Sua festa está excelente, lady Neal — Marcus parou para falar com a anfitriã.

A mulher sorriu. Ela era de baixa estatura e as curvas generosas havia muito já não definiam uma silhueta.

— Meu rapaz, depois da bondade de sua avó para com nossa família, é uma retribuição muito pequena apresentar você e sua noiva à sociedade. Onde está Regina? Eu mal falei com ela na fila de recepção aos convidados.

Marcus olhou ao redor, procurando os cachos vermelho-dourados com enfeites de rosas e um rendilhado de pérolas na testa. Espantou-se ao constatar que ignorava a cor do vestido da esposa. Vira apenas uma capa de veludo azul que a cobria do queixo aos pés, quando a ajudara entrar na carruagem.

— Não a estou vendo — ele desculpou-se com relutância.

— Quem você está procurando? — A avó aproximou-se e curvou-se para beijar lady Neal no rosto. — Agatha, minha querida, você está adorável e a festa, como sempre são as suas, esplêndida.

— Marcus parece ter perdido a esposa — lady Neal respondeu.

— Oh, céus, quanto descuido. — A duquesa abanou-se com um leque de renda igual ao do vestido branco. — Marcus, em geral, você é mais prudente.

— Ela está em algum lugar da sala. — Ele procurou não demonstrar a exasperação.

— Regina deveria estar de braço com você.

As palavras da avó o deixaram ainda mais irritado, por ter de concordar com ela. Regina não perdera tempo em misturar-se aos convidados. Até o mais imbecil deles deduziria que lady Daniston procurava evitar o marido. Um começo dos mais nefastos que seria notado entre a elite.

— Eu me lembro de tê-la visto dançando com o major... sr. Sheldon — a duquesa insistiu. — Pensei ter sido generosidade sua, Marcus, deixá-la dar

uma volta na pista com um amigo da família, antes de dançar com ela.

— Eu não...

— Ali está ela! — lady Neal gritou, apontando um dos dedos gorduchos para a esquerda.

Marcus virou-se e mirou a esposa com espanto. Tinha de concordar com a avó que madame LaPorte operava milagres. Sua esposa parecia um sonho com o vestido novo. Ela falava com lorde Liverpool e lorde Castlereagh como se fossem velhos amigos. O primeiro-ministro e o visconde que chefiava o Ministério das Relações Exteriores pareciam escutar com atenção o que ela dizia e, ao se aproximar, percebeu que ela se expressava com confiança sobre a situação do Mediterrâneo.

— Os piratas bárbaros não aceitarão as regras do governo e talvez nem as próprias — ela afirmou com um sorriso triste. — Papai manifestou, mais de uma vez, suas preocupações ao Dei que parece predisposto a ignorar o problema.

— O Dei ainda controla os navios que zarpam de seus portos? — Lorde Liverpool perguntou.

— O controle é pequeno. Os corsários seguem as próprias leis e não posso acreditar que esses piratas resistam a um belo prêmio só porque o Dei ordena que eles dêem passagem livre.

— Muito perturbador. — Lorde Castlereagh arqueou as sobrancelhas grossas.

— Milorde, os relatórios de meu pai poderão lhe dar maiores informações — Regina acrescentou, depressa. — Quando saí de Argel, ele me assegurou acreditar que os interesses da Inglaterra acabarão por triunfar.

— Com certeza — o visconde concordou, talvez surpreso que ela pudesse considerar alguma alternativa. — Depois de recuarmos os franceses para dentro de suas fronteiras, ficou claro que não permitiremos nenhum déspota ou imperador estrangeiro interferir na navegação britânica.

— É urgente que milorde preste atenção ao aviso de papai para vigiar a situação mais de perto.

— Esse também é seu conselho, lady Daniston?

— Sim.

— Então prestaremos atenção em dobro.

Regina se virou, quando o primeiro-ministro olhou para trás dela.

Marcus viu espanto e emoções mais fortes brilharem no olhar da esposa. Ah, como gostaria de capturar apenas um daqueles sentimentos fervilhantes e enrolar-se nele em uma onda de prazer. Afastou a vista e fez um aceno de cabeça para os dois cavalheiros.

— Milordes — Regina disse —, creio que os senhores conhecem lorde Daniston.

Lorde Liverpool sorriu.

— Nós lhe agradecemos, lorde Daniston, por permitir-nos a companhia de sua encantadora esposa. É muito bom poder ouvir uma testemunha das turbulências do Mediterrâneo. — Virou-se para Regina. — Aguardo ansiosamente a chance de ler o relatório de seu pai, mas presumo que sempre poderei ter um adiantamento e fazer algumas perguntas a milady.

— Eu me empenharei para respondê-las da melhor maneira possível.

Lorde Liverpool curvou-se sobre a mão de Regina.

— Depois de nossa conversa, não tenho a menor dúvida. — Ele anuiu para Marcus. — Daniston.

Marcus observou lorde Castlereagh beijar a mão enluvada de Regina e depois seguir o primeiro-ministro para o centro do salão de baile. Ao mirar a esposa, viu seus olhos brilhantes de satisfação.

Uma onda de algo repugnante invadiu-lhe a mente. Recusou-se a definir a emoção como ciúme, mas não podia negar que Regina, desde que chegara a Berkeley Square, nunca aparentara tanta felicidade.

Espantou-se ao vê-la bater palmas e casquinar risadinhas como uma menina pequena. Jamais a vira tão feliz.

— Ah, papai ficará encantado! — Regina murmurou a excitação para que apenas Marcus a ouvisse. — Ele admira lorde Liverpool há muitos anos.

Regina sufocou um grito quando Marcus a puxou para um canto, longe da confusão de convidados que circulava pelo salão. Suspirou ao ver a determinação nos lábios do marido. Era visível que tinha agido de maneira que não o agradara. Se ao menos pudesse explicar a verdade a ele! Ficaria muito contente em torná-lo feliz, se Marcus a aceitasse como ela era.

— As pessoas estranharam — ele a segurou pelos braços e virou-a para encará-lo — por que minha esposa não estava a meu lado.

— Por que não contou a elas seu receio de que eu o envergonhasse, caso passasse muito tempo em sua companhia?

Ele mexeu a boca antes de responder.

— Você já o fez!

— Por falar com os convidados? Francamente, Marcus! Achei que seu temor fosse eu não me sair bem nas etiquetas sociais. Por que não aceita que estava errado? Lorde Liverpool e lorde Castlereagh adoraram nossa conversa.

— Uma mulher deve dar importância aos assuntos do coração e não aos da diplomacia.

Se ele não a estivesse segurando, Regina se afastaria.

— Felizmente meu pai não compartilha de sua visão estreita quanto à posição da mulher no mundo.

— Mas agora você é minha esposa.

Regina não se deixou abater pelo tom frio de Marcus e tentou soltar-se.

— Se notarem que você está me mantendo prisioneira nesse canto haverá muito mais falatórios.

— Sossegue — ele a avisou com um sorriso, mas os olhos brilhavam perigosamente. — Você nada tem a temer de mim quando estivermos entre meus amigos.

— Isso significa que haverá um momento em que devo temê-lo?

— A única coisa que você deve temer é por sua saúde mental, quando eu a levar para o leito matrimonial. Ela poderá ficar em farrapos de prazer.

— Você parece muito seguro de si mesmo.

— Por acaso duvida de mim? — Marcus beijou-a ansiosamente.

O protesto de Regina foi sufocado na garganta por uma tempestade de sensações provocadas por Marcus. Faíscas quentes e tão poderosas como o rebentar de uma trovoadas não podiam ser ignoradas e exigiam satisfação. Ela acariciou-lhe as costas do casaco preto, deliciando-se com a textura da lã e dos músculos fortes que estavam cobertos. Ele a pressionou contra a parede e a largura firme de seu peito roçava-a com o ritmo da respiração. Ela queria estar bem mais perto para sentir-lhe as pulsações do âmago.

Marcus afastou os lábios e Regina escutou o som irritante do próprio respirar. Ela fitou-o e viu que os olhos dele estavam embaciados com o desejo que ardia em seu interior. Seu sorriso era demoníaco.

— Ainda duvida de mim?

— Aqui estão eles! — A voz da duquesa ecoou pelo recinto e Regina teve certeza de que todos os convidados os olhavam. — Quanta devoção!

Não é maravilhoso? — A pausa foi ínfima. — Regina, lady Neal quer falar com você.

— Por favor, diga a ela — Marcus antecipou-se — que Regina a encontrará em instantes.

A duquesa anuiu, mas Regina não a viu afastar-se porque Marcus a virou para encará-lo.

— Antes que vá, preciso dar-lhe um aviso.

Regina espantou-se com a mudança súbita de sua voz. Há minutos, ele a cortejava com sussurros. Naquela altura, as palavras dele a atingiam com fúria mal contida.

— Você deveria ser mais discreta — ele continuou — com os flertes que pretende ter. Não quero nenhuma dúvida sobre a paternidade de meu herdeiro.

— Flertes?

— Com Sheldon.

Regina não estava certa se deveria sofrer pelo espanto ou sentir-se insultada. Decidiu-se pela segunda possibilidade.

— Não precisa se preocupar com o assunto. Sei que preciso ser cautelosa quando estou em conversa com um amigo, mesmo que você exiba sua concubina por toda Londres. — Ela se afastou. — Eu lhe desejo uma boa noite, milorde.

Regina se misturou novamente aos convidados e Marcus bateu o punho fechado na palma. Que se danassem ela e seus modos esquisitos! Assim que o jantar fosse servido e as formalidades da apresentação de Regina à sociedade fossem completadas, mandaria um criado à procura de um coche alugado. Regina que voltasse à sua cama vazia e gelada. Esta noite ele teria prazer com Jocelyn que não falava em nada mais complicado do que a associação correta das luvas com o vestido.

Capítulo XI

— Ela deveria, ao menos, ter empregado um pouco da renda do vestido da mãe de Regina.

Regina tentou concentrar-se no livro e não prestar atenção à discussão contínua entre a duquesa e a tia Elayne. Como gostaria de dizer a elas que essa desavença sobre seu casamento era uma perda de tempo! Ela não queria nenhum matrimônio. Desejava retornar para a casa do pai em Argel. Assim não teria de pensar no marido que a deixara voltar sozinha a noite anterior, da casa de lorde e lady Neal.

— Mas a renda seria em tom e estilo diferentes da que madame LaPorte está usando — a duquesa argumentou.

— Na minha família, a tradição é muito importante.

— E para a *minha* família é importante que a minha futura neta não seja alvo de zombarias.

— Então permita que o vestido da mãe dela seja reformado. Regina ficará linda com ele.

— Ela deve...

Regina levantou-se de repente.

— ...acabar com essa luta de punhais! — As duas mulheres a olharam, surpresas, e ela ergueu as mãos. — Usarei o que me agrada! Não quero Marcus nem ninguém dizendo o que devo vestir!

— Regina...

Ela não esperou o que a duquesa tinha a dizer. Saiu correndo da sala, subiu os degraus de dois em dois, sem se importar com a própria rebeldia. Diminuiu a velocidade no vestíbulo para chamar Gardner. Assim que ele apareceu, pediu uma carruagem.

— Milady — ele se mostrou inseguro —, não é correto sair sozinha.

— Sou uma mulher casada, como todos fazem questão de me lembrar! Por favor, traga a carruagem.

— Lorde Daniston disse...

— Pouco me importa o que ele diz! O senhor vai trazer a carruagem ou terei de ir pessoalmente à estrebaria?

Regina pensou que o mordomo fosse enfrentá-la, mas a expressão dele pareceu aliviada de repente. Ela se enrijeceu ao ouvir a voz de Marcus no alto da escada.

— Algum problema, Gardner?

— Por que você não se dirige a mim? — Regina indagou.

— Está bem. — Marcus desceu com um sorriso. — Algum problema, Regina?

— Quero dar um passeio e Gardner se recusa a trazer uma carruagem. — Ela estremeceu diante da infantilidade das próprias palavras.

— Ele teme por sua segurança. — Marcus encostou o ombro no corrimão. — Pode trazer a carruagem, Gardner. Levarei lady Daniston para um passeio, conforme o desejo dela.

O serviçal saiu correndo.

— Você? Pensei que não quisesse mais nada comigo depois dos vexames que cometi a noite anterior.

Marcus deu um sorriso largo.

— Estou em ótimo estado de espírito para brigar com você hoje.

— Não duvido. A noite passada deve ter sido muito interessante.

— Não me passe uma descompostura quando me disponho a satisfazer seu desejo de passear por Londres.

Regina recusou-se a ceder.

— Será o sentimento de culpa por não ter ficado comigo ontem que o faz querer me acompanhar hoje?

— Pense o que você quiser. — Ele apontou a porta. — Pegue seu chapéu mais bonito e uma sombrinha, doçura. Esta tarde será inesquecível.

Regina fez de tudo para não ouvir o coração que insistia em abrandar-se para ela aproveitar a companhia de Marcus no passeio pelas ruas de Londres. Ele se mostrava encantador, com sorriso fácil e palavras leves, assegurando de que fora ao clube na noite anterior. Como seria simples acreditar nele!

— Estou satisfeito que nosso passeio não tenha sido vetado — ele disse enquanto a carruagem vagava por um labirinto de ruas estreitas. — Imaginei como faria para afastá-la da vovó e de sua tia.

— Na última vez, foi a duquesa que o mandou embora.

— Para um encontro aborrecido com meu advogado.

— E importante, se não me engano.

— Para você.

— Para mim?

Ele deu uma risadinha, pôs um pé no anteparo dianteiro e o braço no encosto acolchoado atrás de Regina.

— A vovó quer estar assegurada que minha esposa e os futuros bisnetos estejam bem amparados se eu morrer. — Ele passou a mão no ombro de Regina. — Está curiosa para saber se será uma viúva rica?

— Prefiro não falar dessas coisas.

— Você tem sido muito curiosa até agora.

Ela fechou os olhos e suspirou.

— Perdi minha mãe quando eu era ainda um bebê e não quero que o mesmo aconteça a meus filhos.

— Sinto muito, doçura. — Marcus acariciou-lhe a face com um dedo.

— Eu também — ela sussurrou. Encostou a cabeça no ombro dele e desejou que pudessem esquecer as diferenças para ficarem mais vezes juntos.

A carruagem diminuiu de velocidade e virou em uma aleia. Regina se endireitou. Não sabia onde estavam ou por que haviam parado. As casas de tijolos eram bem mais simples do que as enormes de Berkeley Square. As janelas não tinham enfeites e as portas eram lisas.

Marcus apeou da carruagem e ajudou-a a descer. Regina perguntou-lhe o que ele planejava, mas recebeu como resposta um sorriso. Ele passou a mão dela na dobra de seu braço e levou-a até uma porta que não se diferenciava das vizinhas.

Regina ficou ainda mais perplexa quando Marcus abriu a porta com uma chave que tirou do bolso do colete. Ele a levou para dentro do vestíbulo e ela não escondeu a surpresa. O recinto, que parecia acanhado em comparação à casa do duque, era redondo. A um lado, um lance de escada conduzia para cima.

— Não se sinta constrangida — Marcus segurou-se no corrimão. — Um amigo meu mora aqui.

Regina não saiu de perto da porta.

— E onde ele está, se esta é propriedade dele?

Marcus segurou-a pela mão e levou-a para cima.

— Ele é um amigo querido que sempre me recebeu bem, mas não há perigo de Charleys chegar e nos descobrir aqui.

— Não me parece correto entrarmos na casa, quando seu amigo está fora.

— Eu já lhe disse que sou sempre bem-vindo aqui. — Ele pôs um braço ao redor da cintura de Regina enquanto caminhavam pelo pavimento superior. — Nós precisamos de uma oportunidade para ficar sozinhos e aparar nossas diferenças, por isso meu amigo me encorajou a ficar à vontade para nos conhecermos melhor. Consegui pleitear esta casa para nós, ontem à noite depois do baile.

Regina arregalou os olhos para o excesso de rendas que enfeitava o quarto. Babados e debruns espalhavam-se por toda parte, exceto no tapete persa azul. Imaginou como um homem podia viver em um ambiente como aquele e como Marcus pensara em trazê-la para esse lugar.

— Sente-se, doçura. — Ele apontou um sofá. — Vou buscar alguma coisa para aliviar a secura de nossas gargantas.

Inquieta, ela sentou-se com os pés colados no chão, como se estivesse pronta para dar um pulo e sair correndo. Nunca estivera completamente a sós com Marcus e essa ideia a afligia.

Marcus entregou-lhe um cálice de vinho Madeira e sentou-se a seu lado. Sorrindo, ele desamarrou-lhe as fitas do chapéu e tirou-o. Regina estremeceu quando uma presilha de cabelos caiu em seu colo.

— Permita-me — ele disse com suavidade e estendeu a mão.

— Isso é...

— Sei exatamente o que é — ele murmurou.

Regina o fitou, mas não pôde imaginar o que ele pensava. Pôs a presilha na palma da mão do marido e prendeu a respiração quando Marcus segurou-lhe os dedos. Sempre sorridente, ele tirou, com a outra mão, uma segunda presilha dos cabelos de Regina. As madeixas pesadas caíram sobre os ombros.

— Marcus...

Ela não pôde continuar porque Marcus a beijou. Ele a abraçou pela cintura e entrelaçou os dedos nos cabelos, de baixo para cima, espalhando grampos pelo chão. Regina tentou empurrá-lo, mas Marcus a encostou nas almofadas exuberantes. Com o peso do corpo prendeu-a de encontro ao veludo e fez uma trilha lenta e sensual de beijos ao longo de seu pescoço.

Soltou os primeiros ganchos das costas do vestido de Regina e puxou o decote para baixo, revelando a curva dos seios. Cada toque dos lábios úmidos de Marcus na sua pele era um êxtase particular, fazendo com que ela desejasse cada vez mais.

Ele sentou-se e puxou-a para perto dele. Beijou-a novamente e Regina sentiu os lábios em fogo. Marcus levantou-se e estendeu a mão.

— Este sofá é muito apertado. Venha comigo, doçura.

Regina pôs a mão na dele como se estivesse em um transe hipnótico. Marcus a ergueu e os cabelos dela despencaram pelas costas. Com as pernas bambas, ela cambaleou e ele a segurou, dando uma risada. Com a outra mão, ela se agarrou a uma mesa e esbarrou em um porta-retratos duplo de moldura dourada que caiu no chão.

— Oh, não! — ela gritou.

— Não se preocupe — Marcus assegurou.

— Mas ele pode ter se quebrado.

— Não tem importância.

Regina ajoelhou-se e pegou a moldura. Como ela temia, pedaços de vidro se espalharam pelo tapete. E um rosto no retrato chamou-lhe a atenção.

— Regina...

Ela desvencilhou-se de Marcus e ergueu as miniaturas.

— Seu amigo tem na casa dele um retrato seu e de sua amante?

Marcus segurou o porta-retratos.

— Regina, deixe-me explicar.

— O que há para explicar? — Ela se virou e tentou fechar o corpete. — Essa é a casa *dela*, não é?

— É minha, para ser exato.

Ela desejou que ele mentisse, mas ficou feliz por ele ao menos ter sido honesto. Pegou o chapéu, saiu correndo do quarto e desceu a escada. Queria sair dali antes que ficasse ainda mais contaminada de sujeira.

— Regina! Volte! Dê-me uma chance de explicar!

Ela amarrou o chapéu sob o queixo, abriu a porta e correu para a carruagem. Sem esperar que o cocheiro espantado abrisse a portinhola, entrou no veículo.

— Para casa! — ela gritou.

— Mas lorde Daniston não está...

— Rápido!

O homem a olhou de maneira estranha, mas subiu até a boleia. Seguindo as instruções dela, incitou os cavalos a toda pressa pela rua estreita.

Regina recostou-se no banco estofado e apertou os olhos para as lágrimas não caírem. Depois da cerimônia de casamento, Marcus teria direito de possuir seu corpo, mas ela jurou que jamais lhe entregaria o coração.

A rua em frente à igreja estava lotada por um arco-íris formado pela vestimenta das damas. Os homens eram nuvens escuras entre elas, pois a maioria usava casacos pretos ou azul-marinho. Nos penteados altos das mulheres, plumas se agitavam e o som dos risos foi um término musical para o culto domingueiro.

Regina estremeceu ao passar por uma mulher que usava um perfume tão forte que seria mais adequado no harém do Deí. Deu um sorriso torto. Por certo a mulher se ofenderia ao extremo em ser comparada à coleção de concubinas e esposas do Deí.

— Sim, eu o achei interessante — ela respondeu à pergunta da duquesa.

— Pensei que seu gosto fosse mais cosmopolita do que essa tolice — a duquesa comentou com uma fungada. — Nunca ouvi um sermão tão pobre.

Regina não chegou a responder, pois a dama voltou-se para saudar uma de suas muitas amigas. Escutou risos às suas costas e voltou-se. Era do duque de Attleby.

— Não se importe com minha mãe. — O duque ofereceu-lhe o braço que ela aceitou e ele cobriu a pequena mão enluvada com a sua. — Ela adora destruir cada pedacinho do sermão até que não reste mais nada. Creio que se ela fosse mais jovem, ansiaria por uma vida atrás do púlpito.

— A duquesa?

— Não se espante, Regina. — A risada de Marcus fez com que ela se virasse. — Ela gosta de ordenar tudo o que temos de fazer. — Ele exalava um doce aroma de vinho, o que a surpreendeu, pois ele nunca bebia a essa hora. Lembrou-se então de que após a tentativa de seduzi-la na sala de estar da sra. Simpson, ela não o vira mais e nem sabia o que estivera fazendo. — Minha avó tem opiniões próprias. Bom dia, papai.

— Bom dia, filho. Deixarei sua esposa a seus cuidados. — O duque abriu um sorriso largo. — Mais uma semana e essa bobagem de cerimônia de casamento terá terminado.

Regina não chegou a responder ao comentário do duque, pois ele foi ao encontro do sr. Fisher e da tia Elayne que conversavam com animação. Em vez disso, falou com Marcus.

— Achei que você considerasse fora de propósito uma mulher ter ideias próprias.

— Pelo contrário, gosto de mulheres com imaginação. — Ele passou um dedo na mão e no braço de Regina, deixando um rastro de chamuscas. Enrolou uma madeixa de cabelos no dedo, levou-a para trás e roçou-lhe a orelha. — Como agora, eu gostaria que você imaginasse o prazer que poderemos compartilhar.

— Eu sei. — Regina apoiou a sombrinha com mais força sobre o ombro. — Você deixou isso bem claro quando me levou àquele lugar.

— Você pode dizer o nome dela.

— Não aqui. — Regina olhou o campanário da igreja. Quando o sino começou a tocar, os pássaros saíram voando como pedaços de papel soltos no ar. — Milorde pode ser um hipócrita, mas eu achei aquilo detestável. Eu lhe desejo um bom dia.

— Regina — Marcus pôs a mão no braço da esposa —, você não pode fugir de mim para sempre. — Precisamos conversar.

— É estranho que você me diga que sempre deseja conversar e acaba me envolvendo em uma situação aflitiva.

— Não sei por que você se ofendeu — ele comentou com a voz rouca de desejo que ela conhecia tão bem. — Eu a quero na minha cama. Pensei em fazer amor com você na casa de Jocelyn ao entender que seria errado quebrar o juramento que fizemos para a minha avó de não nos tornarmos amantes na casa de meu pai.

Regina soltou-se da mão dele.

— Eu lhe desejo um bom dia, milorde.

Ela afastou-se da igreja, com a certeza de que o resmungo murmurado de Marcus era impróprio para um solo sagrado. Precisava tirar Marcus de seus sonhos e de seu coração, mesmo concordando que não seria uma tarefa fácil. Somente uma sonhadora com cérebro de cortiça poderia acreditar que

Marcus Aurelius Octavius Whyte poderia se apaixonar por uma mulher como Regina Morrissey Whyte.

De repente uma mão tampou-lhe a boca. Regina deu um grito que foi abafado pela palma suada. Ela foi puxada para a sombra dos fundos da igreja e escutou o captor blasfemar.

Em árabe!

Mas eles não estavam em Argel! E sim em Londres! O que estaria acontecendo?

Regina lutou para escapar. As sapatilhas macias de nada lhe serviram, porque o atacante usava botas. Pensando em como fugir, foi puxada para um espaço entre a igreja e outra construção.

Ele mexeu a mão ao arrastá-la e Regina mordeu-lhe um dedo. Ele deu um berro e recuou. Regina aproveitou para gritar o mais alto possível. Tentou correr, mas seu braço estava preso e ela tornou a gritar.

Foi atirada no chão e deu um gemido de dor. Conseguiu sentar-se a tempo de ver Marcus dar um soco no agressor. O homem cambaleou para trás, com o lábio sangrando e desabou. Marcus deu um assobio para chamar um grupo de homens que observavam a cena de rua.

— Levem-no até as autoridades para que se faça justiça — ele ordenou, mordaz. — Mantenham-no afastado de lady Daniston e cada um dos senhores receberá um guinéu.

— Sim, milorde — um dos homens apressou-se a dizer. Fez uma saudação para Regina com o chapéu rasgado antes de juntar-se ao grupo de amigos que rodeavam o homem caído.

— Como está você?

Lágrimas toldaram os olhos de Regina por causa da brusquidão das palavras do marido. Quanta ingenuidade pensar que o marido viera salvá-la por que se preocupava com ela! Em vez disso agia como se ela houvesse causado aquele incidente de propósito.

— Estou bem — ela respondeu com voz trêmula.

— Vamos, eu a levarei para casa. — Marcus estendeu o braço e Regina permitiu que ele a enlaçasse pelos ombros.

Ela encostou-se no marido, sempre lutando contra as lágrimas. Render-se com um típico artifício feminino o deixaria ainda mais enfurecido.

Embrulhada em uma manta, embora fizesse tempo quente, Regina encontrava-se recostada nos travesseiros de sua cama e observava Marcus andar de um lado a outro.

A duquesa repousava em uma *chaise longue* e tia Elayne a abanava. O duque, sentado no poial de uma janela, tinha o cenho franzido, o que não era usual. Apenas o sr. Fisher estava ausente.

— Quer fazer o fazer explicar o que houve? — Marcus parou diante da cama.

— Fui vítima de um atentado de sequestro! — Regina gritou. — Por que você me trata como se eu fosse a vilã?

— Regina — ele segurou-lhe a mão —, a histeria nada resolverá. — Talvez seja melhor deixá-la descansar antes de discutirmos o caso.

— Que exagero! — a duquesa falou, bruscamente, ecoando os pensamentos de Regina. — É uma incongruência desistir do assunto só porque Regina está nervosa.

— Tentarei me controlar — Regina prometeu.

Marcus concordou.

— Então me explique o que houve.

— Nada sei, exceto que o homem falava árabe.

— Árabe? — o duque endireitou-se. — Oh, céus, isso não é bom! Não é bom de jeito nenhum.

A duquesa esticou-se para acariciar a mão dele.

— Filho, não se preocupe com isso. Os Charleys o ensinarão que Newgate santificará uma lição adequada.

A risada de Marcus não teve bom humor.

— A senhora acredita mesmo que aqueles homens vulgares, que mal podiam enxergar por causa da bebida, farão alguma coisa exceto permitir que o camarada fuja?

— Deixe Sua Alteza falar — tia Elayne reprimiu-o sem deixar de abanar o rosto pálido da duquesa.

— Eu acho — o duque levantou-se — que o mais sensato seria Marcus e Regina deixarem Londres o mais depressa possível.

— Por quê? — Regina indagou.

A duquesa pôs os pés no chão.

— Minha criança ingênua, será que não enxerga o perigo diante de seus olhos? Quem sabe por que um homem que fala árabe teria tentado

sequestrá-la?

— Posso imaginar várias razões — Regina respondeu e desejou nada ter dito quando a duquesa anuiu com um gesto de cabeça.

Marcus ficou tenso. Havia alguma coisa errada. Nisso, tinha de concordar com o pai, mas fugir da cidade não tinha sentido.

— Filho, essa é uma sugestão excelente — a duquesa apoiou-o. — Para onde eles iriam?

— Para o campo. — Elayne largou-se em uma poltrona.

— A casa da viúva nas terras antigas de Attleby Court não tem sido usada há anos — o duque afirmou. — Duvido de que as pessoas ainda se lembrem que a cabana existe.

A duquesa fez sinal para Elayne ajudá-la a ficar em pé.

— Há muito a fazer. Vamos. Precisarei da ajuda de todos. Você fica — ela apontou para Marcus — para confortar sua esposa.

Regina esperou os outros deixarem o quarto e fechar a porta para sair debaixo da manta.

— Eu não o avisei? — ela gritou, sem importar-se que a escutassem.

— Avisou-me sobre o quê?

— Sobre formular desejos. Você queria que ficássemos sozinhos e agora ficaremos. — Regina estremeceu antes de murmurar: — Mas não será por muito tempo.

Marcus anuiu.

— Papai logo recobrará o juízo.

— Não é isso que eu quis dizer.

— O que foi então?

Regina tornou a estremecer e segurou-se na extremidade da cabeceira da cama.

— Não vai demorar muito antes que o homem e volte... e seja bem-sucedido no sequestro.

Capítulo XII

A carruagem diminuiu a velocidade e Regina olhou pela janela. As árvores não lhe pareceram diferentes das outras que vira durante a longa viagem a partir de Londres. Apesar da tensão, reprimiu um bocejo. Essa mesma sobrecarga mental a mantivera acordada enquanto a duquesa e Beatty supervisionavam a arrumação de duas pequenas malas com as coisas que ela e Marcus precisariam enquanto estivessem escondidos.

Suspirou. Por mais que ela perguntasse, o duque não explicara o motivo de sua insistência para o casal deixar a cidade. O fato de o sr. Fisher concordar com o duque, deixou-a ainda mais apreensiva. Se os dois homens tinham alguma razão, além da emocional, ela preferia ser informada. Em vez disso, eles haviam preparado Marcus e ela como se fossem dois colegiais indo para a escola.

— Acorde — Regina murmurou, sacudindo o ombro de Marcus.

— Deixe-me — ele resmungou.

Espantou-se com o cansaço na voz de Marcus. O bocejo finalmente escapou e ela esfregou os olhos por causa da areia grossa e quente como a do Sahara. Os raios de sol mal passavam através das árvores dos dois lados da estrada.

— Estamos parando — ela disse. — Já chegamos?

Marcus olhou pela janela e por certo viu algum marco divisório que ela não vira.

— Quase. Este é o local onde deveremos deixar a carruagem.

Regina se mexeu e a dor no quadril a fez engolir um gemido.

— Qual a distância daqui?

— Não é muito longe. — Ele abriu a porta e desceu. Regina escutou o estalar dos ossos quando ele se espreguiçou e supôs que ele estivesse tão cansado como ela, embora sem nada demonstrar. — Será melhor não fazer comentários.

— Você não confia em seu cocheiro?

— Não podemos ter certeza de que não seremos ouvidos. — Ele a ajudou a descer e olhou ao redor. — Ah, detesto abandonar Londres antes

do término da temporada. É bem possível que o tédio nos sufoque aqui no campo.

Regina pôs a mão na manga de lã negra do marido.

— Perdoe-me, Marcus. Eu não sabia que seu pai reagiria daquela maneira.

Ele não teve a menor comiseração. Deixou-a sem responder e foi cuidar dos cavalos amarrados na parte traseira da carruagem. Ela mordeu o lábio para evitar que ele visse seu tremor. Se chorasse, aumentaria ainda mais o abismo entre Marcus e ela, mesmo se isso fosse possível. Uma distância tão grande como o Mediterrâneo os havia separado desde que ele concordara com a ordem do pai para procurar abrigo em Warwickshire.

Regina estava certa de que o duque explicara ao filho o motivo dessa decisão ou Marcus não teria concordado em vir. Regina sentiu um aperto no coração ao lembrar-se de ter visto o marido entregar um bilhete a seu criado de quarto. Sem dúvida, Andrews levaria a missiva a sra. Simpson, junto com um pedido de desculpas de Marcus.

A fuga de Londres piorara tudo.

Regina segurou a saia larga e dirigiu-se até os cavalos. A poeira provocada pela passagem do coche permeava o ar. Colou-se nela e formou uma penugem leve nos cabelos negros de Marcus.

Três cavalos esperavam. Dois estavam selados e o terceiro carregava as malas e uma arca com comida. Marcus ergueu a esposa, deixou-a sobre a sela e soltou as outras rédeas que estavam amarradas na carruagem.

— Não olhem para trás — ele ordenou aos criados. — Vocês não devem saber em que direção seguimos.

— Sim, milorde. — O cocheiro trocou um olhar inquieto com o lacai de libré.

Marcus montou e fez sinal para Regina segui-lo. Ela não se virou para ver a carruagem seguir em direção oposta. Desanimada, constatou a solidão e a vulnerabilidade em que se encontravam.

A casa de pedra fora construída em um local que outrora deveria ter sido uma clareira. Urzes brancas e samambaias tomavam conta do local. Marcus passou pelas folhagens como um explorador da mata africana, seguido por Regina. Desde de que havia saído da carruagem, fazia cerca de uma hora,

ele nada dissera. As poucas tentativas de Regina em entabular um diálogo tinham sido inúteis e ela desistira de falar. Nem mesmo perguntou se andavam em círculos para enganá-la ou para confundir os outros. Pelos seus cálculos, estavam a menos de dois quilômetros de onde haviam começado o trajeto.

Quando Marcus abriu a porta, Regina ficou ainda mais desanimada. A duquesa explicara que a cabana estava sem uso havia anos, mas não que a mesma fora abandonada sem limpeza. Uma leve luminosidade solar penetrava pelas venezianas raquíticas das janelas.

A mobília do piso inferior exalava cheiro de mofo. Algumas cadeiras sem almofadas e poucas mesas tinham sido colocadas diante do que uma vez fora uma lareira em bom estado. Faltavam várias pedras e um ninho suspeito se via em um dos buracos. Uma escada levava ao pavimento superior, onde os quartos deveriam estar no mesmo estado.

— Isto é um horror — Marcus afirmou e deixou as duas malas no solo desnivelado.

— Se tudo der certo, não precisaremos ficar aqui por muito tempo.

— O menor período será insuportável — ele resmungou.

— A duquesa prometeu mandar avisar-nos assim que o perigo passar.

— Que perigo? — Marcus tirou o casaco.

— Você não sabe?

— E como eu poderia? — Ele deu um riso curto. — Meu pai cismar com alguma tolice e convencer minha avó a concordar é um fato que não se pode desprezar, mas não imagino por que fomos despachados para a zona rural.

— O duque tem receio por minha causa e deseja a minha segurança.

— Desejar? Não foi isso que você me advertiu para que não fizesse?

— Marcus, não seja teimoso. — Regina tirou as luvas. — Estou tão cansada quanto você e também curiosa a respeito da decisão de seu pai. Ele não lhe deu nenhuma explicação?

Marcus ajoelhou-se e abriu a mala menor, de onde tirou um maço de papéis.

— Ele falou que isso explica toda a situação. Leremos tudo depois que estivermos acomodados. — Ele fez uma careta ao se levantar. — Duvido de que alguém seja capaz de acomodar-se aqui.

Regina ficou surpreendida quando o marido lhe entregou os papéis. Folheou-os e uma rápida espiada foi suficiente para descobrir que se tratava de uma correspondência entre seu pai e o duque de Attleby. Começou a arrumar as folhas por ordem de data e notou que uma não fora escrita com a letra de seu pai. Deixou as demais em cima de uma mesa suja e leu:

Para Sua Alteza o duque de Attleby,

Milorde, aceite esta missiva como um aviso de um possível perigo para sua nora, Regina Morrissey Whyte. Informações obtidas por nossos homens do norte da África sugerem que lady Daniston pode ser alvo de uma conspiração que vai de Argel para a Inglaterra. Sabe-se que agentes argelinos estão em Londres. Por favor, tome cuidado.

Benjamin Sheldon.

Regina sentou-se em uma cadeira empoeirada e pressionou a mão nos lábios. Chegara a pensar que havia deixado para trás, em Argel, os aspectos desagradáveis da vida diplomática.

Marcus tomou a carta de suas mãos, leu e, com uma imprecisão, jogou-a na lareira.

— Porcaria! Por que papai não disse nada?

— Faz apenas uma semana que a carta foi escrita.

— E por seu querido amigo Sheldon.

— Não está na hora de ter ciúmes, Marcus! — ela se irritou. — Temos de pensar com clareza.

— Pensa que tenho ciúmes de você com aquele militar de gabinete?

— Penso, embora você não tenha motivos para isso. Benjamin é nosso amigo desde que eu era uma menina e sempre me considerou como uma irmã mais nova.

Marcus tirou o casaco e atirou-o sobre uma cadeira, sem se importar com a nuvem de poeira que subia.

— Então ele é mais idiota do que eu pensava que fosse.

— Pare com isso! — Regina gritou. — Minha vida... nossas vidas podem estar em perigo e você não para de pensar em seu orgulho ferido. Não permitirei que seu egoísmo me condene à morte.

Marcus fitou-a com olhar dardejante e Regina esperou uma resposta categórica.

— Que tremenda confusão! — ele apenas murmurou.

— Você vai passar a noite se lamentando? — Regina ficou em pé e foi até a outra mala. Abriu-a e tirou de dentro uma caixa preta com listras de mogno. Trouxe-a até a mesa e deixou-a diante dele. — Temos de estar prontos para qualquer coisa.

— O que é isso?

— Presente de núpcias de papai para você. Pensei que poderia esperar até a cerimônia de casamento para entregá-lo, mas a intuição me fez acrescentar a caixa às coisas empacotadas por Beatty. — Ela abriu a tampa e mostrou duas pistolas de duelo com o cabo entalhado em prata. — Fiquei surpresa com o presente escolhido por meu pai, mas ele garantiu que você saberia valorizar um bom armamento.

Marcus tirou uma das armas. Balançou-a na mão e ergueu-a para examinar o cano.

— Esta foi feita por um mestre.

— Você gosta de caçar?

— Ocasionalmente.

— Talvez por isso papai tenha escolhido tal presente.

Marcus guardou a pistola na caixa e fechou-a.

— Acho que prefiro mantê-las apenas para apreciar a excelente obra de artesanato a...

Teria ela escutado um traço de remorso na voz do marido?

— A?...

— Usá-la para atirar no coração de um homem.

— Você já lutou em duelos? — Regina espantou-se

— Uma vez.

— Como você pode ser tão irresponsável a ponto de arriscar a vida por orgulho? — Ela apontou a bola de papel na lareira. — Agora você não precisa procurar por tais excitações. Elas o encontraram — ela abaixou a voz — e também a mim.

Regina fitou-o, desejando que ele a abraçasse e lhe permitisse encostar a cabeça em seu peito. Envolvida em seus braços, ela se sentiria segura.

Entretanto Marcus caminhou até a porta.

— Cuidarei dos cavalos enquanto você dá um jeito na casa.

— Na casa?

— Não preciso lembrá-la — ele disse com voz cortante — de que não é hora de argumentar a respeito de suas habilidades femininas. Faça o que puder. Não tenho interesse em morar em um casebre imundo.

Regina estremeceu quando ele bateu a porta ao sair. Embora pudesse entender a frustração do marido, pois a carta de Benjamin dera apenas uma pista do perigo que rondava as sombras de Londres, esperava consolo por parte de Marcus. Ele poderia estar irritado... mas não com ela.

Ela deu um suspiro e avaliou o recinto. A um segundo olhar, a cabana estava ainda pior do que supusera. A poeira que se infiltrara pela porta e pelas venezianas soltas se coagulara em forma de terra. Tentou limpar um pouco e começou a espirrar.

— Por tudo o que é mais sagrado — ela murmurou —, deve haver uma maneira de fazer isso sem me sufocar.

Procurou pelo quarto e achou uma vassoura perto da lareira. Era feita à mão e devia estar ali havia muito tempo. Ainda assim, quase não lhe faltavam cerdas. Regina levantou a vassoura e tentou eliminar as teias de aranha que haviam tecido um tapete cinzento entre os caibros do telhado. Mais poeira caiu sobre sua cabeça e ela tentou afastá-la com as mãos. Logo começou a tossir.

O que estava fazendo de errado? Vira várias vezes Kamil mandar os meninos caçarem percevejos com uma vassoura. Lembrou-se então que nunca prestara muita atenção à maneira como eles faziam aquilo. Se uma criança podia dar conta da tarefa, ela também poderia.

Regina tentou, mas tudo o que fazia dava errado. Os babados de seu vestido ficaram marrons por causa da terra e o chão continuava sujo. Com uma blasfêmia indigna de uma dama, atirou a vassoura no chão.

— Que saudação encantadora!

Ela não se virou para olhar o marido que fechava a porta.

— Não tenho interesse em parecer encantadora.

— Isso é mais do que evidente.

Regina o escutou rir e levou as mãos à cintura.

— Se quer este lugar limpo, sugiro que você mesmo se encarregue da limpeza.

Marcus curvou-se para pegar a vassoura.

— Acho que nós dois teremos muito trabalho. Por hoje, podemos apenas limpar um lugar para comer e dormir. — Ele olhou a escada. — Você já

verificou como está lá em cima?

— Provavelmente deve estar mais sujo do que aqui. — Regina estremeceu. — Cheio de morcegos, sujeira de pássaros e...

— Chega! — Marcus levantou a vassoura e deu um sorriso gelado. — Vai ficar aí se lamentando a noite toda ou vai fazer alguma coisa?

— Farei outra coisa.

Marcus parou diante de Regina, impedindo-a de se afastar e deu uma risada mais descontraída.

— Agora entendi. Você não sabe como usar uma vassoura, não é?

— E você sabe?

Marcus riu com gosto.

— Aprendi muito cedo, quando tinha de limpar a baia de meu cavalo. — Ele demonstrou, rodeando ambos com mais poeira. — Veja, não é difícil, Regina. Você pode varrer o chão enquanto eu trago lenha. Mesmo que não tenhamos de cozinhar esta noite, pode fazer frio e teremos de acender a lareira.

Regina odiou a própria insegurança ao retomar a vassoura. Lascas de madeira ameaçavam cortar-lhe as mãos, mas ela ignorou a dor e procurou segurar a vassoura como Marcus fizera. Franziu o cenho. Entendeu que fazia algo errado.

— É assim. — Ele a enlaçou para pegar a vassoura. — Segure-a desse jeito.

Ela obedeceu, embora mal pudesse ouvi-lo por causa do rugir nos ouvidos de seu coração que palpitava como ondas tempestuosas de encontro a uma proa. Ele moveu a vassoura e seu braço roçou no seio de Regina. Ela sentiu uma queimação inusitada.

Regina se afastou depressa. Não devia esquecer que estavam sozinhos na cabana e a uma distância muito grande de Attleby Court. Ela o fitou, com a vassoura nas mãos.

Marcus sorriu, astucioso, e Regina deu um passo atrás. Ela não costumava recuar, mas precisava de uma chance para reorganizar os pensamentos. Se conseguisse convencer seu corpo rebelde a se comportar, com certeza as circunstâncias seriam mais favoráveis.

— Preciso... subir... para ver... o que tem de ser... feito lá em cima — ela tartamudeou.

— Pensei que você não quisesse subir. — Ele a seguiu pelo recinto, combinando os passos com os dela em um balé mágico.

— Há muito trabalho para ser feito. Nós devemos nos concentrar em tarefas diferentes, para tornar essa cabana habitável.

— Você não deveria enfrentar sozinha os morcegos e os dejetos de pássaros. — Marcus acariciou-lhe o pescoço, mexendo em seus cabelos.

Regina jogou a vassoura nas mãos do marido e ela escutou a respiração dele misturar-se a uma imprecação. Segurou a barra da saia e subiu correndo a escada. Tinha de impedir que o toque de Marcus a derrotasse. Ainda mais agora, com tantas incertezas.

No alto da escada havia apenas um quarto. A porta estava entreaberta e Regina empurrou-a. Espirrou de novo ao pisar em uma camada de poeira. Escutou os passos de Marcus atrás de si, mas fingiu estar preocupada apenas em explorar o recinto.

O teto inclinado acompanhava o telhado. Uma parede era ocupada pela chaminé da lareira de baixo, mas ali não havia abertura para acender fogo. A única peça de mobília era uma cama estreita com colchão de penas sobre uma plataforma de pedra talhada.

Regina torceu o nariz. O colchão de plumas precisava ser arejado. Marcus levantou uma das pontas e pulou para trás, praguejando. Ela viu algo correr pelo chão. Agarrou a vassoura que ele deixara atrás da porta e matou um camundongo.

— Pode haver mais — ela conjecturou enquanto varria o cadáver para baixo. — Veja bem por onde mete o nariz.

— Eu lhe devo uma obrigação por me salvar da fera?

Ela riu, mas Marcus estava sério. Certamente fizera algo errado de novo, mas o quê? Lembrou-se de uma história contada por tia Elayne sobre um ratinho que a aterrorizara junto com a cozinheira e agarrou a vassoura com mais força. Outras mulheres temiam os camundongos e Marcus na certa previra que o mesmo acontecesse com ela.

Ele não mudara. Ainda se recusava a aceitar que ela fosse diferente das esposas convencionais.

— Eu fiz isso com prazer. — Regina foi até a porta, mas uma mão sobre seu ombro a parou. Ela olhou de viés e desejou ver Marcus sorrir. Se ele ao menos pudesse rir das próprias suposições, os dois poderiam construir algum tipo de união fora das ruínas que os rodeavam.

— Creio que será melhor não dormirmos aqui até estarmos certos de que o quarto ficou livre dos animais nocivos — ele afirmou com calma.

— Mas onde dormiremos?

Marcus deu risada e Regina sentiu-se corar. Ele apertou-lhe o braço e puxou-a mais para perto.

— Não — ela murmurou. — Não devemos.

— Não devemos o quê? — Ele beijou-lhe a face esquerda. — Será que está pensando em dormirmos juntos? — Tocou-lhe a face direita com os lábios. — O que se passa nessa sua linda cabecinha, doçura? Que seu corpo se entrelaçará com o meu enquanto saboreamos as glórias da paixão? — Ele passou a ponta da língua na orelha de Regina e ela agarrou-se nas mangas dele.

Regina fechou os olhos, mas não conseguiu banir as imagens que as palavras dele criavam.

— Por favor, Marcus — ela disse num fio de voz. — Eu lhe imploro, não diga mais nada.

— Eu preferia que você pedisse outras coisas. — Ele deslizou o dedo pela curva do busto de Regina, provocando nela uma onda de prazer. — Eu gostaria que implorasse para eu saciar esse desejo que você não pode ocultar.

— Não devemos. — Regina imaginou como poderia convencê-lo, sendo que sua própria determinação estava em frangalhos. — Nós prometemos não nos tornarmos amantes antes da cerimônia de casamento.

— Enquanto estivéssemos morando na casa de meu pai.

— Mas ainda estamos na casa dele.

— Não seja tola! Não haverá nenhum matrimônio até que o assunto dos agentes argelinos seja resolvido. Você pretende adiar nossas núpcias?

— Eu prometi — Regina insistiu com voz fraca.

— Assim como prometeu me amar, tratar com carinho e obedecer.

Regina negou com um gesto de cabeça.

— Obedecer, não. Papai me disse que eu não teria de prometer isso.

Marcus segurou-a pelos braços e puxou-a de encontro a ele.

— Ora essa! Agora não quero sua obediência. Quero seu amor.

— Quer mesmo?

— Não foi o que eu disse?

Regina empurrou-o.

— Você quer meu amor ou apenas meu corpo em sua cama?

— Quero que minha esposa seja minha amante — Marcus retrucou com o cenho franzido.

— E quanto ao amor? — Sem resposta, ela desvencilhou-se e mais uma vez sacudiu a cabeça. — Eu esperava ter-me enganado, mas não foi o que aconteceu. Você não tem ideia do que é o amor, exceto pelos presentes que recebeu de sua família desde que nasceu e que provavelmente lhe foram convenientes. Não quero nada de você, Marcus, a não ser amor.

Ele riu, sem alegria.

— Venha comigo e eu lhe ensinarei o que sei sobre o amor. — Ele estendeu a mão em um comando silencioso.

Regina segurou-lhe a mão e levou-a aos lábios. Beijou os dedos ásperos e passou por ele. Virou-se no alto da escada e viu a expressão aturdida do marido.

— Serei sua esposa — ela disse em um fio de voz — e dormirei a seu lado como prometi, *quando prometi*, mas terei pena de você até a hora de minha morte. Como você pode viver sem amor? Um amor verdadeiro?

Marcus deu um passo em sua direção e ela desceu correndo a escada, para distanciar o próprio coração do homem a quem ele deveria pertencer.

Capítulo XIII

Regina desceu a ladeira e inclinou a sombrinha para o lado por causa das árvores muito próximas umas às outras. Ao contrário de Berkeley Square, ali elas pareciam procurar o sol em todas as direções. Esquivando-se dos troncos, escutou os passos de Marcus mais embaixo. Esperava que ele não rasgasse o casaco, pois não fora possível trazer muitas roupas para o esconderijo.

Sentiu o cheiro da terra e parou ao pé da colina, perto de um muro de pedra. Um riacho brilhava como uma longa bandeja de prata em meio à mata e era possível escutar o grasnir de patos. Arregalou os olhos ao ver duas largas torres cinzentas que se elevavam acima das árvores. No topo de uma delas tremulava uma flâmula ao sabor do vento que também agitava as fitas de seu chapéu.

— Ali é Attleby Court? — ela perguntou.

Marcus deixou no chão a caixa que carregava.

— Estamos a quase dois quilômetros de distância e, portanto, ninguém pode nos ver — ele disse, sem olhar para cima.

— A propriedade deve ser quase do tamanho de um serralho.

Marcus deu risada.

— Vovó não ficaria satisfeita ao ouvi-la comparar nossos ancestrais a um bordel.

— Um harém não é um prostíbulo.

Ele tornou a rir ao vê-la corar.

— Esse linguajar também não agradaria a vovó.

— A duquesa costuma falar sem rodeios.

— Mas ela não gosta de ver os próprios defeitos nos outros. — Ele abriu a caixa e tirou uma das pistolas de cabo de prata.

— Tomara que a viagem pelo oceano não as tenha danificado. — Ela o observou carregar a arma com facilidade. — Embora tenham vindo embaladas em um tecido oleoso, o sal é muito destruidor.

— É o que vamos descobrir. — Marcus deixou a pistola carregada em um dos joelhos, enquanto punha pólvora na outra. — Não quero depender delas e descobrir que não funcionam.

— Deixe-me segurar essa — Regina disse ao ver que uma das armas ameaçava escorregar da perna do marido.

— Você tem ideia de como se maneja uma arma?

— O suficiente para ser cuidadosa.

Cauteloso, Marcus pôs a pistola na mão de Regina.

— Mantenha-a apontada para longe de nós. Se ela detonar, não quero que sejamos feridos.

— Tomarei cuidado.

Ele arqueou as sobrancelhas e ela riu. Era a primeira vez que, desde a chegada à cabana fazia quatro dias, Marcus esquecia a formalidade enlouquecedora.

— Vê aquela árvore lá longe? — Ele se levantou. — Aquela com a chanfradura que deve ter sido causada por um raio?

— Sim, vejo.

— Não tire os olhos de lá.

Marcus ergueu a arma, endireitou o braço e atirou. Lascas de córtex voaram para os lados e o abalo repercutiu pelas colinas mais baixas.

— Deu certo — ele admirou-se, virou a arma, deixou-a no solo e estendeu a mão. — Vamos ver a outra.

— Posso tentar?

— E por acaso você sabe atirar?

— Sei.

— Bem?

Regina deu risada.

— Está vendo aquela árvore com a chanfradura? Olhe firme.

Ela apontou para o mesmo local que ele apontara. Enquanto ela puxava o cão da arma, sentiu um braço forte abraçá-la pela cintura e uma respiração quente roçar-lhe a nuca. A arma disparou e a bala rodopiou.

Regina virou-se, irritada.

— Por que você fez isso? Acabou com a minha concentração!

Marcus segurou-a com mais força e tirou a pistola das mãos de Regina.

— Doçura, será que você não me permite ter um mínimo de orgulho?

— Você já o tem em excesso! — Regina retrucou com voz mais fraca quando Marcus segurou-a de encontro ao peito.

— Deixemos permanecer o mistério de quem é o melhor atirador. Eu ou você. — O olhar cintilante acompanhou o sussurrar — Prefiro desvendar

outros mistérios a seu respeito.

— Marcus... — O protesto de Regina dissolveu-se sob os lábios do marido.

Marcus curvou-se e passou o braço por baixo dos joelhos de Regina. Ela abraçou-o pelos ombros e sentiu-lhe a excitação que ele tentava manter sob controle. Ele a deitou sobre um colchão suave de gramíneas e ela o puxou, para não perder um só momento daquele contato.

— Doçura, olhe para mim — ele murmurou.

Regina abriu os olhos e viu-o tão perto que o menor movimento faria seus lábios encostarem outra vez nos dele. Ela piscou devagar, o único sinal de advertência antes de Marcus levantar a mão e acariciar-lhe o busto. Todos os pensamentos se esvaíram em uma detonação de deleite. Regina fitou-o de esguelha, querendo mais, muito mais.

— Olhe para mim — ele insistiu quando ela fechou os olhos para saborear as sensações selvagens que ameaçavam seu autocontrole.

— Marcus, eu...

— Shh — ele disse enquanto acariciava o corpete franzido, chamando à vida cada centímetro de pele. — Escute. Sei que você e eu odiamos a ideia desse maldito casamento...

— Se deseja parar...

Ele a interrompeu com uma risada.

— Doçura, não quero prolongar mais essa agonia. Não consigo dormir à noite por causa dos sonhos tentadores que me atormentam quando me vejo segurando-a dessa maneira.

— Não podemos... — Regina fechou os olhos ao sentir Marcus acariciar-lhe levemente a ponta do seio com movimentos que lembravam as asas de uma borboleta. Forçou os olhos a se abrirem e disse em um fio de voz. — Não podemos voltar a Londres antes de o perigo haver passado.

— Deve haver algo que possamos fazer para que isso aconteça o mais depressa possível.

— Se eu conseguisse mandar uma mensagem para um dos amigos de papai no governo, talvez pudéssemos dar um fim no caso.

— E seria um começo para nós — Marcus sussurrou antes de tornar a beijar-lhe os lábios.

Regina correspondeu ao beijo com os próprios anseios, sem pensar que acabaria por se entregar ao homem que a impediria de ser ela mesma.

— Progressos?

Regina tampou o tinteiro, pôs os cotovelos sobre a mesa rústica e olhou para Marcus. Evitou olhar para o monte de cobertores onde o marido dormia todas as noites, enquanto ela ficava sozinha no colchão de plumas, na parte superior. Ah, como tinha vontade de aconchegar-se nos braços do marido, mas não podia vender o coração por um momento de prazer. Ela desejava amor.

Você é uma rematada idiota!, ela repetira inúmeras vezes para si mesma e não encontrara variantes. Na véspera fora uma leviana ao permitir que ele a tomasse mais uma vez nos braços, mas era difícil resistir a seus beijos.

— Terminei as cartas para lorde Liverpool e para lorde Sidmouth — ela respondeu com tranquilidade. — Acredito que dentro daquele ministério um deles poderá ajudar-nos a descobrir o que está acontecendo. — Ficou em pé e massageou com dois dedos as têmporas doloridas. — Há alguém em que se possa confiar para a entrega das missivas?

— Sim, há.

— Quem?

Marcus sorriu e segurou-lhe as mãos.

— Pode confiar em mim, Regina. Saber demais poderá deixá-la em um risco ainda maior.

— Não me trate como uma inválida. Já estive em situações difíceis.

— Sei disso. — Ele franziu a testa e levou-a para sentar-se ao pé da lareira.

— Eu quis dizer antes de vir para a Inglaterra.

Marcus estreitou os olhos.

— Sei pai permitia que sua vida corresse perigo?

Regina riu e abraçou os joelhos.

— Não havia como evitar, toda vez em que entrávamos no palácio do Dei. Esse pouco de intriga e maldade não é nada, se comparado ao que acontece lá todos os dias. Um homem pode ser levado ao topo do poder e favorecimento e ser morto antes do dia acabar. A promoção requer, com frequência, o assassinato de seu superior. No serralho, é ainda pior.

— Você esteve no harém do Dei?

Regina estremeceu com desagrado.

— Jamais. Se eu tivesse consentido em ir para lá, como eles desejavam, nunca teria conseguido sair.

— Mesmo você sendo inglesa e filha de um diplomata?

— Acha mesmo que isso teria alguma importância? — Ela se levantou, foi até a janela que dava vista para a campina tão diversa do que ela conhecia nos arredores de Argel. — Para eles, uma mulher deve permanecer em um mundo fechado.

— Então aos olhos deles, você se tornou um homem.

— Foi a alternativa para não ficar confinada em um harém. — Deu meia-volta e abraçou-se, apesar do calor. — Eu gostaria que o sr. Fisher estivesse aqui. Ele encontraria um meio de entrar em contato com meu pai.

Marcus deu um sorriso que não alcançou os olhos.

— Seu pai seria de pouca utilidade para nós. Se ele ficasse sabendo do problema, levaria duas semanas para chegar a Londres.

— Um navio ligeiro o traria em bem menos tempo.

— Tempo que nós não temos.

A risada de Regina deixou Marcus atônito.

— Você é muito pessimista. Quem haveria de nos procurar neste local horrível?

— Não seria tão péssimo se tivesse um pouco menos de poeira. Seus méritos como esposa não se aprimoraram nem um pouco.

— Você queria que eu escrevesse as cartas para conseguir ajuda.

Ele riu.

— Se não me falha a memória, consenti nisso por ter ficado evidente sua falta de talento para os afazeres domésticos.

— Nem tenho interesse em aprender mais.

— Feche as cartas e eu providenciarei o envio sem demora.

— Tem certeza de que o mensageiro é leal?

— Doçura, você terá de aprender a confiar em mim.

— Eu quero acreditar em suas boas intenções.

— Quando eu fizer algo merecedor de sua confiança? — Marcus deu uma risada rude. — Talvez nossa fuga sirva pelo menos para isso. — Pegou as missivas e saiu.

Regina suspirou, juntou seu material de escrita e deixou-o em uma prateleira próxima a uma das janelas. Temia que o exílio deles provasse apenas que a união de Marcus Whyte e Regina Morrissey fora um engano terrível.

O ruído surdo dos animais da floresta sussurrava por entre as árvores. Regina sentou-se em um cômodo e escutou. Havia mais vida naquela pequena clareira do que vira em toda Argel. Sem o calor insuportável do sol e do deserto que se insinuava na cidade, as árvores eram verdejantes e às margens dos regatos as flores eram multicoloridas.

Jamais vira tanta variedade de pássaros. O trinado deles a acordava pela manhã e a ajudava a dormir à noite. Os matizes das penas a fascinavam. Eram vermelhas, azuis e douradas e pareciam ter origem no sol. Até os tons negros e cinzentos eram mais vibrantes do que os argelinos.

Passou os dedos pelo tapete de musgo e entendeu que não poderia permanecer por mais tempo ali. Marcus insistira em saber o que ela faria e quanto demoraria. Saíra na ausência dele, o que o deixaria furioso quando retornasse.

Ficou em pé e espreguiçou-se. Não dormia com sossego desde que chegara à cabana da duquesa. Procurou imaginar a idosa dama dentro daquele espaço exíguo e sujo que nem uma tropa de criados poderia limpar completamente. Sem dúvida a duquesa poria em prática suas próprias ideias, tornando-a bem diferente.

Achou graça enquanto caminhava sob as árvores, mas ficou séria ao imaginar por quanto tempo teriam de ficar escondidos. Não queria mais saber de cenouras secas! O pequeno estoque de vinho, que Marcus deixava na caixa próxima às mantas onde dormia, estava no fim.

Melancólica, chegou à cabana e ficou ainda mais aborrecida ao ver a porta aberta. Marcus já voltara. Esperando um escândalo, foi até a entrada.

— Está atrasada para o jantar — ele comentou, impedindo-a de prosseguir.

— Atrasada? — Regina inalou o aroma tentador. — O que é isso?

— Jantar.

— Marcus, você sabe muito bem que é perigoso ir ao mercado buscar comida! Se...

Ele fechou-lhe os lábios com um dedo.

— Shh, doçura! Sente-se e aproveite o que preparei para você. — Com uma mesura, sentou-a junto à mesa que estava muito limpa.

Diante de Regina, havia um prato fumegante com carne e vegetais secos que a cozinheira empacotara para eles. Ela olhou para Marcus. Com um

sorriso, ele fez um gesto para a esposa comer. Regina pegou o garfo, experimentou e arregalou os olhos.

— Está delicioso. O que é isso?

— Lebre. — Ele sentou-se no banco defronte.

— Onde foi que conseguiu o animal?

Com o garfo, Marcus apontou a lareira onde uma panela escurecida se encontrava na beira de uma pilha de brasas.

— Foi você quem fez? — ela se espantou.

— Matei, tirei a pele e cozinhei. — Rindo, ele pôs no prato de Regina mais um pedaço de carne. — Caprichei na caçada, sem esquecer que teria de depender disso para me alimentar. — Outra risada. — Coma, Regina. Não tive todo esse trabalho para ver a carne desperdiçada em seu prato.

Sorridente, ela cortou mais um pedaço.

— Está muito saboroso.

— É por causa das ervas.

— E o que você entende de ervas?

Marcus comeu um naco antes de responder.

— Eu a ouvi dizer muitas vezes que devo ter sido uma criança mimada desde o berço.

— E ainda é. — Regina deu um sorriso largo.

— Ora, minha querida esposa, essa não é maneira de falar com um homem que acaba de providenciar-lhe um repasto suculento, pois sei que você, como eu, já se cansou das comidas secas que a cozinheira mandou para nós.

— É verdade. — Regina inclinou a cabeça na direção dele. — No entanto, você falava de ervas.

Marcus apoiou o cotovelo na mesa, mas logo o tirou. Os pés desnivelados fizeram a mesa balançar.

— Eu sempre me interessei pela horta situada atrás da cozinha, mas a cozinheira receava que eu estragasse suas ervas valiosas, se mexesse em tudo sem orientação. Então ela tomou a si a tarefa de me ensinar onde as diferentes ervas estavam plantadas e para que eram usadas. Ao me ver intrigado com tantos nomes estranhos, levou-me até a floresta dos fundos de Attleby Court e ensinou-me a encontrar espécies não cultivadas.

— Não posso imaginá-lo como um menino fascinado por plantas.

Um sorriso maroto passou-lhe pelos lábios.

— Não todas, Regina. Somente as venenosas e as que podem causar doenças. Pense no que um menino poderia fazer com essa informação.

— E você fez o quê? — Ela olhou para o prato, inquieta.

— Nada. — Marcus cruzou os braços sobre a mesa e ignorou o balanço.

— Sei que você acredita que eu seja um monstro, mas eu não envenenaria ninguém intencionalmente.

— E sem intenção?

Ele comeu um grande bocado de carne.

— Escute, Regina, você pode fazer duas coisas. Esperar a comida esfriar enquanto eu como ou comer enquanto ela está quente.

— Talvez eu devesse considerar que sua ansiedade em livrar-se de mim acabará por envenená-lo também.

— Que mente macabra você tem!

— A carne está excelente — Regina desconversou ao comer mais um pouco. — Você tem vários talentos escondidos.

— Já me afirmaram isso. Jocelyn sempre diz... — Ele se levantou.

Regina deixou o garfo no prato, também ficou em pé e rodeou a mesa.

— Marcus, talvez seja melhor falar sobre ela, em vez de fingir que ela não existe entre nós.

— Não quero nada entre nós.

— Muito menos eu! — O coração de Regina ameaçou pular de alegria.

— É mesmo? — Marcus segurou o queixo dela com o polegar e o indicador. — Eu lhe disse que a cozinheira tentava sempre livrar a horta de estramônio?

— Do que está falando?

— Eu ouvia o comentário de criadas que precisavam da erva para usar como poção do amor. — Ele murmurou com voz rouca. — Diziam que uma mulher faria qualquer coisa quando esfregasse na pele o unguento feito com sementes dessa planta.

— Absurdo — Regina respondeu na defensiva. — Isso é uma bobagem.

— Será? — Ele curvou-se para beijar-lhe a curva do pescoço e Regina estremeceu de desejo. — Você ousaria fazer um teste?

— Não será necessário. — Regina procurou toda sua força de vontade para recusar.

— Por que você me ama?

— Sou Regina, sua esposa, Marcus. — Ela voltou a seu lugar na mesa.

— Mas você me ama, não é verdade? — Ele apoiou as palmas na mesa e fitou Regina com olhar estreitado.

Ela remexeu na comida, já sem apetite.

— Responderei só depois de escutar a resposta a uma pergunta. Você ama a sra. Simpson?

— Está com ciúmes?

— Apenas curiosidade.

Marcus sentou-se no banco ao lado de Regina e estirou os pés em direção ao meio do recinto. Pôs o cotovelo na mesa e fitou Regina com olhar enigmático. No momento em que ela pensava ter aprendido a conhecê-lo, ele demonstrava o engano. Imaginara que essa refeição poderia servir para provar que Marcus se preocupava com os outros. No entanto, ele pensava unicamente em seduzi-la. Na verdade, poderia-se pensar em um cumprimento, mas Regina refletiu se ele tratava todas as mulheres com o mesmo charme intrigante.

— Não — ele disse.

— Não? — Ela não queria aparentar que estava perdida em seus pensamentos.

— Não amo Jocelyn, nem ela me ama. Esse é o motivo por que usamos o termo *conveniência*. Não me entenda mal. Tenho muita afeição por ela, mas não se trata de amor.

— Ah. — Regina não sabia o que dizer.

— Agora é sua vez. Responda à minha questão. — Sorrindo, ele inclinou-lhe o queixo. — Você me ama, doçura?

— Pergunte outra coisa.

Rindo, ele sacudiu a cabeça.

— Você disse que responderia à minha pergunta, se eu respondesse à sua. Já o fiz. Agora é sua vez.

— Eu não o amo.

— Você está mentindo!

Regina estremeceu ao ficar em pé.

— Eu não disse que falaria a verdade, apenas que responderia à sua pergunta.

— Então você me ama!

— Eu também não disse isso, pois não disse que seria desonesta com você.

— Então do que se trata? De uma verdade ou de uma mentira?

Ela curvou-se e beijou-lhe a face.

— Obrigada, Marcus, pelo maravilhoso jantar. Se me permite, vou dormir mais cedo hoje.

Marcus deu um soco na mesa, enquanto Regina subia a escada. Maldição. Ela e suas palavras ardilosas! Saiu da cabana a passos largos e sentou-se em um tronco na margem da clareira.

Não deveria estar ali, aborrecendo-se no campo, enquanto seus amigos aproveitavam as diversões da capital. Que chateação! Era um fugitivo com uma esposa arisca como um coelho e separado de sua amante que seria muito mais condescendente. Estava metido em uma situação sem pé nem cabeça.

— Marcus?

Ele deu um pulo ao ouvir a voz de Regina, ficou furioso, mas esqueceu a irritação ao ver-lhe o rosto contraído.

— O que houve? — ele perguntou.

— Você leu isto? — Regina entregou-lhe duas folhas de papel.

Marcus voltou a sentar-se e leu. Assobiou ao reler as páginas, dessa vez com mais atenção. Era uma carta do sr. Morrissey para o duque de Attleby. Pela data, supôs que deveria estar inclusa no pacote de papéis mandado antes da chegada de Regina.

Agradeço-lhe mais uma vez, meu prezado amigo, por consentir nesse casamento. Eu lhe asseguro que minha filha será uma esposa exemplar, mas como você sabe muito bem, encontrar um marido para minha filha é o que menos importa no momento.

A situação aqui em Argel continua se deteriorando a cada momento. Embora o Dei procure mostrar que estaria aberto a negociações posteriores com a Grã-Bretanha, eu lhe digo, segundo o Primeiro Ministro e seu gabinete, que ele tem em mente ações muito mais perigosas.

O governo daqui ainda está sofrendo pelas negociações com os Estados Unidos. Embora tenham aceitado o acordo feito em Allegheny, poucos do governo do Dei gostaram do compromisso assumido.

Creio que o jogo de pedir impostos e resgate por presos estrangeiros se tornou cansativo para os corsários que desejam dominar o Mediterrâneo pelo terror. Embora nenhum de nós possa estar inconsciente à carta do

Regente escrita há quatro anos ao Dei oferecendo proteção à cidade e seus habitantes, o humor mudou por aqui.

Por isso desejei que Regina voltasse à terra natal. No momento, nenhum estrangeiro está seguro em Argel. Espero que ela encontre um santuário na Inglaterra, mesmo temendo que nenhum lugar será seguro para ela. Ela é muito conhecida aqui, pois nenhuma outra mulher teve tanta liberdade como ela. Espero que ela possa mesclar-se à mais fina sociedade e não ser encontrada pelos que desejam fazer-lhe mal.

Se eu puder, querido amigo, tornarei a lhe escrever.

Marcus largou as páginas no colo. Antes pensara que a situação fosse complicada. Era óbvio que havia subestimado os problemas que os aguardavam.

Capítulo XIV

— Regina?

Marcus subiu a escada e espiou dentro do quarto, enquanto sua voz ecoava de modo estranho na cabana vazia e sua irritação aumentava. Imaginara que sua esposa fosse mais esperta. Menos de uma semana após ela ter trazido a carta do pai para ele ler, esquecera os conselhos de não se afastar da cabana. Regina não estava na clareira, nem dentro da cabana.

Droga!

Desceu correndo a escada, sem conseguir afastar a preocupação. Era possível ela não tivesse se afastado por vontade própria.

Que nada. Regina era teimosa e o enraivecia até os limites.

Voltou ao pátio e tornou a chamá-la. Em vão. A resposta foi apenas o silêncio.

— Maldição! — praguejar em voz alta de nada adiantou.

Deixou a clareira para trás. Talvez Regina tivesse voltado ao riacho de onde se podia divisar Attleby Court. Mais de uma vez ela comentara sobre a beleza do vale estreito.

Galhos de árvores puxavam suas mangas, embaraçavam seus cabelos e ele batia com força nos ramos. As urzes-brancas não se afastavam com facilidade. Levou à boca a mão arranhada e o gosto do próprio sangue aumentou sua frustração.

Franziu a testa ao afastar alguns arbustos. Regina estava sentada em um muro baixo de pedras que ladeava o córrego. Marcus passou por cima do muro e seguiu o trecho sinuoso até onde Regina atirava pétalas de flores na água.

— Você ficou maluca? — ele perguntou, com o ombro encostado em um grosso tronco de árvore.

Ela se espantou e estremeceu ao sorrir.

— Não o ouvi chegar, Marcus.

— É evidente que você também não me escutou, quando eu a avisei para não se afastar da cabana.

— Não estou a mais de oitocentos metros do esconderijo.

— Acha que seus gritos poderiam ser escutados daqui? Espero que entenda, Regina. Você foi avisada a respeito dos riscos que está correndo, mas prefere ignorá-los.

Regina deixou cair no chão o caule da flor.

— Não os ignorei, mas pensei que estivesse segura aqui. Ou... — ela não o deixou falar — pelo menos, tão segura como em qualquer outro local das proximidades.

Marcus resistiu à ideia de dizer que o perigo estava em toda parte e resistiu também à vontade de tomá-la nos braços. Pensar naquela mulher em sua cama o deixava excitado. Observá-la arfar esticando a seda que envolvia o busto era um convite que não podia ser ignorado e ele estendeu o braço para envolvê-la.

Regina escutou a pancada na água ao mesmo tempo em que o rosto de Marcus se contraía. Ela agarrou uma pedra de cima da mureta, enquanto um homem a cavalo se aproximava pela curva do riacho. Os cabelos negros do estranho alto brilhavam sob o chapéu, suas roupas eram novas e ele era um exímio cavaleiro.

— Os senhores conhecem a região? — o homem perguntou.

Regina reconheceu imediatamente o leve sotaque. Árabe!

Ela forçou um sorriso, desejando avisar Marcus.

— Um bom dia, sir. Está uma bela tarde para um passeio, não é?

— Com certeza. — O estranho impacientou-se em cima do cavalo. — A senhora poderia me indicar o caminho para Attleby Court?

— O senhor passou por ela há mais de um quilômetro e meio — Marcus respondeu das sombras.

O homem espiou por entre as árvores com os olhos estreitados e Regina esperava que Marcus estivesse bem escondido. O que talvez não adiantasse. Estranhou o camarada não a ter reconhecido, pois estava certa de que ele viera à sua procura. O que ele, com sotaque árabe, pretendia em Attleby Court?

— Por favor, poderia então me fornecer a direção correta?

— Está vendo aquelas fortalezas ao longe?

Regina fechou as mãos em punhos. Marcus teria levado uma pancada na cabeça? Se mandasse o cavaleiro para Attleby Court, eles poderiam ser traídos por um criado bem-intencionado.

— Sim — o homem foi brusco. — Qual delas?

— O senhor bem pode ver como elas estão longe — Marcus foi gentil. — O senhor terá de viajar a mesma distância em direção oposta. Quando encontrar uma encruzilhada, deve pegar a estrada da direita. Assim chegará a um rio. Ao longe, avistará Attleby Court.

O homem anuiu e, sem agradecer a Marcus, seguiu na direção indicada.

Regina mal teve tempo de dar um suspiro, antes de Marcus segurar-lhe a mão. Ele a levou rapidamente até a cabana e Regina não protestou. Ela queria traçar os próximos planos, mas não queria desperdiçar energia no momento.

Marcus trancou a porta.

— Apague as chamas da lareira. Se ele retornar, não deve ver sinal de fumaça.

Regina esvaziou um balde de água sobre o fogo e sentiu o cheiro ruim de cinzas molhadas. Correu, pegou as pistolas presenteadas por seu pai, carregou-as e deixou-as sobre a mesa, enquanto Marcus fechava as venezianas, deixando apenas uma entreaberta para ver melhor.

— Vá para cima! Você estará segura ali. A água-furtada não tem janelas. — Marcus olhou a escada.

— Não me esconderei ali. — Ela sentou-se no banco junto à mesa. — Ficar às cegas lá em cima me deixará insana.

— O que não deve faltar muito. Se ele nos seguir até aqui...

— Ele não pode imaginar onde estamos. Foi uma coincidência terrível nós nos encontrarmos.

— Ele não deve tê-la reconhecido. — Marcus fez uma careta. — Se todos os agentes do Dei forem tão idiotas como esse, é possível que estejamos nos escondendo à toa.

Regina sacudiu a cabeça.

— Não subestime o Dei. Ele chegou ao poder por meio de fraudes e assassinatos. Ele é mestre nas duas coisas.

— Você sabe o que é isso? Nosso amigo deixou-o cair na pressa de encontrar Attleby Court. — Marcus deixou um chifre curvo sobre a mesa. A peça era esmaltada e havia duas cordinhas trançadas na outra extremidade.

Regina engoliu em seco.

— Um *guern el barud* — ela sussurrou. — Os corsários carregam pólvora dessa maneira. — Escondeu o rosto entre as mãos. — Oh, por que não me deixam sossegada?

— O camarada já se foi, Regina — Marcus falou em voz baixa. — Com as indicações que lhe forneci, cavalgará o restante do dia sem imaginar que a presa estava bem diante dele.

— Pensei que eles já houvessem desistido.

— E por que o fariam? — Ele virou-lhe o rosto para fitá-la nos olhos. — Querida esposa, por que eles abandonariam a busca diante do belo prêmio que os aguarda?

— O Dei...

— Não estou falando de política, mas de assuntos bem mais íntimos.

Regina empalideceu.

— Ele não ousariam...

— Esqueça! Não deixarei nenhum daqueles bastardos encostar em você.

Marcus foi espreitar pela janela semi-aberta e Regina, pensativa, entrelaçou as mãos no colo. Naquele dia, o raciocínio rápido de Marcus a salvara. E em vez de agradecê-lo, ela deplorava as próprias agruras, como se a culpa fosse dele.

Regina fechou os olhos e suspirou. Abriu-os e observou o marido. As botas colavam-se às pernas até os joelhos, o calção salientava as coxas fortes e a estreiteza da cintura, e as costas do colete revelaram a ondulação da musculatura quando ele foi até outra janela. Sem o colarinho alto, os cabelos negros — que não seguiam a moda e eram longos — roçavam na camisa.

Ele era seu marido, o homem a quem pertenceria por toda vida, um homem a quem ela ansiava entregar o coração... e muito mais. E ela poderia ter sido arrebatada dele, sem ao menos ter tempo de demonstrar o quanto sonhava com seus carinhos.

Levantou-se, caminhou até onde ele estava, encostou a face nas costas do marido e abraçou-o por cima do colete. O arfar repentino de Marcus repercutiu nela. Devagar, Regina virou-o e viu a surpresa de seu olhar.

— Regina, o que...?

Ela não deu a si mesma a oportunidade de saber o que ele pretendia perguntar e beijou-o em resposta. Aos poucos, ele a envolveu em um abraço.

— Marcus, não pertenço mais ao meu passado — ela disse em voz baixa. — Quero pertencer a você.

— Regina...

Ela pôs um dedo nos lábios dele.

— Não diga nada. Hoje não quero promessas. Quero você.

— Tem certeza de que é isso que você pretende? — Marcus acariciou-lhe os cabelos, tirando-os do rosto onde o chapéu os havia colado em pequenas madeixas encaracoladas.

Regina sorriu com suavidade.

— Estou descobrindo aos poucos que você faz parte de todos os meus sonhos.

Marcus recuou um pouco e estendeu a mão. Regina a segurou e os dois se afastaram da janela e do perigo que poderia estar rondando. Por ora, naquele momento especial, teriam de viver apenas para o amor que poderiam compartilhar.

— Deixe-me fazê-la feliz. — Os beijos leves de Marcus pareciam uma chuva doce.

— Você já faz... a maior parte do tempo

— Não sempre? — A testa franzida não pôde disfarçar o desejo de seus olhos.

— A maior parte do tempo — Regina repetiu. — Nas horas restantes você me deixa com tanta raiva que tenho vontade de esganá-lo.

— Que interessante. Sinto o mesmo por você. — Ele tornou a beijá-la. O beijo dele era tão exigente quanto suas palavras e, pela primeira vez, ela estava pronta para dar-se por vencida.

Regina sentia a respiração queimar em sua garganta e o corpo incendiar-se pelo desejo. Queria que ele a acariciasse em todos os lugares sem exceção, até ela ficar prisioneira da paixão mútua. Segurou-lhe a mão novamente e puxou-o até a escada.

Marcus segurou-a pelos ombros e virou-a para ele.

— Não naquela cama malcheirosa. Não quero que nosso prazer se misture com mofo e terra. — Ele pegou seus cobertores que estavam sobre uma cadeira e estendeu-os no chão diante da lareira.

Regina teve a impressão de estar sonhando quando Marcus, com um sorriso astuto, foi até a arca que trouxera e tirou da mesma vários pedaços de tecido de seda.

— Esses são os que eu trouxe de Argel! Onde foi que os achou?

Marcus sorriu.

— Eu sabia que você não os jogaria fora como eu mandei que fizesse, por isso pensei em um melhor uso para o tecido aqui. Escondi-os entre minhas coisas, enquanto você se preparava para deixar Londres às pressas.

— Se quiser que eu me troque... — Regina estendeu a mão.

— De jeito nenhum. Eu jamais lhe pediria isso. — Marcus abaixou-se e cobriu as mantas com várias peças de seda. Depois ficou em pé e jogou uma das peças mais longas sobre um caibro mais baixo do forro e atrás de um banco. Com uma risada, puxou-a para baixo da tenda improvisada. E, com toda graça, como se estivessem na sala de jantar da sala do pai dele, sentou-a no meio. — Teremos uma amostra do que ... — ele se interrompeu ao vê-la estremecer. — Não tenha medo.

— Não tenho. Não sei exatamente como me sinto, mas não estou com receio. — Ela deu uma risada suave e encostou a cabeça no ombro do marido. — Espere aqui.

— Esperar? — Marcus fingiu-se ultrajado. — Parece-me que esperei por você tempo demais. Aonde você vai?

— Apenas espere. — Ela tornou a sorrir.

Regina subiu correndo a escada e desatou a miríade de ganchos que prendiam seu vestido, deixando-o cair no chão de seu quarto. O espartilho de renda teve o mesmo destino. Desfez-se dos sapatos e das meias. Só de camisa, tirou de dentro da sacola o penhoar de renda e seda que havia trazido. Não parou para pensar no motivo que a fizera trazer uma peça tão delicada.

Ela alisou o traje que se ajustava perfeitamente no corpo. Uma fileira de babados de renda arrematava o decote profundo e mais revelador do que qualquer coisa que ela já vestira. O tecido de gaze era tão fino quanto o véu da concubina favorita do Deí.

Ela desceu a escada e viu Marcus em pé ao lado da pequena barraca de seda. Ele se aproximou com as mãos estendidas.

— Alguma coisa errada? — ela caçoou, sabendo que se sentiria perfeitamente bem nos braços dele. Ela ofereceu-lhe a mão e ele a puxou com força.

Regina sufocou um grito quando o material áspero do colete roçou-lhe a pele acima do decote profundo do *négligé*. Marcus se deteve para analisá-la. As carícias daquele olhar eram como faíscas de fogo que a fizeram cintilar por inteiro.

Marcus tomou-a nos braços e, imprudente, colou os lábios na fenda entre os seios. Ela deu um grito agudo pelo deleite que a atingiu com o calor digno de um vento do deserto, quando ele provocou-a com a ponta da língua em busca do prazer secreto. Ansiosa, Regina deslizou os dedos por dentro do colarinho aberto da camisa de Marcus e acariciou-lhe os pelos suaves que cobriam os músculos do peito.

Marcus carregou-a até a tenda e deitou-a sobre as mantas. Tirou o casaco e as botas. Sentou-se perto dela para desabotoar a camisa.

— Deixe que eu faça isso — ela sussurrou.

— O prazer é todo meu.

— Não, é meu. — Ela desabotoou a parte de cima da camisa dele que estava colada no corpo por causa do calor. Ao tocar na pele nua, lutou contra a tentação de rasgar o restante dos botões. Ela também ansiava pela união que eles vinham evitando havia tanto tempo.

A camisa dele caiu sobre a manta e ele pressionou Regina na seda. Ela não conseguiu impedir um gemido suave quando o peito dele acariciou-lhe a pele. Fitando-a na profundidade do olhar, Marcus deslizou a mão pelos ombros por dentro do penhoar e prosseguiu pelos braços até desnudar uma parte maior dos seios diante de seus olhos ansiosos.

Regina sentou-se, desamarrou a faixa da cintura, deixando cair a parte de cima do *négligé*, e ficou vestida apenas com a camisa de renda fina. Exultante pela admiração do marido, inclinou-se para a frente até que sua pele tocou na dele.

— Desde quando você age com tanta desenvoltura em tais circunstâncias? — ele perguntou com voz rouca.

— Desde que anseio o mesmo que você.

Com um gemido, Marcus empurrou-a para trás. Beijou-lhe a boca, exigindo cada grama de prazer. Com a língua e sem muita gentileza, forçou-a a abrir os lábios trêmulos. Regina acariciou-lhe as costas e redescobriu a força de Marcus normalmente escondida debaixo das roupas.

Marcus beijou-lhe a curva do pescoço e Regina arqueou-se de encontro ao marido, desejando um contato por inteiro. Ele tirou-lhe a camisa e ela sussurrou o nome dele ao sentir os beijos úmidos na curva do seio. Regina passou a língua na orelha de Marcus e a respiração arfante refrescava o fogo dos beijos dele. Ele gemeu de encontro ao bico dos seios de Regina e ela estremeceu, avaliando como seria possível suportar tanto prazer.

Ele guiou a mão da esposa até o cós do calção. Ela o desabotoou e empurrou a peça para baixo das pernas vigorosas, observando os ângulos masculinos do corpo do marido. Jamais imaginara que um homem pudesse ser tão bonito.

Marcus acariciou-a com os dedos e a boca, elevando-lhe os anseios até um frenesi e ela ousou fazer uma exploração íntima. Deliciou-se com a dureza do peito másculo e a pele macia do abdômen. Ela murmurou uma palavra que ele não entendeu, o que o fez parar os beijos ávidos para perguntar do que se tratava.

— Significa amado em árabe... — ela nada mais pôde dizer, pois ele passou a acariciar-lhe as pernas, provocando-lhe um calor ainda maior.

Marcus procurava os segredos interiores da boca de Regina e ela se contorcia com urgência incontável. Enquanto isso, ele continuava a acariciá-la, lançando fervores pulsantes no interior de seu corpo e descobrindo os prazeres mais femininos. Ele sorriu ao ouvi-la gemer com desejos que palavras não poderiam exprimir.

Regina correspondia ao beijo ardente, desejando compartilhar daquele encantamento indescritível. Nada mais existia além das carícias do marido que despertavam tanta paixão dentro dela.

— Meu amor, possua-me, faça de mim sua mulher... por favor... — ela sussurrou.

Agarrou-se nos ombros do marido, desejando que ele satisfizesse aquele desejo que a consumia. Ela não impediu um gemido de prazer extraordinário quando ele a saciou, acabando com aquele vazio que a atormentava. Cada movimento, mesmo o mais sutil, acelerava o prazer que ameaçava rompê-la.

Ele curvou-se para beijar-lhe os lábios no mesmo ritmo com que a invadia. O êxtase tornou-se angustiante. Ela queria mais. Não suportaria nem mais um instante sequer.

Marcus sufocou um grito quando Regina chegou ao cume da satisfação que a destroçou em milhares de fragmentos. E foi envolvida pelo fogo que a fundiu ao homem que seria para sempre o dono de seu coração.

Alguma coisa fez cócegas no nariz de Regina. Abriu os olhos e sorriu ao descobrir que fora apanhada em uma teia de seda. Ao tentar se afastar, foi

contida por um braço que a encostou em um corpo nu.

— Não vá embora, doçura — Marcus murmurou em seu ouvido

— Eu estava apenas tentando tirar isso do meu rosto. — Ela lutou com a seda.

Marcus estendeu o braço e levantou o tecido.

— Está melhor assim?

— Obrigada.

Marcus soltou o pano transparente.

— Essa é uma maneira bem melhor de protegê-la, doçura.

— Mas quem me protegerá de você?

— E você precisa de proteção? — ele disse ao beijar o pescoço dela.

O desejo, que fora satisfeito com tanta ternura, voltou a se manifestar. Regina passou os dedos pelos cabelos dele.

— Meu coração precisa.

— E de quem preciso protegê-lo?

— De você. — Ela tremeu ao sentir a mão do marido acariciar-lhe o seio e não ocultou a verdade. — Porque eu o amo, Marcus.

— Então me ame agora, doçura.

Regina sentiu um choque no coração.

— Mas você me ama?...

— Não diga mais nada, doçura — ele ordenou.

Ela sabia que deveria insistir em uma resposta, mas o choque se transformou em prazer quando ele a levou outra vez ao ápice do encantamento.

Capítulo XV

Regina acordou e ouviu o barulho da chuva batendo no telhado. Sorriu, apesar do tempo ruim que se prolongava nos últimos quatro dias. Mas era como se a calidez do sol a invadissem, quando tinha o calor dos beijos de Marcus a esquentar sua alma. Havia quase duas semanas, ao chegar na cabana da duquesa, não pudera imaginar tanta felicidade.

Estava sozinha na cama. Apesar do ruído das chamas que crepitavam na lareira, escutou os passos de Marcus que preparava o desjejum. Seu sorriso ficou mais animado. Graças a Deus, ele cozinhava para os dois. Se não fosse isso, talvez ela houvesse morrido de fome.

Essa experiência a convencera da pouca necessidade de aprender tarefas domésticas. A simples tentativa de varrer a cabana fora um desastre terrível. Não gostava de executar trabalhos malfeitos. Assim que voltassem a Londres, o contingente de empregados do duque assumiria o encargo de manter a casa em pleno funcionamento. Naquela altura, apreciava ainda mais a diligência e o trabalho de todos, mas não tinha interesse em aprender nada.

Pegou o penhoar branco e vestiu-o enquanto descia a escada. O aroma de ovos fritos era delicioso e Marcus recebeu-a de braços abertos.

— Bom dia, doçura — ele saudou-a e afastou-lhe os cabelos do rosto.

Regina abraçou-o pela nuca e sorriu ao receber um beijo que lembrava a paixão da noite anterior e que prometia mais.

— Bom dia — ela respondeu com voz alegre.

— Está com aparência de ter dormido bem.

— Verdade? — Regina fez cócegas atrás da orelha do marido até ele afastar-lhe os dedos e deu uma risada. — Não dormi muito.

— Então... — Marcus tornou a beijá-la — ...a falta de sono lhe cai muito bem.

O crepitar de gordura levou-o até a panela e Regina sentou-se à mesa.

— Onde foi que conseguiu os ovos?

— Eu os roubei.

— Roubou-os?

Ele riu ao servir um prato que deixou diante de Regina.

— Está surpresa por não ter suposto que o filho de um duque pudesse ser dado a apropriações indevidas?

— Na verdade, não imaginei que você pudesse fazer isso sem chamar a atenção. — Regina comeu um pedaço do ovo frito. — Espero que pretenda devolver ao fazendeiro o que roubou do galinheiro.

— Ao proprietário não farão falta alguns ovos. — Marcus serviu outro prato e sentou-se defronte a Regina.

— Como é que você sabe?

— Porque os tirei de um dos galinheiros de Attleby Court. — Ele deu uma risada.

Regina sacudiu a cabeça, mas não pôde deixar de sorrir.

— Marcus, você é ainda mais matreiro do que eu pensei que fosse. E se o vissem?

— Eu vivia me escondendo em Attleby Court. Conheço muito mais os caminhos e os esconderijos do que os próprios jardineiros. — Pôs na boca uma boa garfada de ovos. — Se quiser, eu lhe mostrarei algum dia.

— Hoje?

Marcus fitou os vidros molhados.

— Em um dia mais seco. Enfrentar a chuva uma vez já foi suficiente.

A resposta de Regina foi interrompida por uma batida na porta.

Marcus deixou o garfo cair no chão com um estardalhaço.

— Quem...?

Regina levantou-se de um pulo, foi até a prateleira onde pusera as armas, abriu a caixa e verificou se estavam carregadas.

— Espere! — Marcus comandou em um sussurro rouco.

— Se for um dos agentes do Dei...

— Acha mesmo que eles bateriam na porta?

— Então quem mais poderia ser? Não estamos dando nenhuma recepção hoje.

— Muito engraçado.

A batida se repetiu, mais ansiosa, seguida por um grito.

— Milorde?

Aborrecido, Marcus apressou-se até a porta e entreabriu-a.

— Andrews, o que está fazendo aqui?

Regina agasalhou-se melhor com o penhoar, enquanto Marcus escancarava a porta. O magro criado de quarto de Marcus tirou a água dos

ombros. Sem dizer nada, Regina endireitou-se e deixou a pistola sobre a mesa. Na certa Andrews viera trazer novidades. Ela esperava que fossem boas, mas também era preciso estar preparada para o pior.

— Milorde, que bom vê-lo! — Andrews gritou. — Milorde nem pode imaginar como é estranho estar em Londres sem a sua presença. Não tenho quase nada para fazer e cada dia parece um século.

— Andrews, você está falando como uma matraca — Marcus resmungou, observou os arredores e fechou a porta. Olhou para Regina e piscou.

Regina descontraíu-se. Embora desejasse cumprimentar o marido pela precaução de verificar se Andrews fora seguido, duvidava de que ele houvesse perscrutado cada sombra. Os homens que a procuravam não ficariam expostos no jardim arruinado da cabana.

— Está com fome, Andrews? — ela perguntou. — Há mais ovos na caçarola.

— Milady cozinhou o desjejum? — Os olhos do criado pareciam saltar para fora.

— Lorde Daniston é nosso cozinheiro. — Ela fez sinal para ele se sentar. — Ele é muito competente, ainda mais no caso de ovos furtados.

— Sou, em comparação com lady Daniston — Marcus acrescentou.

— Ovos furtados? — Andrews não ocultou o espanto.

— Trate de comer, homem. — Marcus raspou o restante da comida da caçarola e pôs o prato diante de Andrews.

— Coma — Marcus insistiu. — De qualquer forma, eles não podem ser recuperados pelas galinhas.

— Mas, milorde...

— Andrews — Regina ficou com pena do pobre homem —, lorde Daniston tirou-os dos galinheiros de Attleby Court.

— Attleby Court? — O homem curvou os ombros magros. — Ah, milady, isso é muito bom para se escutar.

— Por que veio até aqui, Andrews? — Marcus sentou-se. — Aconteceu alguma coisa com o Fisher? Eu... — O semblante culpado não passou despercebido ao olhar de Regina.

Por que não imaginara que o sr. Fisher fosse o mensageiro de Marcus? Aquilo fazia sentido. O sr. Fisher era um amigo confiável, mas poucas pessoas em Londres conheciam sua tênue ligação com a família Whyte.

Andrews estendeu uma carta fechada.

— De Sua Alteza, milorde.

Marcus abriu a missiva e inclinou-se para ver as letras miúdas da grafia de sua avó. Regina não se envergonhou de ler por cima de seu ombro.

Queridos Marcus e Regina,

Sinto muito a falta de vocês e a casa parece vazia demais. Ainda bem que tenho Elayne Morrissey para me fazer companhia. Marcus, seu pai não tem ficado em casa desde sua partida. Nunca o vi passar tanto tempo no Brook's, mas suspeito que isso tem a ver com a ideia de tornar o sr. Fisher um membro do clube. Os dois têm muitas afinidades.

Para mim foi muito difícil inventar histórias para convencer nossos vizinhos que vocês estão fora da cidade para visitar amigos no campo. Lady Longmont foi muito desagradável. Eu...

Marcus virou a página antes de Regina terminar a leitura. Não que ela se importasse. Se a duquesa escrevia como falava, seriam necessárias várias páginas antes de alcançar o objetivo principal da mensagem. No final da longa carta, a duquesa escrevera:

Portanto acho que vocês podem voltar para casa. Talvez tenham de partir logo após a cerimônia, mas não devemos retardar o casamento por mais tempo. Andrews vai aí a meu pedido. Ele irá com uma carruagem, mas recebeu instruções para deixar o cocheiro e a veículo longe da cabana.

Tratem de se apressar, meninos. Estou com saudades de ouvir as palavras doces que vocês têm para me dizer.

Regina deu risada.

— Palavras doces? Duvido de que tenhamos dito muitas, Marcus.

— Minha avó só ouve o que quer ouvir.

— E diz exatamente o que pretende dizer.

— Uma coisa que deveríamos imitar... ocasionalmente. — Marcus juntou as páginas e relanceou um olhar para Andrews que se levantava para tirar a mesa. — Você não precisa fazer isso, Andrews.

— Permita-me, milorde. Mãos ociosas...

— Poupe-me dos truísmos de minha avó. — Marcus deu um bocejo exagerado. — Ah, tenho de confessar que não me esqueci deles.

Regina deu risada.

— Primeiro vou me vestir, depois faremos planos para retornar à cidade.

Marcus segurou a mão da esposa e puxou-lhe o braço por cima do próprio ombro. Regina sorriu, feliz por estar sendo abraçada. Ele a acariciou na face com a parte superior dos dedos.

— Você quer se casar de novo?

— Sim, quero — ela sussurrou, sem se importar que Andrews escutasse aquela conversa íntima. — Dessa vez será uma cerimônia de verdade. — Ela inspirou fundo. — E um casamento verdadeiro.

— Concordo. — Ele lhe acariciou o rosto, dessa vez com a mão. — Está mais do que na hora de se esconder como um coelho atrás da cerca e voltar às nossas vidas.

— E ter uma discussão por dia?

— Sem dúvida.

Regina foi até o primeiro degrau e voltou-se.

— Eu me pergunto se isso é sensato.

— Voltar para Londres?

— Não, fazer uma cerimônia pública. Mesmo que os agentes do Deí tenham sido desbaratados, caso contrário a duquesa não nos chamaria de volta, não posso acreditar que tenhamos um final sem atropelos.

Marcus aproximou-se e beijou-a. O fogo, que se tornava mais forte toda vez em que ele a tocava, recrudescer assim que Marcus começou uma exploração lenta, mas ansiosa, dos lábios de Regina. O coração dela disparou e a respiração tornou-se arfante.

— Doçura, você se preocupa demais. Por que não começa a arrumar as coisas enquanto vou pegar a carruagem com Andrews? Nós não demoraremos mais do que uma hora.

Regina ficou na ponta dos pés para não perder os últimos resquícios de desejo dos lábios do marido.

— Tenha cuidado, meu amor.

— É o que pretendo fazer. — O sorriso dele aliviou o coração de Regina. — Agora tenho muitas expectativas. — Ele se abaixou para sussurrar-lhe no ouvido. — Esta noite aquela porta entre nossos quartos será destrancada.

— A duquesa...

— Que se dane...

— Marcus!

Com um sorriso travesso, ele foi até a porta e, impaciente, fez sinal para Andrews segui-lo. Com um leve aceno de cabeça na direção de Regina, o criado correu atrás de Marcus.

Uma rajada de vento quase fez a porta bater em Andrews, mas Regina segurou-a pela borda.

— Vá, Andrews.

Ele sorriu em agradecimento, deixando-a surpresa. Ele sempre a olhara com expressão zangada, como se não aprovasse o casamento dela com Marcus. Mesmo sem nada dizer, não havia outro motivo para sua carranca.

Ela fechou a porta e nela se encostou. Como teria zombado se alguém lhe dissesse, poucos dias antes, que relutaria em deixar aquela cabana! E, no entanto, era o que estava acontecendo. Ali encontrara a magia dos braços de Marcus. Ali encontrara o amor.

Foi até a janela e procurou enxergar pelo vidro sujo os dois homens caminhando com dificuldade pelo mato. Marcus também teria encontrado o amor ali? Uma ferroadada de sofrimento atingiu seu coração. Se ao menos ele houvesse mencionado uma única vez que a amava, ela seria capaz de esquecer os receios a respeito desse casamento.

Era preciso ter paciência. Seu pai lhe dissera isso dezenas de vezes. A vida não transcorria de acordo com nossos desejos. Ela teria de esperar para Marcus descobrir o que ela acreditava estar no coração dele.

Então a felicidade seria completa.

— Não posso dizer, milorde — Andrew respondeu mais uma vez, com a voz desgostosa por ter de atravessar o mato molhado.

— Vovó deve ter comentado os motivos por que considera seguro lady Daniston voltar para Londres — Marcus insistiu.

O criado deu de ombros e fez outra careta quando os galhos balançaram e mais água espirrou em sua cabeça.

— A duquesa não tem por hábito explicar suas decisões para a criadagem.

— É verdade. — Marcus riu. — Acho que estou muito tempo afastado de minha família e fiquei mais acostumado à vida pacata. Sem a vovó, tudo fica mais quieto.

— Teve até tempo para alguns furtos?

Marcus tornou a rir.

— Ora, Andrews, não preciso de seus sermões. — Desistiu de afastar um ramo grosso de sarça, rodeou-o e disse uma imprecisão ao afundar os pés no lodaçal. — Ela não comentou o que fez meu pai mudar de ideia?

— Sei que Sua Alteza ficou bastante preocupado com sua carta sobre o árabe que os encontrou.

— Eu não sabia que meu pai procurava seus conselhos.

Andrews ficou corado.

— Milorde, eu lhe asseguro de que não li a carta que mandou para Sua Alteza. Eu apenas o ouvi falar com o sr. Fisher. Sua Alteza estava muito perturbado e sua raiva foi dirigida ao sr. Fisher. Mais tarde, ouvi dizer na cozinha que o sr. Fisher estava considerando a hipótese de ir embora.

— Duvido de que a srta. Morrissey concordaria em partir antes do casamento. — Marcus riu sem vontade. — Talvez seja esse o motivo por que vovó está determinada em apressar a cerimônia. Ela detesta qualquer desarmonia não criada por ela na casa.

— Ela tem se mostrado muito aborrecida com sua ausência prolongada. Ela sente muita falta de milorde.

— E, para ser sincero, sinto falta dela. — Marcus bateu no braço de Andrews. — Você sabe que, a despeito de quaisquer comentários que eu possa ter feito, amo muito minha avó.

— Como ela também o ama. — Ele se abaixou para evitar um ramo, mas assim mesmo a água tornou a cair por cima dele. — Assim como lady Daniston.

Marcus surpreendeu-se com o prazer explícito na voz do criado. Andrews sempre criticara as mulheres na vida de seu lorde e tinha uma antipatia especial por Jocelyn. Mesmo Regina não o agradara... até o momento.

Marcus não respondeu e Andrews prosseguiu pelo caminho estreito. Pulou por cima do muro de pedra com a agilidade de um jovem. Com as mãos no alto, virou-se para perguntar:

— Milorde, permita-me a impertinência, mesmo sabendo que isso não é de minha conta, mas o senhor também ama lady Daniston?

— Você tem razão. — Marcus também pulou por cima do muro, foi em direção da carruagem que aguardava na estrada e disse com brusquidão por sobre o ombro. — Isso não é de sua conta!

— Mas, milorde...

Marcus virou-se, carrancudo.

— Andrews, minha vida está a ponto de seguir os rumos que eu sempre procurei. Nada mais precisa ser dito.

— Sim, milorde. — Observou Marcus falando com o cocheiro e olhou para trás das árvores. Ele e Marcus haviam partilhado de muitas brincadeiras, porém suspeitava de que lady Daniston acabaria por ser o alvo da mais cruel de todas as pilhérias.

Regina tornou a dobrar o lençol. Deixou-o de novo na cama e sacudiu a cabeça. Nenhum dos cantos estava perfeito como Kamil os deixava. Não imaginava como ele e a criadagem da casa da cidade do duque faziam tarefas tão difíceis parecerem tão fáceis.

Pegou novamente o lençol e, com uma imprecisão que teria lhe valido uma reprimenda do pai, enfiou-o na maleta. Ele seria lavado quando chegassem a Berkeley Square. Um ou dois vincos a mais não fariam diferença.

Ela apertou as pontas do lençol por cima das roupas na valise e sentiu algo estranho. Era uma folha de papel. Esteve a ponto de jogá-la por cima do lençol, quando um nome chamou-lhe a atenção.

Jocelyn!

Pôs a mão sobre o peito para acalmar a agitação e entendeu que não era algo que Marcus trouxera para a cabana. A data na missiva era da véspera.

Largue isso, a razão ordenou. Largue isso e finja que nada viu. Não arruíne o amor glorioso que você descobriu com Marcus. Agarre-se ao esplendor de um casamento feliz.

Não conseguiu. Ao abrir o coração para Marcus, ousara pensar que ele a amava. Em vez disso, ele escrevia para a amante.

Minha querida Jocelyn,

Escrevo esta pequena mensagem para deixá-la ciente de que, após minha volta a Londres, irei procurá-la imediatamente. Há muitas coisas que preciso lhe dizer, pois tenho pensado em nosso relacionamento durante minha ausência forçada da cidade.

Regina largou a página no colo, incapaz de ler as sentenças finais. Cobriu o rosto com as mãos e estremeceu. Seria esse o sentimento de um coração partido? Não havia nada onde, momentos antes, havia felicidade. Nem mesmo dor. Nada além de um entorpecimento implacável que ameaçava envolvê-la em sua aridez.

— Regina?

Ela deu um gemido leve ao ouvir o chamado de Marcus. Enfiou depressa o papel na sacola com cuidado para que ficasse à vista.

Jamais o deixe perceber quando estiver perturbada. A voz de seu pai ecoava em sua mente.

Ela ficou em pé, inspirou fundo e soltou o ar lentamente. Esse conselho era o único escudo com que contava no momento em que seu sonho mais precioso estava morrendo nas mãos de um homem que deveria ter tornado a quimera uma realidade.

Capítulo XVI

Regina esperava que Marcus comentasse a respeito da carta que ela deixara por cima da valise aberta. Em vez disso, ele mandou Andrews levar a bagagem para o coche. Pensou que Marcus diria algo no caminho de volta para Londres, mas ele conservou o mesmo silêncio da vinda para a cabana.

O mutismo foi quebrado quando chegaram a Berkeley Square. Apesar de já haver passado muito da meia-noite, todas as janelas estavam iluminadas. A duquesa em pessoa veio recebê-los.

— Meus queridos, que maravilha tê-los de volta! — ela gritou, abraçou Marcus e depois Regina. — Vocês nem podem imaginar como eu estava preocupada! Entrem e contem-me tudo a respeito de sua longa estadia em Attleby Court. Sabiam que fui informada de houve um roubo que por lá?

— O que houve? — O duque desceu a escada, fechando o roupão. — Santo Deus, Marcus! Filho, o que está fazendo aqui?

— Vovó escreveu para nós retornarmos.

— Mamãe, eu lhe disse...

A duquesa estalou a língua.

— Já ouvi o suficiente de suas profecias tétricas. Minhas queridas crianças regressaram ao seio da família. — Ela levou a mão ao peito. — E já não era sem tempo. Boatos se espalharam pela nobreza e não quero que tais coisas sejam ditas sobre minha família. Não há alternativa a não ser efetivar o casamento o mais depressa possível.

— O que está acontecendo? — Outra voz soou do alto da escada. O sr. Fisher desceu correndo, seguido por Elayne. O espaçoso vestíbulo dava a impressão de estar coalhado de gente. O sr. Fisher fitou o duque antes de prosseguir. — Esta não é uma boa ideia.

— Podemos falar sobre isso depois? — Regina interveio. — Eu e Marcus estamos muito cansados da viagem. Afinal, nada mais vai acontecer hoje.

Elayne abraçou-a pelos ombros e Regina deixou-se levar para seus aposentos. No alto da escada, virou-se. Marcus sorriu. Ela mordeu o lábio e seguiu seu caminho.

Regina entrou no quarto e encontrou Beatty em prantos.

— Milady querida — ela repetiu inúmeras vezes, enquanto trazia uma camisola limpa e arrumava a cama para que não houvesse nenhum resquício de cheiro de mofo.

Regina esteve a ponto de pedir a Beatty para não chorar, pois se irritava com infantilidades. Não o fez. A moça não desistiria enquanto não esgotasse o estoque de lágrimas.

Regina, preferindo ficar sozinha, convenceu Beatty a fazer a outra criada renunciar à ideia de preparar-lhe um banho. Deixou-se levar para cama como se fosse uma criancinha e fingiu adormecer para que as duas saíssem logo.

Ouviu as moças se retirarem e os outros irem para os quartos. Escutou a porta intermediária de sua suíte e a do Marcus ser aberta. Ficou tensa ao perceber os passos familiares se aproximarem da cama. Não abriu os olhos e também não se moveu ao sentir na testa os lábios do marido. Ele se afastou sem ruído e a porta foi fechada. Escutou a chave virar na fechadura e teve certeza que seu coração fora despedaçado.

No dia seguinte, Regina entendeu que suas esperanças haviam sido fúteis. Desceu alguns degraus da escada para tomar o café da manhã e viu Marcus no vestíbulo. Seu coração disparou ao ver o corte elegante do casaco castanho e da calça combinando. O nó complexo da gravata parecia especial demais para um passeio no parque.

— Gardner, traga meu cavalo — ele pediu. — E meus cartões de visita.

— Milorde, está muito cedo para fazer visitas — o mordomo o avisou.

— Eu não iria a essa hora, se não soubesse que seria bem-vindo. — O sorriso dele era o indício que Regina precisava para supor ao que o marido se referia.

Com muito esforço reteve as lágrimas e pensou em voltar para o quarto. Não precisava olhar na valise para saber que o bilhete não se encontrava lá. Na certa, Marcus já o mandara para a amante. E, nessa manhã, não escondia a pressa para ver Jocelyn.

— Regina?

Ela se virou, espantada, embora alegre por ouvir a voz de Marcus. Talvez ela houvesse interpretado mal as intenções dele, vendo uma

ansiedade inexistente em visitar Jocelyn, onde havia apenas alívio em voltar para casa. Desceu correndo a escada e estendeu as mãos para o marido.

— Pensei que você estivesse indo... — Ela engoliu a acusação incriminadora. — Eu o ouvi pedir o cavalo e supus que você fosse sair.

— Eu vou. — Marcus soltou-lhe as mãos e calçou as luvas, sem fitar a esposa. — Ficarei ocupado a maior parte do dia, mas espero que você permaneça próximo a casa.

— Marcus, não se afaste muito daqui. O perigo é mútuo.

— Segundo a opinião de minha avó, o risco já passou.

— Ainda não falei com Sua Alteza, mas acredito que a situação ainda é delicada.

— Só você e Fisher acreditam nisso.

Regina segurou o corrimão.

— O que foi que o sr. Fisher disse? Quando chegamos, ele estava muito inquieto.

— Terá de perguntar isso a ele ou ao papai. Tenho várias reuniões importantes e estou atrasado.

O barulho dos cascos do cavalo que chegava na rua foi ouvido dentro da casa.

Regina resistiu à vontade de abrandar quando Marcus tomou-a nos braços e beijou-a com suavidade. Ela apertou-lhe as mangas e levantou o olhar para ele.

— Você estava dormindo ontem à noite — ele murmurou.

— Eu estava cansada.

— Aproveite o dia para descansar, doçura. — Ele a beijou antes de sair e deixou-a imaginando se a procuraria depois de ir para a cama com a amante.

— Não vejo o sr. Fisher desde ontem à noite — Beatty afirmou enquanto andava pelo quarto. — Quer que Gardner diga a ele que milady deseja vê-lo assim que ele chegar?

— Sim, por favor — Regina respondeu, sem se estender sobre o tema. Sentada na cadeira de onde avistava o quarteirão, não queria demonstrar que aguardava o retorno de Marcus.

Uma batida na porta interrompeu a próxima questão de Beatty. A porta foi aberta e Elayne irrompeu no aposento, vestida de dourado em uma explosão de fitas e babados. Beatty retirou-se para o quarto de vestir e Regina supôs que as duas mulheres haviam combinado o encontro. Se não estivesse com o pensamento na ausência prolongada de Marcus e no que ele estaria fazendo, teria até ficado curiosa.

— Você está bem-disposta, apesar de suas atribulações. — A tia beijou-a no rosto. Sentou-se no poial da janela e arrumou as saias cheias de pregas.

— Aproveitei minha estadia no campo. — Regina quase riu diante da afirmativa. O isolamento do mundo ao lado de Marcus fora o melhor período de sua vida.

— Então por que você veio embora tão de repente?

— Como deve saber, a duquesa escreveu, pedindo que voltássemos.

Elayne suspirou.

— Isso é tão preocupante. Escrevi a seu pai a respeito desse conjunto terrível de circunstâncias.

— Oh, tia Elayne, a senhora não deveria ter feito isso.

A tia arregalou os olhos e sacudiu o indicador para Regina.

— Não precisa falar comigo nesse tom, minha jovem. Sei que se acha capaz de resolver tudo, mas isso é um erro.

— Não penso que posso resolver tudo. — Regina passou um dedo na beira esculpida da mesa próxima à cadeira. O molde decorativo de parreiras e frutas era suavizado por camadas de verniz. Ah, como gostaria de não transparecer o coração ferido.

— Então deve concordar que tive de avisar seu pai.

Regina endireitou-se ao ouvir o som de cavalos na rua e suspirou ao notar que se tratava de uma carruagem que passava.

— De jeito nenhum. Meu pai só poderá preocupar-se a meu respeito, mais nada. A senhora sabia que ele me mandou para cá por um único motivo?

— Qual seria?

— Afastar-me do perigo que se aproximava de Argel. Ele escreveu sobre isso para o duque. — Regina entrelaçou os dedos com força. — Quem poderia supor que as mesmas adversidades me rondariam em Londres?

— Não se pode ter certeza que há uma conexão entre os homens que tentaram raptá-la e o governo de Argel. Eles podem ter sido ladrões comuns

que viram a oportunidade de furtar uma bolsa.

Regina desistiu de retrucar. Nada deveria dizer a respeito do homem que tinham visto no regato perto da cabana, nem sobre o chifre com pólvora que haviam encontrado.

Elayne, por sua vez, emitiu todas as opiniões possíveis e, quando se deu conta de que Regina não estava com disposição para conversar, saiu com a desculpa de descansar.

Regina não conseguiu ficar sozinha. Momentos depois, bateram na porta e a duquesa entrou. Ela usava um tom de verde que a favorecia e mostrava-se disposta a conversar.

Na verdade, a conversa resumiu-se em um monólogo a respeito do matrimônio vindouro.

— Alteza — Regina disse quando a dama idosa parou para retomar o fôlego. — Por que enviou uma mensagem com Andrews para voltarmos?

— Eu já lhe disse. — A impaciência brilhava em seus olhos, que eram tão esquivos quanto os do neto. — Tem havido muitos boatos a respeito de você e Marcus, sugerindo que vocês estariam vivendo em pecado e que você estava grávida antes do casamento.

Regina tornou a olhar para a rua, sem querer admitir o que não fora possível. A duquesa acreditara que ela e Marcus manteriam a promessa de esperar pelo casamento.

— Mas todos sabem que estamos casados.

— Nem todos.

— Então diga quem ignora os fatos a ponto de espalhar tal absurdo.

A duquesa passou uma hora com censuras e exemplos do que acontecia àqueles que eram tão descuidados a ponto de não se incomodar com os rumores que se infiltravam por entre os nobres. Regina limitou-se a anuir e a murmurar desculpas quando a dama pareceu estar fatigada.

Regina largou-se na cadeira quando a porta se fechou atrás da duquesa. A paz da cabana, onde suas únicas companhias tinham sido seus pensamentos e Marcus, então lhe pareceu ainda mais maravilhosa. Gostaria de voltar para a cabana e tirar esse dia odioso da cabeça.

Beatty tornou a entrar e mais uma vez elas ouviram bater na porta. Regina revirou os olhos, mas fez sinal para a criada abrir. Devia ser o duque, pois era o único que ainda não viera vê-la, exceto Marcus e o sr. Fisher que não se encontravam em casa naquela tarde.

Ela sorriu ao vê-lo entrar. Ficou em pé e beijou-o no rosto.

— Como está você, Regina? — Ele sentou-se no lugar anteriormente ocupado por Elayne.

— Muito bem.

— Então por que está escondida no seu quarto?

— Mesmo que minha meta tenha sido esconder-me, parece que todos me encontraram.

O duque sorriu diante da ironia.

— Você me parece nervosa.

— Não é muito agradável ficar aqui, sendo que a situação pode não ter mudado. — Ela hesitou antes de continuar. — Estou preocupada com Marcus que se recusa a admitir que ele também pode estar em apuros.

— Não há sinal de que ele possa estar correndo riscos.

Regina foi até a porta do quarto de vestir e fechou-a, para que Beatty não escutasse.

— Alteza, se os atacantes eram realmente os homens do Dei, e eu compartilho de suas suspeitas e de meu pai que realmente eram, eles tornarão a atacar para alcançar os objetivos.

— Eu deveria ter suposto que não haveria sentido em tentar enganar a filha de Rudolph. — Ele se levantou. — Minha mãe e sua tia estão convencidas de que o problema diminuiu, mas fico satisfeito ao ver que você é mais inteligente do que elas.

— Conheço os métodos utilizados pelo Dei para conseguir o que deseja.

O duque anuiu ao sair dos aposentos de Regina. Ela estremeceu com nova onda de ansiedade. Ele viera até seu quarto apenas para avisá-la de que as dificuldades não haviam passado. Ela foi até a janela e olhou para fora. O duque não precisava se preocupar. Ela sabia que o pior permanecia diante dela enquanto ficasse sentada, dia após dia, esperando Marcus voltar da casa da amante.

Regina não se surpreendeu quando o relógio de carrilhão bateu quatro horas e Gardner veio avisar que havia uma visita para ela.

— Milady — ele estendeu um cartão —, pedi ao cavalheiro para esperar na sala de estar.

— Obrigada. — Ela leu o cartão e sorriu ao ver o nome de Benjamin. Àquela altura, precisava de um amigo como ele para aliviar suas inúmeras preocupações. Na mensagem dele, que tinha sido entregue a não mais de uma hora, Benjamin perguntava se ela poderia recebê-lo e ela mandara uma resposta afirmativa.

Passou as mãos nos cabelos e ficou satisfeita por estar com belo vestido rosa com babados na barra que ondulava a cada passo. Desceu correndo a escada, em direção à sala de estar. Não tentaria agir como se tudo estivesse correto. Benjamin a conhecia muito bem. Ele notaria qualquer estratagemas que tentasse usar.

Ela empurrou a porta e engoliu em seco quando sentiu algo enganchar em sua manga. Puxou o braço e escutou o som de tecido que se rasgava. Um prego da porta romperá a costura da manga esquerda.

Regina disse uma imprecisão silenciosa e Benjamin aproximou-se, sorridente. Como sempre, ele estava vestido de maneira impecável com cores sóbrias, ao contrário do uniforme brilhante que antes usava.

— Regina, espero que possa perdoar-me por desejar vê-la com urgência logo após sua chegada.

— Admito que me encontro atônita com a velocidade que as novidades se espalham pela nobreza.

Benjamin levou-a até um sofá e sentou-se a seu lado.

— Um amigo me disse ter visto seu marido esta manhã, por isso imaginei que você tivesse voltado à cidade com ele.

— Chegamos muito tarde a noite passada. — Não se sentiu confortável por ocultar de Benjamin que sua vida se tornara um lamaçal confuso. Antes ela lhe contava tudo.

— A permanência fora de Londres foi boa?

— Sim.

— Pensei que vocês não voltassem antes do término da temporada.

— A duquesa está determinada a realizar o casamento no final da mesma, antes que a sociedade procure os retiros campestres para fugir do calor do verão.

— Posso falar sinceramente? — Benjamin segurou as mãos de Regina entre as dele.

— Claro.

— E você também será sincera?

Regina hesitou.

— Tentarei.

— Suponho que não poderei pedir mais nada de você agora, Regina. Sei que fugiu de Londres por causa dos problemas que a perseguiram desde Argel.

— Como?

— Também tenho amigos no Ministério de Relações Exteriores. — Ele apertou-lhe a mão. — Por que você deixou que essas pessoas a assustassem? Nós dois vivemos em Argel e conhecemos muitos vizires do Dei. Você sabe que o Dei tem atribuições suficientes dentro de sua cidade e que trata delas efetivamente e com precisão fatal. Ele não precisa caçar uma mulher em Londres para conseguir o que deseja.

Regina franziu a testa. Estranho que Benjamin a estivesse repreendendo por estar assustada, sendo que ele escrevera uma carta advertindo dos perigos que ela corria. Talvez ele estivesse tentando disfarçar a própria apreensão dessa maneira. Ao ver os olhos estreitados dele, deu um sorriso torto.

— Eu sei.

— Não ignoro que você saiba.

— Sinto-me uma tola.

Ele sacudiu a cabeça.

— Nem você nem ninguém precisam se sentir tolos. Não esqueça de que pode confiar em mim.

— Também sei disso.

— Então escute. — A voz ficou mais profunda e ele estreitou ainda mais os olhos. — Eu me preocupo muito com você, Regina.

— E eu também com você, Benjamin. Afinal, somos amigos há anos.

— Eu gostaria de falar em mais do que amizade.

Regina recuou, mas ele se recusou a soltar-lhe as mãos.

— Benjamin, não ignoro que há boatos correndo pela sociedade, porém Marcus e eu estamos legalmente casados por procuração.

— Regina, *sei* que você é a esposa de lorde Daniston, mas é preciso encarar a verdade. Ele jamais vai se curar da obsessão por Jocelyn Simpson, mesmo que ela esteja fazendo dele um pateta por receber outros quando está sozinha.

— Você tem uma péssima opinião a respeito da sra. Simpson.

— A pior de todas — ele assegurou sem hesitar.

— E você me pede para eu me tornar igual a ela, pois ela não prometeu fidelidade a um homem como eu prometi.

— Regina, essa não foi minha intenção — ele falou com seriedade. — Quero apenas que você saiba de meu afeto e de minha devoção. Pense na vida que poderemos ter juntos, viajando pelo mundo e vendo todas as coisas maravilhosas das terras estrangeiras. Longe das fronteiras da Inglaterra, ninguém precisará saber da verdade.

— Mas eu saberia. — Regina levantou-se e pôs a mão no ombro dele. — Obrigada, Benjamin, por sua generosa oferta, mas uma das primeiras lições que papai me ensinou foi que um diplomata de sucesso nunca renega um juramento.

— Então você viverá aqui, lamentando a vida que deveria ter?

— Sim — ela murmurou, satisfeita por ele não perguntar qual a vida que ela gostaria de ter. Antes de ela e Marcus terem procurado refúgio na cabana, refletiria seriamente em seu desejo de voltar à vida diplomática. Naquele momento ela conseguia pensar em poucas coisas além de estar novamente nos braços de Marcus para desfrutar dos esplendores da paixão com ele.

— Se você mudar de ideia...

— Não mudarei, mas agradeço por sua bondade. Jamais esquecerei esse gesto. — Ela curvou-se para beijá-lo na face.

Ela se espantou quando ele virou o rosto e os lábios deles se encontraram. Ela cambaleou quando ele a abraçou pela cintura, puxando-a mais para perto. Benjamin sentou-a ao lado dele no sofá. Regina tentou escapar, mas ele a pressionou contra o encosto.

— Boa tarde, Regina, eu...

A voz de Marcus deve ter assustado Benjamin tanto quanto a ela. Ele a soltou e ela ficou em pé, passando as mãos trêmulas no vestido. O ódio queimava no olhar fixo de Marcus em Benjamin. Marcus deu um passo adiante e Regina correu para o lado dele.

— Não tire conclusões apressadas. Benjamin é... foi nada mais que um amigo.

— Prefiro que minha esposa tenha menos intimidade com os *amigos*.

Regina retrocedeu diante da ênfase na última palavra.

— Marcus, você tem de acreditar que eu não poderia supor que isso aconteceria quando convidei Benjamin para me visitar.

— Você o convidou? — Ele dardejou um olhar fulminante para o homem que o fitava com um sorriso tenso.

— Isso mesmo, Daniston, sua esposa me disse que eu poderia fazer uma visita rápida quando eu quisesse.

Ela fitou Benjamin com espanto. O que dera na cabeça dele para atormentar Marcus daquele jeito?

— Benjamin mandou-me uma mensagem — ela se apressou em explicar — dizendo que estava preocupado com meu bem-estar enquanto estávamos no campo. — Olhou os dois homens furiosos e sussurrou. — Eu lhe juro, Marcus, que se tivesse a menor ideia a respeito das intenções dele, teria apenas mandado um recado com o mensageiro dizendo que tivemos uma esplêndida estadia.

Marcus apontou a manga rasgada.

— E isso?

— Eu a rasguei em um prego da porta.

— É mesmo?

— Milorde não acredita em sua esposa? Ou espera que ela seja tão infiel quanto o senhor é com ela?

Apesar da angústia causada pelas palavras rudes de Benjamin, Regina pôs a mão no braço de Marcus quando ele estreitou perigosamente o olhar. Ela reconheceu aquela fúria gélida que poderia explodir a qualquer momento.

— Benjamin, acho melhor você ir embora e não voltar mais.

Marcus sacudiu a cabeça.

— Sheldon, antes que eu tenha de lhe mostrar a saída, sugiro que chame seus amigos. Eu o encontrarei ao amanhecer, perto de Serpentine.

— Não! — Regina gritou. — Duelo, não, por favor.

— Sua honra está em jogo — Marcus disse, sem a fitar.

— E quem se importa com honra? Um dos dois poderá ser morto.

No mesmo instante, Regina entendeu que a frase sem nexos enfurecera Marcus ainda mais. Ela começou a dizer que sua primeira preocupação era com a segurança dele, mas Marcus a interrompeu.

— Se você não se importa com sua honra, então permita que eu me preocupe com a honra de minha família. Apesar de tudo, Regina, você é

minha esposa. Sheldon, ao amanhecer.

Benjamin curvou a cabeça em concordância.

— Estarei lá. Aguardarei com ansiedade esse momento, milorde.

— Por favor, Marcus, seja sensato. Não quero que você lute em um duelo. — Regina tentou parecer calma, na esperança de convencê-lo.

— Agora nada mais tem a ver com você — ele afirmou.

— Regina, escute as palavras de Daniston.

Regina torceu as mãos. Os dois haviam perdido o juízo, se é que alguma vez o tiveram. Aquilo haveria de se tornar um pesadelo tenebroso. Desejou acordar antes que os dois se matassem.

Capítulo XVII

Regina tamborilou com os dedos no braço da poltrona de seu quarto, olhando Marcus andar de um lado a outro. Embora ele estivesse resmungando, ela suspeitava de que a perspectiva do duelo o agradasse.

— Pare com isso — falou em meio ao discurso do marido contra Benjamin Sheldon que ousara beijar lady Daniston. — Marcus, se você disser mais uma vez que está se preparando para esse duelo para salvar minha honra, juro que começarei a gritar.

— Alguém tem de pensar nisso.

— Então deixe que eu cuide do caso.

— Como?

— Eu já o despedi sumariamente. O assunto está encerrado.

— Estará quando o sol começar a se erguer no leste.

Regina levantou-se de um pulo e encostou o dedo no centro do colete do marido.

— Por que não enxerga a verdade? Que está fazendo isso por você mesmo? Estou surpresa de tê-lo ouvido falar com menosprezo sobre duelos há apenas duas semanas. Agora mal pode esperar para tirar o sangue de outro.

— Quero proteger o que é meu. — Marcus cruzou os braços na altura do peito e enrugou a testa.

— Fico sensibilizada, mas do que está querendo me proteger?

— De sua própria fantasia.

Regina apertou as mãos em um esforço para manter a voz serena. Independentemente de como terminasse aquela conversa, não perderia a compostura com as palavras dele. *Se você demonstrar perturbação, nada será resolvido.* Mais uma vez, o conselho do pai foi ouvido.

— Se é uma fantasia não querer vê-lo ferido, então admito ser desprovida de inteligência.

— Desprovida de inteligência? — a duquesa entrou no quarto e beijou Regina na face. — Conheço poucas pessoas tão inteligentes como você, minha querida. Agora, se está se referindo a meu neto...

— Vovó! — Marcus exasperou-se.

A duquesa bateu-lhe ternamente na face antes de sentar-se na poltrona como se a mesma fosse um trono.

— Não tente demonstrar que estou errada, meu rapaz, sendo que eu estava a ponto de dizer que você tem demonstrado um considerável bom-senso ultimamente. O meu velho coração fica feliz ao vê-los conversarem como amigos. Este casamento está destinado a dar certo.

Regina virou-se, para que sua expressão não a traísse. Escutou Marcus tossir e refletiu se ele não estaria tentando segurar o riso. Não poderia culpá-lo, se ela mesma estava morrendo de vontade de rir.

— Vim dizer a vocês — a duquesa continuou — que o casamento está marcado para o próximo sábado. E ainda há tanto o que fazer!

— Achei que os planos estivessem todos executados — Marcus respondeu.

A duquesa arregalou os olhos e balançou um dedo na direção dele.

— Você pode ser tão obtuso como seu pai. Claro que não está tudo pronto. Oh, Senhor! Ainda há tanto para fazer! — ela repetiu.

— Regina ficará feliz em ajudá-la amanhã, vovó. Agora estávamos falando de... outros assuntos importantes.

— O que pode ser mais importante do que seu casamento?

— Benjamin Sheldon e Marcus... — Regina respondeu.

— Ah — a duquesa a interrompeu. — Ouvi falar da visita do sr. Sheldon esta tarde. Na verdade, não entendo bem sua amizade por ele, Regina, pois eu o considero um pouco servil demais. Contudo, acho maravilhoso que seus amigos tenham a liberdade de visitá-la.

— Duvido de que ele venha visitar-me de novo tão cedo.

— Claro que não! Temos muitos projetos para finalizar. — A duquesa deu um sorriso beatífico para Marcus. — O que não impede que você e o sr. Sheldon encontrem algo para fazer antes disso, se é o que você quer.

— Nós já marcamos um encontro — Marcus resmungou.

— Ótimo! — A duquesa levantou-se e estendeu a mão. — Agora venha comigo, meu querido rapaz, e leve-me à biblioteca de seu pai. Quero falar com ele sobre alguns assuntos e sei que ele escuta mais a você do que a mim. Não entendo o motivo. — Ela apertou a mão de Regina. — Durma bem, minha querida. Logo pela manhã iniciaremos os trabalhos finais dos preparativos para a cerimônia.

— Está bem. — Regina deu um suspiro profundo. — Alteza, se puder falar com Marcus e persuadi-lo a...

— Regina, vovó não está interessada em nada daquilo, pois está muito ocupada — Marcus a interrompeu bruscamente.

— Não se pode saber a menos que você me permita perguntar a ela.

— Marcus está certo — a duquesa afirmou. — Minha mente consegue se concentrar apenas em um item por vez, e agora estou pensando em que cor de flores devo pedir para as mesas. Regina, se quiser, pense nisso e me dê as sugestões pela manhã.

Regina começou a responder, porém Marcus levou a avó para fora do quarto. Frustrada, tentou pensar com clareza. Marcus não a escutaria nem permitiria que ela incluísse a avó na conversa, pois ele sabia que a duquesa ficaria tão furiosa como ela se encontrava.

Será que ele não escutaria ninguém?

Mesmo sem querer, admitiu que apenas uma pessoa teria influência suficiente sobre Marcus para persuadir esse cérebro de molusco a abrir mão do duelo. Fechou os olhos, inspirou fundo e tocou a campainha para chamar Beatty.

Teria de engolir seu orgulho antes que Marcus destruísse a si mesmo e as chances de felicidade que poderiam ter.

Regina ignorou os resmungos de Beatty que, na certa, eram preces para protegê-las de quaisquer demônios que pudessem estar emboscados dentro daquela casa. Ela sabia quem havia decorado o recinto cheio de rendas e Jocelyn Simpson não era um demônio.

Esfregou as mãos, pondo em risco as rendas das luvas. Onde estaria aquela mulher? Havia uma hora, um serviçal mal-humorado abrira a porta e levara Beatty e a sirigaita até a sala de estar. Jocelyn estava muito enganada, se achava que ela se cansaria de tanto esperar. Ela ficaria ali até a madrugada, se necessário fosse.

Era possível que Jocelyn houvesse entendido isso, pois em menos de meia hora, ela apareceu na porta da sala de estar e, com os cabelos soltos sobre os ombros do penhoar rosa, cumprimentou-as com energia.

Regina ficou satisfeita por Jocelyn não lhes oferecer petiscos nem refrescos. Tal hipocrisia apenas complicaria as circunstâncias da visita.

— Eu lhe agradeço por receber-me a esta hora — Regina afirmou e ouviu Beatty resmungar outra vez. Sentada junto à criada, olhou-a com olhar fulminante.

Beatty calou-se, mas fitou Jocelyn com ingênuo horror quando a moça sentou-se com graça diante delas.

— Lady Daniston, se com essa visita insultuosa acredita que pode dar um fim ao meu longo relacionamento com lorde Daniston...

— Vim para lhe pedir um favor que, se for recusado, acabará com todos os prováveis encontros que Marcus possa ter com a senhora.

Jocelyn ergueu o queixo, embora mexendo nervosamente nos babados de seu penhoar.

— Ameaças têm pouco efeito sobre mim.

— Não vim aqui para ameaçar ninguém. Quero que a senhora fale com Marcus.

— Falar com ele? — Ela estreitou os olhos escurecidos com *cohol*. — Sobre o quê?

— Ele desafiou Benjamin Sheldon para um duelo que está marcado para o próximo amanhecer.

Jocelyn endireitou-se e deu um sorriso com os lábios rústicos.

— Um duelo? Será que é por minha causa?

— O que isso importa, se ele poderá morrer? — Regina se levantou e, pela resposta da outra, teve a impressão de não ter sido ouvida.

— Ah, que doçura! Embora eu tenha de admitir que não conheço ninguém chamado Sheldon. — Ela apoiou o queixo na mão. — E eu pensando que ele estivesse perdendo o interesse por mim...

— Sra. Simpson!

A morena a olhou, espantada.

— Como a senhora pode ser tão egoísta quando dois homens podem morrer? — Regina gritou.

— Mas eles lutarão por minha...

— Eles lutarão por lady Daniston, sua imbecil! — Beatty interveio e levou a mão à boca, fitando Regina com expressão de culpa.

Regina bateu carinhosamente no ombro da criada.

— Pouco importa a respeito de quem eles pretendem lutar. O que importa é que ambos poderão morrer.

— Não entendo por que milady veio me incomodar com um problema que só lhe diz respeito. — Ela fez biquinho, demonstrando claramente que a desagradara não ter sido o motivo do duelo.

— Pensei que Marcus a escutasse, se a senhora pedisse para ele desistir.

— E por que eu faria isso?

Regina tornou a sentar-se e cruzou as mãos no colo. Precisava ser cautelosa ou perderia a pequena oportunidade de tornar Jocelyn sua aliada.

— Imagino que a senhora depende de meu marido para manter esta casa.

— Esse é um problema meu.

— Então, pelo que acaba de dizer, estou certa. — Inclinou-se para a frente e encarou Jocelyn. — E o que a senhora fará se não puder mais depender de meu marido para sustentar esta casa e seus próprios gastos?

— Eu já lhe disse, milady, que ameaças não me amedrontam. Se acha que pode se intrometer entre mim e seu marido...

— A única ameaça é a morte de Marcus. Então, sra. Simpson, a parte dele no patrimônio do pai será minha. — Regina se deteve para dar tempo da outra digerir o fato que deveria ser aparente desde o início. — Tenho certeza de que a senhora deve entender que não assumirei, como minhas, as obrigações de Marcus.

Jocelyn levantou-se e andou pela sala, tocando as quinquilharias que estavam sobre as mesas. Regina sentiu um aperto no coração ao imaginar se cada uma daquelas pequenas peças tivesse sido presente de Marcus. Mas ela se manteve impassível.

— O sr. Sheldon — Jocelyn falou sem fitar Regina — é um bom atirador?

— Ele foi militar durante dez anos.

— Isso não responde à minha pergunta. — Jocelyn virou-se, com o olhar brilhante de raiva. — Ele é um bom atirador?

— Acredito que, pelas histórias contadas por meu pai a respeito das expedições de caça feitas fora de Argel, que Benjamin é melhor do que a maioria. — Regina ficou em pé. — A senhora falará com Marcus a esse respeito?

— Como um favor para milady?

Regina engoliu em seco. Não desejava, de forma nenhuma, ficar em débito com aquela mulher, mas sabia que não havia escolha. Soubera disso antes de vir à casa de Jocelyn.

— Sim — ela sussurrou.

— Meus favores não são baratos. — Jocelyn sorriu com malícia.

— Era o que eu suspeitava.

— Está bem, convencerei seu marido a desistir do duelo. — Ela passou os dedos nos cachos exuberantes. — Então, lady Daniston, a senhora terá de me pagar.

— Só se convencê-lo a renunciar a esse combate.

— Poderei persuadi-lo. — Outra vez o sorriso foi malicioso. — Não será difícil.

Beatty levantou-se depressa e agarrou no braço de Regina.

— Vamos embora daqui, para longe dessa mulher demoníaca — a criada falou em voz baixa. — Não concorde com o que ela lhe pedir. Milady poderá convencer seu marido a recuperar o bom-senso.

— Eu não consigo — Regina respondeu com um suspiro e ergueu a voz. — Muito bem, sra. Simpson. Se puder convencer Marcus a desistir do duelo, pode pedir o que quiser.

Regina fez sinal para Beatty segui-la pelo corredor sombreado e saiu da sala. Nada mais havia para ser dito. Ela vendera a alma ao diabo em troca da vida de Marcus e, no momento, a barganha lhe parecia justa.

Odiou as lágrimas quentes que lhe afloraram aos olhos. Não choraria. Não ali. Não no momento Jocelyn deveria estar exultante por seu controle sobre o marido de Regina. Abaixou a cabeça e apressou-se até a escada.

Beatty sufocou um grito quando Regina deu uma trombada em uma silhueta masculina. Regina equilibrou-se, levantou a cabeça e olhou para o marido.

A surpresa dele transformou-se em uma carranca.

— O que você está fazendo aqui?

Regina não chegou a responder.

— Ela veio pedir para eu falar com você a respeito desse duelo inútil que está programado para amanhã — Jocelyn explicou com voz melosa, da sala de estar.

Marcus olhou para a esposa e para a amante.

— Jocelyn, falarei com você mais tarde — ele disse com severidade. — Agora levarei minha esposa para casa, *onde ela deveria estar*.

Regina escutou o gorjeio alegre de Jocelyn e endireitou os ombros. Não se submeteria às ordens dele como um cãozinho medroso, sendo que ele

estava arriscando a vida por um motivo fútil, mas também não provocaria uma discussão diante daquela vadia. Se tivesse um mínimo de sensatez, deixaria Marcus sofrer as consequências. Porém seu coração era um insensato.

Beatty entrou apressada no quarto de Regina, assim que percebeu uma lamparina acesa. Com expressão assustada, a serviçal pegou o vestido simples que sua ama lhe pedira e, em silêncio, ajudou Regina a se vestir.

Mas ela se descontrolou enquanto Regina amarrava as fitas do chapéu branco de pala.

— Milady não pode sair! Lorde Daniston disse...

— Você acha mesmo que eu daria ouvidos a uma ordem tão ridícula?

— Mas ele é seu marido.

— Por isso mesmo. — Regina calçou as luvas. — Tenho de fazer a última tentativa para salvá-lo.

Ela engoliu em seco ao ouvir o ruído dos cascos de cavalo na frente da casa. Correu até a janela, abriu a cortina e viu Marcus montando em seu animal em um nevoeiro tão forte que diminuía a luminosidade dos lampiões da rua. Com o coração batendo forte, ela correu até a porta.

— Milady não pode ir sozinha — Beatty falou atrás de Regina. — Irei com milady.

— Não há necessidade de se meter em problemas. — Ela sorriu com relutância. — Você estava lá quando lorde Daniston deu a ordem. Levarei Timmy comigo. Ele não foi testemunha daquele discurso sem sentido.

— Timmy? — Beatty disse com desaprovação. — Ele não terá a esperteza de protegê-la quando for necessário. Milady precisa de alguém com mais juízo.

— Ora bolas, Beatty! Não pretendo arriscar sua posição nesta casa.

— Milady, eu imploro para que recue em sua decisão.

Regina suspirou. A última coisa que ela desejava era discutir com a criada naquele momento.

— Está bem, mas, por favor, não me peça para eu ficar. Tenho de ir até lá.

— Pois não, milady.

Ao ouvir o tom pesaroso de Beatty, Regina sentiu remorsos, mas nada disse. Desculpas fariam com que a jovem retomasse o tagarelar a respeito de ter bom-senso e obedecer às ordens de Marcus.

Isso ela não poderia fazer.

O parque estava vazio, quando os pássaros começaram a se agitar com as primeiras luzes do amanhecer. O cavalo levantava flocos de terra que desprendiam cheiro de umidade enquanto Regina conduzia a carruagem em direção a Serpentine. Esperava não encontrar ninguém. Não estava com vontade de sorrir para os amigos de Marcus que viriam aplaudir a insanidade dele.

Na penumbra as moitas e as árvores tinham uma aparência macabra. Segurou as rédeas com força. Tentou enxergar através do nevoeiro, mas pouco se podia ver além do focinho dos cavalos.

— Não os vejo, milady — Beatty disse. — Tem certeza de que o encontro foi marcado aqui?

— Marcus disse que o duelo seria ao lado de Serpentine.

A criada estremeceu e agasalhou-se melhor com o xale de tricô.

— Milady, o Serpentine se estende por todo o comprimento do parque.

— Nós já percorremos quase todo seu trajeto e não vimos ninguém.

— É possível que tenham recuperado o juízo e decidido não se matar antes do café da manhã. Vamos voltar.

Regina olhou para o leste. Os primeiros tons rosados começavam a aparecer. Arrepiou-se ao lembrar que a cor era a mesma do penhoar de Jocelyn. Talvez ela o houvesse convencido a desistir e ele fora para a cama dela em vez de vir ao parque.

Você é mesmo uma tola!, recriminou-se. Antes de sair, deveria ter procurado as pistolas no quarto de Marcus. No entanto, aquele não seria um item de significância. Ele já enfrentara um duelo antes, um indicativo de que devia ter outro par de armas.

— Como ele pode ser tão insensato? — Regina sussurrou.

Beatty bateu-lhe carinhosamente na mão.

— Milady, suas chances de encontrá-lo são muito pequenas. Por que não voltamos para casa? Ali milady poderá esperar por ele.

— E se ele não voltar?

— Aposto que voltará, mas agora a senhora é quem deve demonstrar bom-senso. Se...

— Veja! — Regina gritou. — Tem alguém ali! — Ela chicoteou o traseiro do cavalo.

A carruagem parou perto de um homem de baixa estatura que caminhava pela alameda. As roupas eram desgastadas, mas o caminhar era elegante quando ergueu um cachimbo para cumprimentá-la.

— Por acaso o senhor viu alguns cavalheiros que pareciam prontos para duelar? Regina perguntou.

— Por aqui, não. Ali... — ele mostrou com a ponta mastigada do cachimbo — ...havia cavalheiros prontos para a matança. — Franziu a testa. — Ou talvez seja à esquerda. — Algumas vezes eles mudam de local quando lutam por uma mulher.

Regina gostaria de não corar, mas sentiu o calor subir ao rosto.

— Obrigada, senhor, por sua ajuda.

— Este não é um lugar adequado para uma dama. Fique longe daqueles tolos bem agasalhados que vieram para cá depois de uma noite regada a conhaque.

Regina anuiu e o homem continuou seu caminho.

— Beatty, você olha para a esquerda e eu verificarei além daquele bosque.

— Se milady se aproximar demais, pode ficar na linha de tiro e ser morta.

— Tomarei cuidado. — Regina desceu da carruagem e amarrou as rédeas em um arbusto. — Você deve fazer o mesmo.

Regina não deu à criada tempo para discutir. Correu pela grama úmida, rodeou a moita e entrou no bosque. Não chamou o marido. Se ele estivesse em meio ao duelo, não deveria tirar-lhe a concentração.

Viu uma cabeça loira iluminada pelos primeiros raios de sol e adiantou-se.

— Benjamin! Felizmente cheguei aqui antes de Marcus.

Ele se virou e sorriu.

— Eu esperava que o fizesse, Regina.

— O que?... — Ela engoliu em seco quando seus braços foram agarrados por trás e uma mão cobriu-lhe a boca antes que pudesse gritar.

A lembrança do medo tornou-se real. Tentou livrar-se de seu captor desconhecido. Benjamin caminhou em sua direção, sorrindo. Não acreditou quando o escutou rir. Se aquela fora uma ideia odiosa dele, ela o ensinaria a...

Ele tirou algo do cinto. Ela não se moveu quando ele segurou uma *kumya* perto de seu peito. A faca curva de cobre brilhava ao sol, mas ela olhava fixo para Benjamin.

— Você não gritará, não é, Regina? — ele falou com naturalidade. — Não me agradaria feri-la com esta faca. Pretende gritar?

Ela sacudiu a cabeça. Ele fez um sinal e a mão suada soltou-lhe a boca. As mãos que a seguravam apertaram-na com mais força, quando ela se virou para olhar os três de homens que saíam das sombras. Um deles sorriu. Era o homem que haviam encontrado no riacho próximo à cabana. Por que fora tão teimosa e se afastara de Beatty? Mais do que qualquer outra pessoa, conhecera o perigo que a aguardava nas mãos dos seguidores do Dei.

Voltou o olhar para o homem loiro que sempre considerara como amigo. Aquilo não fazia sentido.

— Benjamin, o que você está fazendo com esses homens?

— Garantindo a meu novo empregador a certeza do sucesso, enquanto ele negocia com o governo britânico.

— Você trabalha para o Dei? — Regina não acreditou nas próprias palavras.

Benjamin ergueu a faca curva e apontou-a no queixo de Regina.

— Sim, minha querida e agora, você também o fará.

Capítulo XVIII

Marcus entrou no pequeno quarto vazio do andar de cima do clube, carregando um cálice e uma garrafa de vinho aberta. Fechou a porta e sentou-se de costas para a mesma, a fim de não ser perturbado por ninguém nem por nada, principalmente por seus pensamentos inoportunos.

Droga! Primeiro Sheldon provara ser um covarde ao não aparecer naquela manhã para o duelo. Depois, quando fora até a casa de Jocelyn para o confronto muito adiado, não poderia suspeitar que Jocelyn houvesse saído tão cedo. Ou ela ainda não voltara de algum encontro ilícito? Ele se divertira ao imaginar que ela entraria no hall após uma noite com o novo amante e o encontraria ali. Acabou se aborrecendo quando o mordomo pediu-lhe friamente para deixar um cartão de visitas, como se ele fosse um visitante qualquer. Ele era quem deveria escolher a hora de terminar o relacionamento deles, e não Jocelyn.

Nada dera certo. Levantou o cálice em direção da janela. O sol brilhou através do cristal e do vinho vermelho. Tomou um grande gole e apertou a mão no braço da poltrona.

Por Deus, o vinho deveria trazer o esquecimento e a supressão das preocupações. E apesar de ser muito cedo e de ele ter tomado vinho em quantidade suficiente, ainda não encontrara solução para seus problemas.

Ele seria o último a rotular a si mesmo de palerma, mas fora levado a acreditar que poderia ter tudo o que desejasse. Seria uma situação provável, se Regina fosse menos encantadora e menos sedutora em seus braços. Agora temia pelo pior. Na verdade, estava se apaixonando pela esposa.

Não deveria permitir que tal coisa acontecesse. Logo sua vida se tornaria trivial como a de um nobre palerma campesino que vinha para a capital durante a temporada, acompanhado pela esposa e por um bando de crianças travessas. Tal como o tedioso pai, que podia passar um dia inteiro debruçado sobre o jornal e as longas cartas que recebia dos amigos da Câmara dos Lordes. Nenhuma excitação, nenhuma expectativa, apenas um dia após o outro exatamente igual ao anterior e ao próximo.

Sentia falta do tempo que passara na cabana com Regina. Haviam trabalhado para manter uma vida simples e se deleitado com um amor que

os dominara. Como poderia imaginar que sua virginal esposa o satisfizesse mais do que a longa prática de Jocelyn? Como supor que seus desejos seriam todos para Regina? Não o excitava mais pensar nos beijos e carinhos de Jocelyn.

Apertou o cálice. Ora, não se deitara com Regina desde o retorno a Londres e ansiava por aquele êxtase. Esvaziou o cálice e deixou-o sobre a mesa. Levantou-se. A promessa idiota que fizera para sua avó terminaria logo que ele voltasse a Berkeley Square, tomasse a esposa nos braços e a levasse para a cama. Ele a manteria lá até que ambos estivessem saciados.

A porta foi aberta e Marcus se virou.

— Beatty!

Ela apertou a frente do xale e cambaleou na direção dele, esquivando-se das mãos do criado que pretendia impedi-la de entrar.

— Milorde!

Marcus fez sinal para o homem se retirar. Levou-a pelo cotovelo até a poltrona onde ele estivera sentado.

— Regina mandou com você uma mensagem urgente?

Enrijeceu-se diante do que imaginou que escutaria. Regina, suspeitando ou tendo descoberto que ele fora visitar Jocelyn, sem saber que seria para uma conversa rápida de despedida, poderia não desejar mais sofrer em silêncio. Tal escândalo faria o prazer da elite que procurava uma excitação para o final da temporada, mas poderia destruir tudo com o que ele sonhava.

Beatty sacudiu a cabeça e Marcus notou que ela estava muito pálida. Serviu vinho no próprio copo e ofereceu-o a ela. Como Beatty tremia muito, ele levou o cálice aos lábios da moça.

Fez sinal para o criado afastar os curiosos da entrada. Já haveria comentários suficientes do jeito que estava. Não precisava dar mais munição aos abelhudos que sondariam a verdade do rapaz antes de atirar uma saraivada de boatos contra sua família.

— O que houve, Beatty? — a preocupação superpôs-se à raiva.

— Milady... — Ela pressionou a mão na cabeça. — Oh, milorde, acho que vou desmaiar!

— Contenha-se, Beatty — ele falou severamente. — Você não vai desmaiar. Por que Regina a mandou para cá?

— Milady não me mandou. — Os olhos dela estavam encovados de medo.

— Então o que...?

— Ela se foi, milorde.

— Foi? Quer dizer que ela fugiu? — Marcus não queria dizer isso, mas vira o desespero de Regina.

Talvez ela tivesse resolvido que a melhor maneira de lutar contra a infelicidade dela... ou *deles* seria voltar à cabana da duquesa em Attleby Court. Seria aquele o preço a pagar por não escutar o próprio coração? Ele era mesmo um rematado idiota!

— Ela sumiu! Do parque! Lorde Daniston, acho que ela foi raptada!

— O quê? — Marcus gostaria de haver entendido mal.

— Nem sinal dela, milorde, a não ser isso que achei na nossa carruagem.

— Ela estendeu um objeto entalhado. — Nunca vi nada parecido.

Marcus resmungou uma imprecisão ao segurar o chifre com pólvora que era decorado com filigrama de prata. Era quase idêntico ao *guern el barud* que havia caído quando haviam visto o agente do Dei perto de Attleby Court. Os seguidores do Dei podiam ter falhado daquela vez, mas no momento parecia terem sido bem-sucedidos.

— Há quanto tempo aconteceu isso?

— Talvez há uma hora ou duas. — Beatty espiou o relógio sobre o consolo da lareira. — Antes do amanhecer. Procurei por ela no parque sem resultado.

Antes do amanhecer! Passava do meio-dia. Tempo suficiente para os facínoras estarem em qualquer buraco de Londres ou até mais longe. Ele abriu a boca para criticar Beatty por não ter vindo imediatamente falar com ele. Então se lembrou que Beatty poderia não ter ideia do que representava o chifre de pólvora.

Mas ele sabia. Fora deixada uma mensagem para a família de Regina sobre o que acontecera com ela. Uma mensagem ou um aviso? Marcus pôs a mão sob o braço dela e levantou-a.

— O que faremos, milorde? — ela sussurrou.

— Vamos encontrá-la.

— Mas como?

Marcus levou-a para fora do quarto, desejando ter uma resposta.

A duquesa estava sentada em sua poltrona favorita e enxugava os olhos com um lenço de renda. A seu lado, um criado segurava um frasco de sais voláteis para o caso de ela desmaiar.

— Meu rapaz, seu pai mandou chamar os Bow Street — ela murmurou.

— Isso vai demorar muito.

— Marcus, é preciso ter paciência. Os Bow Street a encontrarão.

Marcus sorriu com amargura ao encarar Fisher que estava entre o duque de Attleby e Elayne Morrissey.

— Eu diria que eles não fariam um serviço tão eficiente. Nem esse aí, nem Pennant.

Fisher arqueou uma sobrancelha.

— Meus cumprimentos, milorde. Não achei que conseguisse enxergar através de meu disfarce.

— Disfarce? — Elayne perguntou.

— Explique a ela mais tarde — Marcus foi brusco. — Se meu pai o contratou, Fisher, para cuidar de Regina, por que está aqui em vez de ajudar os policiais a encontrá-la? O mínimo que o senhor poderia fazer seria verificar a casa de Sheldon.

— Você acha que Sheldon está envolvido nisso? — O duque de Attleby ignorou o suspiro de desalento da mãe

— Quem é Sheldon? — Elayne perguntou.

— Shh, minha querida — a duquesa criticou-a. — Quanto menos você souber das coisas, melhor para você. Confie em mim, isso deu certo comigo durante minha vida toda. — Ela acenou para o criado. — Talvez você devesse fazer um chá calmante. Elayne não parece muito bem.

Marcus fez uma careta ao responder para o duque.

— Está envolvido, papai, e me fez de tolo ontem ao beijar Regina no momento em que teve certeza de que eu veria a cena.

— Regina beijou outro homem? — Elayne começou a chorar. — Ela não faria isso! É um absurdo milorde dizer uma coisa dessas! Ainda mais que ela pode estar ferida ou... — Sua expressão estampou o horror que sentia.

Marcus segurou-a pelo braço e a levantou.

— Vovó, a senhora e Gardner poderiam levar a srta. Morrissey ao quarto dela?

A duquesa abraçou a outra pelos ombros.

— Venha comigo, querida. Não há motivo para que esse pequeno obstáculo altere nossos planos para o casamento. Ora, justamente pouco antes de Marcus entrar, tive a maior ideia. O que você acha de...?

Marcus fechou a porta e compartilhou do alívio dos outros homens.

— Como eu estava dizendo, Sheldon deixou-me com raiva e eu o desafiei para um duelo esta manhã.

— E Regina estava determinada a impedir isso — o duque comentou.

— A ponto de pedir a ajuda de Jocelyn. — Marcus suspirou. — Creio que me excedi em não atendê-la, porque Regina não deveria sofrer com os sarcasmos de Jocelyn. Não duvido que Regina tenha suposto que minha fúria fosse dirigida a ela, quando era exatamente o contrário.

O duque sentou-se e sacudiu a cabeça.

— Filho, eu venho lhe avisando sobre as consequências do temperamento dos Whyte.

— Ainda assim, Regina tentou impedir esse maldito duelo.

— Ela o ama.

Marcus fitou o pai, surpreso por sua perspicácia, mas não respondeu, pois foi interrompido por Fisher.

— Não há sentido em discutir o que ficou para trás. Devemos ter certeza de que vamos impedir o que ainda pode acontecer. — Fisher fez uma mesura com a cabeça para o duque. — Com sua permissão, Alteza, entrarei em contato com meus homens para inspecionar a casa de Sheldon. Talvez possamos encontrar um indício da localização de lady Daniston.

— Nesse meio tempo, poderei entrar em contato com Liverpool e pedir a ajuda do governo — o duque afirmou. — Robert me deve alguns favores.

Marcus olhou o pai sob nova perspectiva. Talvez o duque de Attleby não fosse o tolo senil que parecia ser.

— Como poderei ajudar? — ele perguntou.

— De nenhum modo — Fisher retrucou, seco.

— Isso é inaceitável. Deve haver algo que eu possa fazer.

— Fique aqui, milorde. — A expressão jovial de Fisher se desfez. — Os raptos dela podem querer entrar em contato com o senhor. Ainda não temos provas de que esse complô ultrapassou os limites de Londres. Se o raptor dela quiser um resgate, entrará em contato direto com milorde.

Marcus anuiu, odiando a impotência de não poder agir para salvar a esposa. Seguiu Fisher para fora do recinto e observou, da escada, a saída do

Bow Street Runner.

Droga! Ele não confiava naqueles homens. O primeiro fora tão ostentoso no parque que a duquesa o despedira. Depois Fisher usara a desculpa de ser um amigo de Elayne para entrar na casa. Marcus perguntou-se havia quanto tempo o sr. Morrissey vinha pagando aos Bow Street para proteger a filha.

Nada disso ajudava. Regina sumira... porque ele caíra na armadilha de Sheldon. Tarde demais. Regina estava certa. Ele permitira que o orgulho o traísse.

E ela desaparecera.

Escutou a voz de sua avó no pavimento superior. Desceu correndo a escada, pois não queria encontrá-la e pediu para prepararem seu cavalo. Ora essa! Ele não deixaria o empavonado Fisher alertar Sheldon que os Whyte desconfiavam do envolvimento dele nesse rapto.

Em uma busca rápida no quarto de Regina, encontrou o cartão de Sheldon com o endereço. Ficava a poucas quadras adiante. Ótimo! Poderia defrontar-se com a raposa matreira em sua própria toca e depois trazer Regina de volta para conversarem.

Marcus gostaria de saber o que havia bebido para causar tanta dor de cabeça. Ou o quanto bebera. Decerto estava embriagado ou sua cabeça não latejaria como se uma centena de ferreiros estivessem batendo nela.

Irritado, pensou que tinha inúmeros motivos para beber. Nenhum homem tinha tantos problemas como ele. Se ao menos a mulher com quem se casara por procuração tivesse sido a esposa que ele esperava que fosse, as coisas seriam perfeitas. Ele teria Jocelyn e Regina. Sua adorada amante e a mãe de seus filhos. Teria sido maravilhoso se pudesse ter convencido Regina a cooperar.

Regina... Regina... O nome se repetia em sua cabeça no mesmo ritmo do pulsar da dor. Precisava encontrar Regina. Ela precisava dele. Ele precisava dela. Ela o amava. Ele...

Abriu os olhos e viu a silhueta que reconheceria em qualquer lugar.

— Regina? — ele sussurrou, sem dizer mais nada para não piorar o sofrimento na cabeça.

— Shh — ela disse com suavidade. — Não tenha pressa em acordar. Eles devem ter-lhe batido com força para você estar desmaiado há tanto

tempo.

Batido? Sobre o que ela estava falando?

A resposta veio em sua mente com outro latejar violento. Regina fora raptada. Ele devia ter sido atacado pelos mesmos homens. Mal conseguia raciocinar depois de ter sido atingido, mas sabia que ambos tinham a sorte de estarem vivos. Sem querer pensar em como a situação poderia mudar, tentou a posição sentada.

Foi necessária maior energia do que imaginara e quase superior a que possuía. Fez sinal para Regina se afastar. Não queria que ela visse seu estado deplorável. O pouco de orgulho que lhe restava exigia que mantivesse a fraqueza em segredo.

Olhou ao redor do quarto. As paredes eram lisas e não havia janelas. A única porta estava fechada. Suspeitou que estivesse trancada, o que nem seria necessário, pois havia três homens sentados diante da mesma. Conseguiu notar, assim que a mente clareou, que nenhum deles era Sheldon.

Regina entregou-lhe uma xícara. Pensou que fosse vinho, mas ficou agradecido quando sentiu água nos lábios ressecados.

— Há quanto tempo estou sem sentidos?

— Eles o trouxeram para cá há menos de meia hora. — A simpatia escureceu os olhos verdes de Regina. — Como está se sentindo?

— Eu estaria bem melhor se pudesse resolver essa confusão toda.

— Concordo.

— Mais uma concordância. Um dia histórico para nós, Regina. — Ele se inclinou para ela e estacou ao ouvir o som de metal. Seu pé esquerdo estava acorrentado. — Que encantador — murmurou ao vê-la apontar a outra algema no calcanhar dela.

— Eu estava amarrada na mesa quando você chegou — ela explicou antes de ele perguntar. — Presumo que eles acreditam que não poderemos arquitetar uma maneira de fugir juntos.

— Eles devem supor que meu cérebro ficou confuso depois das pancadas.

— O que você estava fazendo aqui? — Regina perguntou em um fio de voz.

— Tentando resgatá-la.

— Resgatar a mim? Como você pôde ser tão tolo? Você cavalgou direto para as garras deles?

Marcus se surpreendeu por poder sorrir.

— Para falar a verdade, eu não queria esperar pelo Fisher.

— O sr. Fisher?

— Ele é um Bow Street Runner. Desconfio de que seu pai o contratou quando a situação começou a se complicar em Argel.

— Então você deveria ter feito o que ele mandou.

Ele cruzou as mãos na altura do peito e a encarou com raiva.

— Sua gratidão é extraordinária.

— Fiquei surpresa por você ter vindo atrás de mim — ela murmurou.

— Eu não tinha desejo de vê-la raptada por eles. — Carrancudo, Marcus tornou a olhar os três homens sentados num tapete junto à porta. — Ora, essa, Regina! Eu não queria me livrar de você.

— Eu o impedi de se casar com Jocelyn.

— Casar-me com Jocelyn? — Ele deu uma risada e fez uma careta por causa da dor de cabeça. — Ela não tem o menor interesse em se casar comigo. Irônico, não é? Marcus Whyte, herdeiro do duque de Attleby, que tem sido o foco de interesse de todas as matronas que desejam casar suas filhas, está envolvido com duas mulheres que desprezam a ideia de casar-se com ele.

Regina olhou para as mãos que dedilhavam a corrente que os prendia.

— Eu não desprezo a noção de casamento com você.

— Mas você preferia não ter se casado.

— Não sou a mulher que você desejava.

— É verdade.

Os olhos de Regina marejaram lágrimas com a resposta direta. Era bem diferente das afirmações de amor que ele sussurrava quando, na cama, a segurava nos braços. Que idiota fora em acreditar nessas bobagens! Rapidamente disse a si mesma que não precisava se preocupar com o casamento, se eles não encontrassem uma maneira de livrar-se daquela situação.

Também não precisava mais se preocupar com um débito em favor de Jocelyn Simpson. A amante de Marcus nada fizera para ajudar a salvá-lo. O que lhe deu forças para refletir sobre um plano para libertá-los. Talvez houvesse uma chance de escaparem dali e ainda do matrimônio.

— E também é verdade — Marcus continuou — que Fisher e seus colegas estão procurando por você. Estamos na casa de Sheldon?

— Em uma pequena construção dos fundos. — Regina estremeceu. — Não acredito que somos os primeiros a usufruir de sua hospitalidade, nem que seremos os últimos. Como você soube que deveria vir para cá?

Marcus tocou na parte de trás da cabeça e estremeceu.

— Sheldon foi a escolha óbvia, quando sumiu ao mesmo tempo em que você foi raptada.

— Admito que não suspeitei de Benjamin, pois ele escreveu a meu pai a respeito de suas preocupações comigo.

— O que persuadiu seu pai a tomar as providências para você sair de Argel. Dessa maneira, Sheldon pôde assumir um controle diabólico sobre Regina Morrissey Whyte. — Marcus franziu a testa e blasfemou. — Quem poderia supor que Sheldon fosse o responsável por nosso casamento? — Ele fechou as mãos em punhos. — Onde está o infeliz? Agora ele me deve muito mais.

Regina desviou o olhar, sem querer que ele visse sua desesperança. Será que ela deixaria de vez de ter sonhos tolos em que Marcus a amaria como ela o amava? Naquela altura, ele também poderia culpar Benjamin por conspurcar sua vida com complicações demasiadas.

— Seja corajosa, doçura — Marcus disse e afastou-lhe os cabelos do rosto. — Se estamos perto da casa de Sheldon, Fisher acabará por nos encontrar.

Regina agarrou-lhe o braço quando as vozes dos três homens chegaram até eles.

— Talvez ele não chegue a tempo.

— Por quê?

— Eles não precisam de dois reféns — ela sussurrou. — Finja que caiu e fique deitado, como se houvesse perdido a consciência de novo.

— Por quê?

— Por favor. Acho que tive uma ideia que pode dar certo.

— E qual é? — Marcus franziu a testa.

Regina pôs as mãos nos ombros dele.

— Marcus, você tem de confiar em mim. Conheço os argelinos. Deixe-me agir à minha maneira.

Marcus hesitou e ela soube o que marido esperava, como se ele tivesse falado. Ele ficava mortificado de depender da esposa, mesmo nessa situação perigosa. Sua esposa deveria ser uma boa anfitriã, uma mãe eficaz e uma amante receptiva. Ela não deveria querer negociar com os raptos.

— Por favor, Marcus.

Ele anuiu. Regina mordeu o lábio quando Marcus caiu para trás com bastante barulho para soar de maneira convincente.

O homem alto, que falara com eles no regato, ficou em pé e aproximou-se. Ele usava a roupa folgada dos argelinos, mas ainda assim parecia tão pouco à vontade quanto em vestimentas inglesas que usara ao atravessar o córrego em Attleby Court. Abaixou-se para pegar a corrente que prendia o pé de Regina.

— Você vai nos separar, Abdullah? — ela perguntou em árabe.

— Já falamos sobre isso antes. Não é certo uma mulher presenciar a morte do marido, quando ela é inocente.

Regina puxou a perna para baixo do corpo e sacudiu a cabeça.

— Primeiro terá de me dizer por que meu marido deve morrer. Ele não é seu inimigo.

— Logo todos os ingleses serão nossos inimigos. — Ele se agachou para poder fitá-la nos olhos.

Regina negou com um gesto de cabeça.

— O governo inglês e o do Dei são aliados. Quando o senhor me levar de volta para Argel, o Dei e o Regente na certa terão assinado outro tratado.

— Não cederemos mais nenhum privilégio para os ingleses.

Regina arriscou uma espiada para Marcus que representava bem o seu papel. Pela primeira vez, o marido confiava nela. Ele reconhecia, pelo menos no momento, que precisava de uma esposa com esses talentos. Ela esperava que pudessem pôr à prova a parceria nessa situação perigosa.

— Abdullah — ela disse em voz baixa —, o senhor sabe que estou sendo sincera.

— A embaixada inglesa deveria negociar com essa mesma honestidade, se temessem por sua vida.

— Isso não é verdade. Meu pai, como o senhor, acha que a honra é mais importante do que tudo. — Regina hesitou antes de continuar. Tinha muito pouco a perder. — O senhor trairia aqueles a quem jurou lealdade,

simplesmente para proteger uma pessoa amada? A lealdade não pede sacrifícios?

— Acho que milady não deveria falar mais nada.

— Por quê? — ela pressionou, sentindo a crescente incerteza dele. — Por que o senhor não pode responder àquela pergunta? Não é tão difícil. A lealdade exige sacrifícios, não é?

— Essa conversa é uma perda de tempo. Sente-se e fique quieta ou terei de cortar a garganta de seu marido. — Ele tirou a faca curva do cinturão.

Regina se recostou na parede.

— Por que o senhor tem receio de falar a verdade? A verdade nunca é uma inimiga, pois ela ilumina a mente como o sol do amanhecer sobre o oceano. Algo o impede de falar a verdade?

— Regina... — era um murmúrio quase inaudível.

Ela apertou com ternura o braço de Marcus, enquanto continuava a olhar para Abdullah. Marcus teria de permanecer em silêncio. Uma palavra errada poderia significar sua morte.

— A verdade não me amedronta — Abdullah respondeu.

— Então por que jura lealdade a um homem que já provou não manter um juramento sagrado?

— Eu cuspiria em tal pessoa.

— É mesmo? Benjamin Sheldon traiu o governo dele.

Abdullah sorriu.

— Ele viu a verdade. Como uma criança, ele tem cometido erros, mas agora entendeu. Não se pode punir uma criança por seus enganos.

— O senhor puniria uma mulher por ter errado?

— Do que milady está falando?

Regina deu um suspiro profundo.

— Adultério é um crime sério.

— O pior deles. Milady sabe que uma mulher adúltera pode ser enfiada em um saco com uma pedra pesada, antes de ser atirada ao mar.

— Então o senhor deveria ser prevenido que é o que acontecerá comigo no momento em que eu pisar em Argel.

Ele esbugalhou os olhos.

— Milady é uma dama inglesa. Seu marido não permitiria...

— O senhor só precisa perguntar a Benjamin Sheldon como ele convenceu meu marido a desafiá-lo para um duelo. É melhor perguntar

antes que perca a oportunidade de negociar. — Ela entrelaçou as mãos no colo. — O senhor pode desejar que meu marido viva.

Abdullah deu um pulo e voltou até seus companheiros. Regina tornou a recostar-se na parede. Suas palavras na certa a levariam à morte. Assustou-se quando sentiu uma mão na sua e sorriu tristemente para Marcus.

— O que você prometeu a ele? — ele murmurou.

— Algo que pode pôr um fim nisso.

— Como?

— Não pergunte.

— Diga!

— Por favor, Marcus, essa é a única coisa que posso fazer por você. Fique em silêncio e permita que eu salve sua vida.

— *Minha* vida? Não as *nossas* vidas?

— Marcus, por favor...

Ele sentou-se e segurou-lhe o braço.

— Não permitirei que sacrifique a vida por minha causa!

— Marcus, eu...

Ele ficou em pé e começou a gritar.

— Não sei o que ela lhes disse, mas nada disso é verdade!

— Marcus — ela gritou — Pare antes que eles o matem!

Ele a ignorou.

— É esse seu modo de agir? Matar uma mulher inocente? Não é para se admirar que os ingleses tenham sido capazes de enfiar todos os tratados em suas gargantas covardes. Os senhores receiam lutar contra um simples inglês.

Regina olhou os três homens e depois o marido. A expressão dos companheiros de Abdullah transmitia puro ódio quando ele traduziu as palavras de Marcus. Ela gritou para que não o escutassem, que ele estava desequilibrado por causa dos golpes na cabeça. Não adiantou. Abdullah tirou novamente a faca do cinto.

De repente a porta foi arrombada. Uma porção de homens entrou no recinto. Regina sufocou um grito quando Marcus a pressionou contra a parede. Um tiro ecoou em meio à cacofonia de vozes que gritavam nos dois idiomas. Terra e madeira caíram sobre ela.

— Milady não está ferida?

Em estado de choque, Regina olhou para Fisher. Ele estendeu a mão para ela, quando Marcus se levantou. Com um sorriso, ela preferiu a mão do marido. O membro dos Bow Street Runner sorriu antes de voltar aos argelinos.

— Bem, você não está ferida? — foi a vez de Marcus perguntar.

Regina não conseguiu responder. Atirou os braços no pescoço de Marcus e agarrou-se nele, soluçando.

Capítulo XIX

— Perdoe-me — Regina pediu. — Não choro há muitos anos.

Marcus sorriu, sabendo que sua própria aparência era um tanto dissoluta por causa da atadura branca em contraste com os cabelos negros.

— Doçura, você já disse isso uma porção de vezes. — Ele elevou o tom de voz. — Andrews, traga outro lenço para lady Daniston.

— Você deveria ficar quieto — ela o repreendeu entre soluços. Com a mão no peito do marido, empurrou-o com gentileza de volta para o sofá que estava no meio da sala de estar. — O ferimento em sua cabeça não é nada pequeno.

— Esta é que é uma mulher de qualidade! — O duque bateu carinhosamente no ombro de Marcus. — A melhor coisa que você fez, filho, foi aceitar se casar com ela.

Marcus espantou-se. Ele não podia se lembrar da última vez em que fora cumprimentado por seu pai, mesmo que de modo casual.

— Obrigado, sir.

— Sei que você não aprovou minha escolha bastante repentina, mas depois do que Morrissey escreveu a respeito de sua filha, tive certeza de que ela seria a esposa perfeita para você.

— Perfeita — a duquesa repetiu. Ela não suportava ficar de fora de qualquer conversa. — Eu não lhe disse que este seria o casamento mais maravilhoso de todos os tempos?

Marcus desligou-se das vozes que o rodeavam e observou Regina ir até a porta para pegar a refeição que a cozinheira preparara para ele.

Ah, na certa deve ser sopa rala e pão seco, ele refletiu com amargura. Seus captores o teriam alimentado melhor... antes de matá-lo.

Porém Regina se empenhara em salvá-lo. Foi o que Fisher lhe dissera antes dos argelinos serem presos. Nem sabia como se sentir a respeito do sacrifício que Regina pretendia fazer. Embora se irritasse por ela haver assumido o controle da situação, alegrava-o pensar que ela quisera entregar-se por causa dele. Se ao menos ela pudesse ser uma esposa convencional...

Você poderia estar morto, sua consciência lembrou-o. Ele tentou ignorar a realidade. Não queria admitir que errara em seu julgamento.

— ...deportado — seu pai dizia, quando sua atenção se voltou para a conversa. — Liverpool mandou uma mensagem.

— E Benjamin? — Regina quis saber, enquanto deixava bandeja perto do marido.

— Isso será um pouco mais complicado. Creio que ele ficará na prisão por muitos anos, a menos que consiga uma maneira de sair do país. — O duque sorriu. — Pode-se escapar de qualquer prisão com um pouco de ingenuidade e muita esperteza. Sheldon tem as duas qualidades.

— Fico feliz em escutar isso — Marcus replicou, irônico.

Ora, sua esposa não deveria preocupar-se com o futuro de um homem que tentara matá-los.

— Coma — Regina disse, com um sorriso.

— Só comerei quando estiver com fome!

— Marcus! — a avó repreendeu-o. — Essa não é maneira de falar com sua esposa, ainda mais que ela ajudou a salvar sua vida.

— Não o repreenda, Alteza — Regina pediu. — Ele deve estar se sentindo descompensado pelo que aconteceu hoje. Talvez fosse melhor deixá-lo aos cuidados de Andrews.

O duque levantou-se e abraçou a nora pelos ombros.

— Você é uma jovem muito compreensiva, mas seria bom que fosse descansar. Você também teve um dia bastante agitado. — Ele apontou a porta. — Mamãe?

A duquesa ficou em pé, beijou o neto com muito amor e ignorou a careta de desconforto.

— Será que Elayne já se recuperou dos desmaios? Quero falar com ela a respeito dos arranjos de mesa para o desjejum do casamento.

— Regina?

Ela se voltou para Marcus. Uma palidez não usual tomara conta das feições sempre saudáveis do marido.

— Você deve descansar — ela recomendou.

— Antes quero ficar um momento a seu lado.

Regina fitou o duque e ele anuiu. Ela desejou uma boa noite ao sogro e voltou a sentar-se perto do marido que fez sinal para Andrews se retirar.

— Regina, temos muito para conversar — ele murmurou.

— A maioria dos assuntos pode esperar até que você esteja recuperado do golpe na cabeça.

— Porcaria de cabeça! — Ele se levantou com brusquidão do sofá. — Quero falar com você.

— Marcus, você está diferente.

— Pois é assim mesmo que eu sou.

Ela concordou em silêncio, com os olhos lacrimejantes. Ele agia como o homem que ela conhecera antes, que explodia a cada palavra que ela dizia e que fazia pouco-caso de suas opiniões. Perguntou a si mesma se o marido voltaria a ser o amante gentil e cheio de consideração como fora na cabana.

— Pode ser, mas não tenho interesse em ficar sentada aqui e ser repreendida por minha burrice de ter saído atrás de você ao amanhecer — ela falou com suavidade.

— Isso *foi* uma estupidez.

— Foi mesmo? — ela se irritou. — Benjamin poderia tê-lo matado, se você houvesse chegado primeiro, e depois ter me levado com ele.

— Ele disse isso?

Por pouco Regina não riu, pelo espanto do marido.

— Marcus, diplomacia não é um jogo para quem tem coração fraco.

— Como também não é ser casado com você. — Ele segurou-lhe as mãos e levantou-a. — Por isso devemos ter um entendimento antes de repetirmos os votos perante os amigos da vovó.

Regina se afastou e sacudiu a cabeça.

— Tenho de viver minha vida da maneira que achar mais conveniente.

Marcus engoliu a imprecisão que lhe veio aos lábios. Por que ela sempre o interrompia e não o deixava terminar um simples pensamento?

— Regina, escute antes de dizer alguma coisa.

— Não! — Ela não limpou as lágrimas que afluíam em seus olhos. — Eu o tenho ouvido em silêncio há muito tempo! Marcus Aurelius Octavius Whyte, eu o amaria com satisfação, mas você não quer meu amor. Você quer uma esposa perfeitamente treinada que o deixe livre para desfrutar a mesma vida que tem levado até hoje. — Ela tocou o centro do colete dele com um dedo. — Mesmo que eu tenha lhe entregado meu coração, ainda sinto uma dor no peito só em pensar que você visita a sra. Simpson.

— Regina...

— Não! Não quero sofrer de novo! — ela tornou a gritar. Abriu a boca, fechou-a, correu para fora da sala e bateu a porta atrás de si.

Marcus tocou na cabeça e acabou dizendo uma impreciação. Era mesmo um sonhador, se pensava que poderia moldar o temperamento Regina para seu próprio conforto! Largou-se no sofá e olhou a rua pela janela. Deveria imaginar que o assunto chegaria a esse impasse. Mas, no início, não poderia supor que se sentiria tão infeliz ao admitir que... ou que perderia o amor de Regina antes de entender o quanto o desejava.

Gostaria de ter uma ideia para salvar uma pequena parte daquele casamento confuso.

Jocelyn escutou a porta da rua sendo aberta, mas não saiu da cama. Olhou-se no espelho de prata que conservava sobre a mesinha de cabeceira e sorriu, satisfeita. Os cabelos caíam em cachos negros ao redor do rosto e os cosméticos a deixavam com um aspecto bem mais jovem do que na verdade era. Ajeitou as mangas largas com grandes punhos de renda do penhoar de seda branca.

Ao escutar a voz conhecida no vestíbulo, bateu os dedos com impaciência na bandeja de cama. Marcus! Ele fora um amante fervoroso, sempre ansioso para satisfazer-lhe os desejos e ela continuava a exigir mais. Ele nunca chegava sem um presente. Relanceou os olhos por seu budoar. Chapéus, luvas, xales onde se incluía o seu favorito — xadrez de cores vivas de algodão indiano — e também jóias. Tudo presenteado por Marcus.

Mas ele já viera visitá-la duas vezes sem trazer nada. Se aquela fosse a terceira vez em que ele esquecia o quanto os presentes a agradavam, deveria reconsiderar a proposta do major Cook para tornar-se amante dele. O major tinha bolsos recheados. Com a esposa refugiada na distante Yorkshire, ele tinha muito tempo para dedicar-se à amante. Ela se exasperava por Marcus não ter mandado a bela esposa para o campo. Não apenas ele se ausentara com ela por mais de um mês, como também permitira a entrada de lady Daniston naquela casa havia duas noites. Ele precisava livrar-se de uma esposa com ideias tão incomuns.

Sorriu quando a porta se abriu e o criado acompanhou Marcus até o quarto. Ao vê-lo com as mãos nas costas, seu sorriso ficou ainda maior. Era possível que Marcus quisesse se retratar dos mal-entendidos. Ela se afeiçoara a Marcus, talvez por ele saber exatamente o que queria e, para isso, não se detinha diante dos obstáculos.

Ela levantou o rosto e ele beijou-lhe a face.

— Marcus, que prazer em vê-lo! Espero que possa ficar mais tempo do que na sua última visita.

Marcus apertou os lábios e Jocelyn escondeu o sorriso. Ela atingira o ponto desejado. Da próxima vez, ele não sairia apressado com a esposa, como se tivesse vergonha de ser visto na companhia da amante.

— Sente-se e diga-me o que está acontecendo na sociedade. — Ela bateu na cama a seu lado.

Jocelyn franziu a testa, quando ele se acomodou em uma poltrona diante dela. Não viu nenhum presente em sua mão. Estaria debaixo do casaco castanho?

— Eu esperava que *você* me contasse. — Ele cruzou um pé sobre o outro joelho. — Compreendo que se divertiu muito por aqui na minha ausência.

— Ah, não seja ciumento, Marcus! Não fica bem em você.

— Não estou com ciúme. Trata-se apenas de curiosidade.

Mais uma vez ela escondeu os próprios sentimentos. Ela *queria* que ele tivesse ciúmes. Droga de homem! Ele se tornara totalmente incapaz de seduzi-la desde que se casara.

Brindou-o com um de seus sorrisos favoritos e começou a falar sobre os mexericos da sociedade. Mas não contou a ele que fora o major Cook quem trouxera os boatos.

Jocelyn terminou a história de uma solteirona que tinha esperança de casar-se com um visconde bem-humorado e começou a segunda história.

— A sra. Reilly era certamente aquela dama...

— Chega!

— Chega?

Marcus levantou-se e caminhou no sentido da porta.

— Já tomei muito de seu tempo hoje. Vim apenas dizer-lhe que lamento, mas não virei mais aqui.

— Homem idiota — ela o censurou suavemente e sentou-se com um farfalhar de seda. — Não imaginei que você fosse tão tolo a ponto de deixar uma mulher como ela virar-lhe a cabeça com estratégias bem pouco femininos.

— Pouco feminina? Regina? — Marcus riu. — Como eu poderia pensar dessa maneira quando seus encantos alegam os meus sonhos? É muito

sedutor estar com uma mulher que me ama. — Ele parou de rir e disse para si mesmo. — Ou amava.

Jocelyn saiu da cama, suspirou e pôs a mão no braço dele.

— Se você acredita nisso, acho que ela o deixou desequilibrado mentalmente. Por tudo o que é mais sagrado, Marcus, quantas vezes você me disse que ela não tinha a menor noção de como administrar Attleby Court ou tomar conta de você?

Ele se curvou para beijar-lhe a face.

— Minha doce Jocelyn, você tem razão apenas em parte e, para ser sincero, posso afirmar que passei a me incomodar muito pouco com o fato de ela não ter o menor domínio sobre o quesito de como administrar uma propriedade. Mas ela é perfeita em seu comportamento como minha mulher e isso é mais do que suficiente para mim.

— Você a ama! — Jocelyn não conseguiu esconder a aversão.

— Imagino que sim. De outro modo eu não poderia explicar a minha visita de hoje. — Marcus sorriu e olhou ao redor do quarto. — Minha querida Jocelyn, Regina foi a única em minha vida a negar o que eu pensei que quisesse. Meu pai sempre esteve maravilhado com a própria vida para se preocupar com o filho e, por isso, achou mais fácil dar-me tudo o que eu queria. Vovó também satisfazia todas as minhas vontades, embora esperando fazer parte de minha vida. E você, minha doce...

Jocelyn arqueou as sobrancelhas perfeitas.

— Espero que não diga que eu fazia tudo o que você pedisse.

— Mas fez. — Ele encostou o ombro na porta e riu. — É verdade que você resistiu um pouco antes de sucumbir, mas aquilo fez parte da excitação de arrebatá-la de seu bravo capitão.

Ela acariciou-lhe o braço.

— Nunca pensei que ele tivesse a coragem de aceitar seu desafio para um duelo. Ele foi provavelmente o pior atirador que já vi.

— Felizmente para mim. Tive sorte dupla.

— Dupla?

Marcus sacudiu a cabeça. Se dissesse a Jocelyn como Regina estivera pronta para desistir de tudo para salvá-lo, a história seria espalhada pela alta roda da nobreza londrina. E ele não queria que isso acontecesse... pelo menos até ter uma oportunidade de acertar os ponteiros com Regina. Se isso ainda fosse possível.

Ele beijou-lhe novamente o rosto e inalou o perfume de Jocelyn pela última vez. Seria uma memória distante e agradável, nada mais.

— Até logo, Jocelyn.

— Marcus? — Ela segurou a porta. — Sem você, eu...

— Eu soube que o major Cook tem uma bela casa na Soho Square.

— Você sabia?

Ele riu.

— Não há segredos na alta sociedade, minha cara. Eu esperava falar com você sobre esse assunto logo após o retorno de minha estadia com Regina no campo. Quando finalmente tive tempo, duas noites atrás, encontrei minha esposa aqui e esqueci de você e do major. Sei também que a casa de Cook é um pouco austera.

Marcus a viu sorrir e entendeu que o major estava disposto a fazer alguns ajustes na vida. Assim como Marcus Whyte, ele lembrou a si mesmo, ao descer correndo a escada.

Se já não fosse tarde demais.

— Não! — A duquesa suspirou. — Minha filha querida, você não está se concentrando!

— Mas, Alteza... — Regina começou.

— Por que não me chama de vovó, como Marcus?

— Obrigada. — Ela sorriu. — Mas é tudo tão confuso, vovó.

A duquesa olhou as listas em sua mão e depois para Elayne que estava recostada, envolta em um cobertor com um cálice de conhaque à mão, no sofá do outro lado da sala de estar.

— Elayne, fico desanimada toda vez que tenho de ensinar alguma coisa a essa menina.

— Explique novamente — Regina pediu. — Aprendi com a cozinheira como fazer uma lista de compras. Certamente poderei aprender como dar à governanta uma lista de tarefas para as criadas.

— Incrível! — Marcus entrou na sala e entregou o chapéu para Gardner. — Será que estou escutando bem? Regina, você está falando sobre tarefas domésticas?

Regina corou, mas manteve a cabeça erguida.

— Achei que se eu aprendesse alguns itens a respeito da administração desta casa, eu não o envergonharia mais.

Marcus segurou as mãos de Regina nas dele, sem notar que a duquesa se levantava e saía da sala com Elayne. Ele só tinha olhos para a esposa e sentou-se a seu lado no sofá.

— Regina, você jamais me envergonhará.

— Eu o envergonhei naquela festa em que dancei com Benjamin, antes de dançar com você.

— Você me enfureceu e não me envergonhou. — Marcus pôs o dedo sob o queixo de Regina e fitou-a dentro dos olhos. — Eu estava com tanto ciúme que não pude suportar vê-la falar com ele. Ao mesmo tempo, pensei que ele seria o marido ideal para você.

Trêmula, Regina sacudiu a cabeça.

— Nunca mais diga uma coisa dessas.

— Como você poderia saber que ele era um traidor? Era provável que aceitasse um pedido de casamento de Sheldon.

— Na verdade, ele já havia pedido.

Marcus apertou-lhe os dedos até Regina estremecer e ele afrouxou o aperto.

— Quando foi isso?

— Quando eu tinha doze anos. Mas, por favor, não falemos dele.

— Então devemos falar de você? — Marcus pegou uma folha da pilha que a duquesa deixara sobre a mesa. — Isso é inesperado.

— Não dormi direito a noite passada. Entendi que eu estava pronta a dar minha vida por você, mas eu me recusava a fazer uma simples mudança. — Ela enrubesceu levemente. — Marcus, duvido de que algum dia serei uma boa esposa, mas eu gostaria de tentar melhorar, porque o amo.

— Mudanças são louváveis. — Ele passou um dedo no queixo de Regina e aproximou os lábios dos dela. — Eu também mudei um pouco. Você gostará de saber que Jocelyn tem um novo amante.

— Você não vai mais se encontrar com ela?

— E por que eu faria isso, se tenho uma esposa perfeita? — Marcus a beijou devagar, mas com todo o desejo que sentia por ela. — Para reconhecer a verdade, não passa por minha mente amar outra pessoa que não seja você.

— Mesmo se a outra pessoa for nosso filho?

— Nosso filho?

Regina sorriu, tímida.

— Estou levando seu herdeiro debaixo de meu coração. — Ela pôs a mão dele sobre o abdômen ainda plano. — Talvez seja um menino.

— Ou uma menina que crescerá tão rebelde como a mãe. — Marcus se levantou e ergueu-a nos braços. Regina abraçou-o pelo pescoço. — Só me ocorre uma maneira de celebrar a novidade. — Ele deu um sorriso matreiro.

O riso de Regina desapareceu sob os lábios de Marcus. Ele a levou para cima e para a cama que compartilhariam para o resto de suas vidas.

Eles não notaram a duquesa em pé do outro lado do saguão.

— Eu não disse? — a dama não falou com ninguém em particular. — Este será um dos melhores casamentos de todos os tempos. Por que ninguém me escuta?

Fim

A Nova Cultural tem muito mais emoções para você!

PAIXÃO SOMBRIA

Sara Reinke

Selo: Bianca

Augustus Noble é um homem que convive com muitos segredos. Sua vida inteira foi construída com meias-verdades, traições e mentiras. Medidas desesperadas para manter a mulher que ele ama, Eleanor Trevilian, em seu poder. Patriarca de seu clã, Augustus lutou durante séculos para criar um império de riqueza e prestígio para sua amada. Agora, porém, tudo o que ele lutou está em perigo, e Augustus não pode deixar que um inimigo de longa data descubra uma verdade que poderá pôr os membros de seu clã em risco...

Por direito de primogenitura, Eleanor Trevilian já teria garantida uma vida longa, além de seu casamento com o líder do clã lhe proporcionar também riqueza, luxo e conforto. Contudo, uma doença que secretamente devasta os membros de seu clã há gerações agora a aflige também. Seu prognóstico é sinistro, sua vida pode perder todo o sentido...

Ao longo de quase duzentos anos, Eleanor amou Augustus Noble, uma paixão que desafiava até as mais sagradas leis da Confraria dos Brethren. Por esse amor, ele a forçou a partir... Para protegê-la, ele partiu seu coração. Agora, Eleanor precisa regressar à fazenda no Kentucky que um dia foi seu lar, e ao núcleo da família, para salvar não só os seus entes queridos, como também Augustus. Porque, se ela não fizer isso, se por alguma eventualidade ela falhar, tudo o que ela e Augustus conheceram será destruído, inclusive o amor que compartilham...

PARAÍSO PROIBIDO

Kimberly Killion

Selo: Clássicos Históricos Especial

Forçado a fugir da Escócia em sua juventude e a abrir mão de um futuro como chefe de seu clã, Reid MacGregor prospera no Caribe depois de encontrar ouro. Mas ele ainda tem dois outros tesouros a reivindicar: a biblioteca perdida de uma antiga sacerdotisa maia e a jovem que ele deixou para trás...

Em seu esconderijo nas matas de Glenstrae, Mary-Robena Wallace vigia as fronteiras com os membros de seu clã, desesperada para salvá-los da crueldade do rei James. Renomada por sua habilidade como escavadora, ela concorda em unir forças ao homem que a abandonou e viajar com ele para o Caribe, em busca de ouro. Mas os frutos de um paraíso exótico e o beijo proibido de um traíçoeiro sedutor ameaçam desviá-la de seu objetivo...

A HISTÓRIA DE JANE

Joan Wolf

Selo: Julia

Lady Jane Fitzmaurice tinha tudo o que a sociedade aprovava e valorizava: uma beleza impecável, uma criação perfeita e uma respeitável fortuna. Mas sua personalidade forte e firmeza de opinião, por outro lado, provocavam críticas e comentários. Onde já se vira uma dama bem-nascida passar mais tempo em cima da sela de um cavalo do que em sua saleta, bordando? Como podia ela preferir a companhia de David Chance, o charmoso treinador de cavalos, à de Julian Wrexham, o nobre mais atraente da Inglaterra? Lady Jane já deixava a sociedade em polvorosa, mas um escândalo inédito estava prestes a explodir, no momento em que ela transgrediria todas as convenções e se prepararia para dar um passo

perigoso, que poderia arruinar seu bom nome e deixar seu coração partido para sempre...

ARDIL DE UM CORAÇÃO

Patricia Rice

Selo: Clássicos Históricos

Dois enigmas deixavam Arianne Richards perplexa. Por que o atraente e rico lorde Galen Locke estava tão interessado no misterioso retrato que ela havia encontrado? E por que esse cavalheiro nobre, lindo e irresistível demonstrava tanto interesse por ela quando estava comprometido com sua prima, a carismática e cativante lady Melanie? Uma das perguntas atiçava a mente de Arianne... A outra inquietava seu coração... E ambas ofereceriam respostas tão surpreendentes quanto os fantasmas do passado e os segredos do amor...

O CONDE CIGANO

Mary Jo Putney

Selo: Best Seller

Ele era conhecido por “Conde Demônio”, e diziam que era capaz de tudo. Filho de um embusteiro e de uma cigana, Nicholas Davies transformou-se em um notório libertino, até que uma traição devastadora o deixou sozinho e amargurado em meio à paisagem rural do País de Gales. Só mesmo o desespero levaria uma tímida e reservada professora a pedir ao Conde Demônio que a ajudasse a salvar seu vilarejo... Sem disposição para se envolver nos problemas alheios, Nicholas pediu um preço alto por sua ajuda: somente se Clara concordasse em viver com ele durante três meses, deixando que todos pensassem o pior dela, ele interviria na questão que tanto a afligia. Furiosa, porém sem escolha, Clara aceitou o desafio

ultrajante, e os dois foram arrastados para um mundo inebriante de perigo e desejo. Como aliados, Clara e Nicholas lutavam para salvar a comunidade dela... Como adversários, exploravam um terreno perigoso de poder e sensualidade... E como amantes, entregaram-se a uma paixão que ameaçava abalar os alicerces de suas vidas...

DESTINO INSÓLITO

Kathryn Kramer

Selo: Clássicos Históricos Especial

Escócia, 1565

Casada contra a sua vontade com um brutamontes das Terras Altas, a linda e graciosa Kylynn Gowrie sentiu-se reviver quando conheceu o atraente Roarke MadKinnon...

Roarke irrompeu de repente na corte da rainha Mary da Escócia, para reivindicar suas terras, mas seus modos gentis e sua ternura conquistaram o coração de Kylynn, que ansiava por entregar-se àquela paixão proibida...

Quando, porém, a rainha da Inglaterra tramou um ardil para a rainha da Escócia, a quem Kylynn venerava, o destino fez de Roarke seu inimigo. Seria o amor deles forte o suficiente para sobrepujar as agruras e as traições de uma guerra implacável?...

O FEITIÇO DE BELTANE

Patricia Rice

Selo: Bianca

Inglaterra, 1750

Ninian Malcolm Siddons vive sozinha numa cabana desde que perdeu a avó. Considerada como bruxa pela maioria dos moradores do vilarejo, Ninian não pode contar com ninguém, e tem de se conformar em ficar apenas observando, enquanto as moças e rapazes de sua idade saem e se divertem na noite de Beltane. Não que ela não seja uma jovem encantadora e atraente... Muitos rapazes adorariam namorá-la, não fosse o receio de serem vistos em companhia de uma bruxa...

Drogo Ives é um dos poucos que não resistem aos encantos de Ninian. Aproximados por um feitiço, nenhum dos dois consegue se afastar do outro. Entretanto, não é somente lenda, superstição e perigo que Drogo e Ninian terão de enfrentar... Eles terão de superar também a dificuldade de Drogo de confiar em alguém, e a maldição da família Malcolm. E à medida que o perigo se acerca cada vez mais, Drogo e Ninian precisam decidir se são capazes de confiar um no outro o suficiente para sobreviver ao caos e ser felizes juntos...

A FARSA DA CONDESSA

Joan Wolf

Selo: Clássicos Históricos

Inglaterra, Século XIX

Amiga leitora,

Quero deixar bem claro que não foi minha a ideia de criar uma armadilha para o melhor partido da Inglaterra, o conde de Greystone, se casar comigo. Meu tio, lorde Charlwood, é que estava por trás dessa pequena trama. Se meu pai não tivesse sido morto e me deixado aos cuidados de Charlwood, nada disso teria acontecido...

De repente, eu era lady Greystone, uma condessa e uma senhora casada. Aprender a ser condessa não foi tão difícil. Aprender a ser casada teria sido bem mais fácil se eu não corresse o risco de me apaixonar

perdidamente pela única pessoa que estava além do meu alcance... meu marido!

Bem, se eu não podia conquistar o amor de Adrian, pelo menos eu estava determinada a me vingar, pelo meu pai. Eu jurei desmascarar o assassino dele, e não me importava de correr perigo para alcançar meu objetivo. Portanto, se você, caríssima leitora, está curiosa para saber como eu me saí dessa, leia esta história...

Com todo o meu carinho, Kate, Condessa de Greystone

ANJO DIABÓLICO

Lori Brighton

Selo: Bianca

Quando Ashley Hunter herda a hospedaria onde seu pai desapareceu anos atrás, ela vê a chance de finalmente descobrir a verdade sobre o misterioso desaparecimento. Mas logo depois de tomar posse da decrepita construção, ela percebe que herdou não só respostas para antigas perguntas, como também espíritos, demônios e até anjos caídos! E então entra em cena Cristian Lucius, um homem bonito, charmoso e atraente, insistindo que quer apenas alugar um quarto na hospedaria. Ashley acredita nele, até que, um por um, seus fantasmas começam a desaparecer...

Como anjo caído, destinado a uma vida de servidão, Cristian está incumbido de proteger a Terra de espíritos indesejáveis. Mas ele não pode realizar essa tarefa sozinho. Ele precisa da ajuda justamente da mulher que o deixa tão frustrado quanto intrigado. Cristian está decidido a ignorar a intensa atração que sente por Ashley e concentrar-se em sua missão. Se eles não cooperarem um com o outro, não terão a menor possibilidade de derrotar o demônio que ameaça suas vidas. O problema é conquistar a confiança de Ashley... Uma façanha nada fácil, considerando-se que o homem responsável pelo desaparecimento do pai dela é ninguém menos do que ele próprio...

AMOR E OBSESSÃO

Brynn Chapman

Selo: Clássicos Históricos

Determinada a esquecer um passado de amarguras e a começar uma nova vida, Constanza Smythe deixa sua terra natal, a Inglaterra, e aceita um emprego de professora na América, mas acaba sendo alvo das atenções de dois homens.

Ao conhecê-la, Edward Teache, o infame pirata conhecido como Barba Negra, se dispõe a fazer qualquer coisa, seja dentro ou fora da lei, para torná-la sua noiva.

Porém, as mãos do destino, põe em seu caminho, Lucian Blackwell, um fazendeiro da Carolina do Norte, que se apaixona por Constanza e está determinado a protegê-la das garras do mais terrível pirata de todos os tempos...

O PRELÚDIO DE CAMELOT

Cynthia Breeding

(1º livro da série *Camelot*)

Selo: Clássicos Históricos Especial

Bretanha, 480

Um menino nascido para ser rei

Uther Pendragon, o rei de Kernow, deseja Ygraine, mulher de um de seus vassalos. Com a ajuda do mago Myrddin, ele consegue tê-la e, com ela, concebe Arthur.

Arthur cresce sem saber quem é seu pai. Seu mentor é Myrddin, e a única coisa que ele sabe é que deve lutar para salvar a Bretanha dos

saxões...

Uma menina destinada a ser rainha

O melhor amigo de Arthur é Bedwyr, irmão mais velho de Gwen, uma menina independente e corajosa, que vive em Cameliard e está determinada a livrar o vilarejo do jugo de um homem, seja ele quem for.

Arthur e Gwen só se viram quando crianças, mas na adolescência ela tem sonhos frequentes com um guerreiro valente e bonito, alguém que ela não conhece, mas que lhe desperta fantasias românticas e sensuais...

Um príncipe com sangue de feiticeiro

A força de Lancelot nas batalhas se equipara à de Arthur, assim como suas habilidades na cama... uma competição que um dia irá determinar o destino de Camelot...

A CAVERNA *Amber Dawn Bell*

Selo: Bianca

Você acredita em vampiros?

Eu, com certeza, não acreditava. Pelo menos até descobrir, no dia do meu aniversário de dezesseis anos, que eu era tudo menos humana. E a cereja do bolo – se é que se pode considerar assim – é que eu sou a primeira Vânător a existir depois de mais de quinhentos anos! Isso significa que minha missão é ser caçadora do mal. Isso mesmo, eu sou uma Buffy da vida real...

Para piorar as coisas, estou me apaixonando por Ryan, o novo garoto da classe. Nunca imaginei que fosse cair de amores desse jeito por alguém, que fosse ser uma adolescente boboca que fica aparvalhada, na frente de um rapaz. Que raiva... E para completar, ainda tem uma entidade que fica me perseguindo, querendo usar meu sangue raro para realizar seus feitos

malignos, uma colega de classe insuportável que inferniza a minha vida, e um treinador de ginástica que quer porque quer que eu chegue às Olimpíadas...

Pois é, e tudo começou com uma excursão da classe a uma caverna, nesta história que é tudo menos monótona, tudo menos normal, tudo menos previsível, da vida de minha pessoa, Cheyenne Wilde...

NOIVA POR ENCOMENDA

Michèle Ann Young, Kimberly Ivey e Billey Warren Chai

Selo: Julia

A NOIVA DE JAKE - Michèle Ann Young – Texas, 1867

Depois de perder suas parcas economias num assalto em Nova York, Tess Dalton agarra a primeira oportunidade que aparece e decide ir para o Texas como noiva por encomenda. Quem sabe o destino finalmente resolveu lhe dar uma chance de ser feliz?...

A NOIVA DE GRAY - Kimberly Ivey - Texas, 1885

Viúva e com um filho pequeno, Evangeline Payne foge para o Texas com a esperança de encontrar proteção nos braços do homem com quem se casou por procuração, apenas para descobrir que é o único homem que ela amou na vida...

A NOIVA DE JOSH - Billie Warren Chai - Texas, 1872

Depois de trabalhar como uma escrava para o pai e os irmãos, Annabelle Yeager chega no Texas para descobrir não só que seu noivo foi assassinado, como também que ele era o proprietário do bar e bordel chamado Chance Saloon... Em pouco tempo, a cidade se volta contra Annabelle, e alguém tenta matá-la. O xerife Josh Morrow jura mantê-la a salvo, mas a que custo para ele próprio?...

UM LORDE INESQUECÍVEL

Molly Zenk

Selo: Julia

Inglaterra, 1814

Mariah Woodhouse não consegue acreditar na própria sorte quando descobre que o atraente e carismático lorde Byron está morando numa casa de campo justamente em Southwell, Nottinghamshire, pertinho da estalagem de seus pais. Para se tornar mais desejável para o famoso poeta, Mariah convence seu amigo de infância, Walter Weylons, a se fazer passar por seu noivo. O plano funciona, e logo Mariah se vê obrigada a escolher entre dois cavalheiros muito diferentes: um lorde charmoso e libertino, e o tímido bibliotecário que é apaixonado por ela desde que eram crianças...

O SENHOR DE MORLAIX

Katherine Deauxville

Selo: Bestseller

País de Gales, Idade Média

Ela precisava dar um herdeiro ao marido...

Emmeline não sabia nada a respeito do homem que aceitara sua oferta, nem mesmo seu nome. Por dinheiro, ele lhe daria o que ela precisava. No entanto, em vez de pagar o homem e se afastar sem pensar mais no que acontecera, ela viveu uma noite de paixão que a assombraria para sempre. Emmeline teve o bebê que tanto queria... mas a vida lhe cobraria um preço bem mais alto dez anos depois...

Niall FitzJulien é o novo lorde do Castelo Morlaix. Para seu espanto, a mulher que está à sua frente para homenageá-lo segura a mão de seu filho... seu filho de dez anos de idade!

Ele se recorda daquela noite, uma década antes, quando acordou na manhã seguinte a uma noite de paixão, apenas para descobrir que a mulher havia se esgueirado de sua cama... e levado consigo o seu coração. Agora ele compreende quão cruelmente foi usado, e como foi privado da convivência com o filho. Porém não mais. Agora, Emmeline será sua vassala, e irá servi-lo de todas as maneiras que ele determinar...

QUANDO O AMOR ACONTECE

Jo Ann Ferguson

Selo: Julia

Aos vinte e seis anos, Charity Stuart já é considerada solteirona na sociedade inglesa. Mas ela acredita que sua irmã mais nova possa conquistar o coração de um pretendente da aristocracia. Principalmente quando a tia de ambas as convida para uma temporada em Londres.

Numa parada durante a viagem, no entanto, Charity conhece Oliver Blackburn, um homem perigosamente bonito e charmoso que ela acaba por reencontrar em Londres.

O que poderia o diabolicamente belo Oliver Blackburn querer com uma ruiva, de língua afiada, a ainda por cima solteirona? Logo a sociedade inteira está em polvorosa... e o coração de Charity perde um compasso a cada vez que o nobre notório se aproxima. No entanto, em uma cidade cheia de intrigas, segredos e perigos, seria o romance de Charity com Blackburn a sua ruína... ou era uma vez um grande amor?...

A MALDIÇÃO DE ELISE

Kimberly Killion

Selo: Clássicos Históricos Especial

Escócia e Itália, 1486

Por sugestão de uma vidente, lorde Taveon Kraig viaja à Itália com o intuito de recuperar um amuleto mágico e, com ele, quebrar uma maldição antes que esta tire a vida de sua cunhada grávida no momento de dar à luz, como tem acontecido com todas as mulheres de sua família ao longo de um século.

Quem possui o amuleto é Viviana Gorini de Medici Martinus Da Vincenza, uma escultora cega, e guardiã de Lorenzo o Magnífico. Ela usa a magia do amuleto para enxergar através dos olhos de outras pessoas. Depois de sobreviver a dois casamentos infelizes sem engravidar, e de ser considerada estéril, Viviana está determinada a não se casar novamente.

Taveon não tem coragem de privar Viviana de sua visão, tirando-lhe o amuleto. Acreditando que ela esteja protegida da maldição, Taveon lhe propõe casamento e tira proveito das superstições de Lorenzo para forçá-la a voltar com ele para a Escócia. A princípio, ele encontra resistência por parte de Viviana, pois sua experiência com os dois casamentos anteriores a deixam bastante relutante em aceitar a proposta. No entanto, não demora muito para que a atração mútua se torne impossível de ignorar e de combater. Mas esse amor entre Taveon e Viviana, que se intensifica a cada dia durante a viagem, será suficiente para quebrar a maldição e salvar a todos?...

A ESCOLHA DE ROSE

Marsha Canham

Selo: Bestseller

Três irmãos desejavam a mesma mulher... Porém, somente um deles a amava de verdade!

Rose China Grant chegou em Portsmouth, faltando somente duas semanas para seu casamento com sir Ranulf Cross. Logo na primeira noite, na casa que seria seu futuro lar, sua vida foi ameaçada...

À medida que os dias passavam, fragmentos de um antigo mistério e segredos de família começaram a se desenredar, mais rápido do que a capacidade de Rose de assimilá-los. E então ela se viu forçada a escolher entre cumprir uma promessa feita a seu pai, no leito de morte, e o impulso de seguir a voz de seu coração...

CORAÇÕES SOLITÁRIOS

Leanne Burroughs

Selo: Clássicos Históricos Especial

Um amor impossível...

Em plena guerra pela independência da Escócia, o jovem lorde Grant Drummond vai até a fronteira entre a Escócia e Inglaterra com a intenção de vingar o brutal assassinato de seu pai. Depois de sequestrar Victoria, a filha de seu inimigo, ele a leva para seu castelo nas Terras Altas, onde os dois enfrentarão sua própria batalha pessoal... uma batalha de vontades irredutíveis, de temperamentos explosivos e de emoções poderosas... enquanto os conflitos entre os dois países se intensificam.

Poderão este homem e esta mulher, separados por diferenças irreconciliáveis, encontrar a felicidade nos braços um do outro e fazer seu amor aparentemente condenado sobreviver e durar por toda a eternidade?...

ANJO OU DEMÔNIO

Phoebe Conn

Selo: Bianca

Dave Olson é um escritor, cuja popularidade está em decadência. Ao saber que o gênero romance paranormal está em alta e é grande sucesso de vendas, ele se arrisca a escrever uma história sobre vampiros, com Jesus como um dos personagens principais. Dave, então, envia um e-mail a seu melhor amigo, Eric Collins, professor na Universidade do Arizona, contando sobre seu plano, porém nem por um momento, Eric leva aquela ousada ideia a sério. Acreditando tratar-se de uma brincadeira, ele encaminha o e-mail para seus amigos, que por sua vez o encaminham para outras pessoas. No entanto, quando Dave recebe ameaças de morte e por fim é assassinado, Eric se sente responsável pelo que aconteceu com o amigo e jura para si mesmo fazer o que puder para encontrar o criminoso...

Mae Lambeau, que também é membro da faculdade e o mais recente interesse romântico de Eric, se oferece para acompanhar Eric à pequena cidade de Sierra Madre, no sul da Califórnia, onde Dave morava, a fim de ajudá-lo nas investigações. Mas enquanto se empenha em desvendar o mistério que cerca a morte de seu amigo, Eric fará descobertas acerca de Mae e do assassino que mudarão a sua vida para sempre...